

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 11 DE FEVEREIRO DE 1969 N.º 16 576 ANO 48.º UM ESCUDO

ESPECTACULAR
SORTEIO
DE 20
AUTOMÓVEIS OPEL
PHILIPS
TRIUNFO DA TÉCNICA



O primeiro-ministro britânico, Harold Wilson, que hoje inicia uma visita de quatro dias à República Federal Alemã. (Ver notícia na pág. 15)

«HÁ QUE PROMOVER O PROGRESSO DE UMA NAÇÃO DESEJOSA DE RECUPERAR ATRASOS»

declarou o Presidente do Conselho na «conversa» que teve com o País (Pág. 16)

NIXON IRÁ A BERLIM

APESAR DA ATITUDE DA R. D. A.

KEY BISCAYNE (Florida), 11 — (A. N. I.) — A Casa Branca confirma que o presidente Nixon tenciona visitar Berlim-Occidental, no fim deste mês, apesar da ameaça de Pankow de limitar o acesso por estrada àquela cidade.

O secretário de Imprensa, Ronald Ziegler, declarou que as críticas russas e outras à prevista deslocação de Nixon a Berlim-Occidental em nada contribuíram, até agora, para a impedir.

Quanto à declaração da «Izvestia» de que a visita de Nixon a Berlim, em 27 de Fevereiro, «mais complicará» a situação criada pelo bloqueio parcial, o secretário de Imprensa afirmou: «o presidente fará a viagem a Berlim-Occidental, até agora prevista».

As restrições ao acesso rodoviário a Berlim-Occidental anunciadas pela República de Pankow, constituem «motivo de preocupação» para os Estados Unidos — declarou Robert McCloskey, informador da Secretaria de Estado, acrescentando que a posição de Washington reside na premissa de que a Rússia é responsável pelo

livre acesso de pessoas e de mercadorias àquela zona da antiga capital alemã.

Entretanto, a Secretaria de Estado vai enviar uma resposta à nota russa em que o Kremlin protestou

(Continua na 14.ª página)

COM O BENFICA NA HOLANDA

NEVE MAIOR PREOCUPAÇÃO DO QUE O «AJAX»

AMSTERDÃO, 11 — O jornalista queria fugir ao tema — que sabe glosado e batido. Mas não se pode alhear — a crónica seria quase um elogio à neve, à beleza da paisagem, à estranheza do maravilhoso resorte das árvores nuas, à admiração pelas faces ver-

melhas e olhos brilhantes das holandesazinhas, se aqui, amanhã, não houvesse um jogo de futebol. Jogo que é um caso sério. E jogo que põe a Holanda em «pólvora», toda virada para um optimismo que não esconde, nem disfarça.

E como futebol é futebol,

mesma com neve e preocupante ameaça de possibilidade de gelo, terá de se falar do jogo, deixando a su-

DO NOSSO ENVIADO ESPECIAL

Mário Zambujal

gestão da neve para «esrito mais propício».

Reunião com a Imprensa no Aeroporto

Pouco passava do meio-dia quando o Benfica chegou a Amsterdão. Os órgãos de informação em peso, aguardavam os campeões nacionais. Fotos, imagens para a televisão — ambiente de acontecimento grande. Depois uma desilusão para os camaradas holandeses: só Coluna poderia falar — ordem dos altos

(Continua na 21.ª página)

Elaborado o projecto do troço de auto-estrada Carvalhos — Albergaria-a-Velha

Tudo leva a crer que a auto-estrada do Norte sofrerá um substancial prolongamento num futuro mais ou menos

próximo, mas impossível de prever para já.

Com efeito, segundo informações de boa fonte, estaria

apenas dependente do beneplácito governamental o pro-

(Continua na pág. seguinte)

HOJE 28 PAGINAS VISADO PELA CENSURA



A Semana Verde em Berlim, grande exposição internacional de agricultura (20 países), iniciou-se, este ano, dos padrões tradicionais. Os produtos agrícolas e das indústrias afins foram apresentados, não em estande, do tipo tradicional, mas em «boutiques», docas originais. Bolsas vestidas em obediência rigorosa aos ditames da moda, conforme a hora do dia, custam a preparar refeições e refeições. A jovem da gravata está encarregada da propaganda do leite, pelo que só se deve fixar uma líquida e mais nenhuma pensamento... Entendido?

O POVO CHILENO PODERÁ SER CHAMADO A PRONUNCIAR-SE ACERCA DA REFORMA CONSTITUCIONAL

SANTIAGO DO CHILE (Fevereiro) — Durante uma alocução radiodifundida, o presidente Eduardo Frei deu a conhecer os pormenores do projecto de reforma constitucional anunciada há algum tempo. As alterações a uma Constituição que data de 1925 visam aumentar as atribuições do Poder Executivo. Com efeito, Eduardo Frei, pensa que os malogros do Governo em matéria económica são devidos às deficiências da actual Constituição, que favorece os conflitos entre os diferentes poderes e impõe prazos de entrada em aplicação que tornam ineficazes as iniciativas governamentais.

Para resolver os problemas que opõem o Executivo ao Legislativo, o presidente chileno propõe três medidas. Por um lado, tornar efectivo e uso do plebiscito já previsto na antiga Constituição. Este poderia, por exemplo, ser utilizado se o Congresso rejeitar o actual projecto de reforma. Por outro lado, criar um Tribunal Constitucional que seria encarregado de solucionar os diferendos entre o Governo e o Congresso, quanto às respectivas atribuições. Por fim conceder o direito de dissolução do Parlamento, uma vez durante o seu mandato. Isto evitaria ao Poder Executivo ter de esperar por novas eleições, e continuar a governar face a uma oposição maioritária.

Para facilitar e acelerar a



EDUARDO FREI

promulgação das leis, Frei propõe que certas leis sejam aprovadas pelas diferentes comissões especializadas do Congresso, e não pelo

Congresso na totalidade. Em caso de urgência, as leis deveriam ser votadas ou rejeitadas pelo Parlamento no prazo máximo de um mês. Passado este tempo, seriam automaticamente aplicadas. Frei também previu no projecto «leis normativas» e «leis-programas», para permitir ao Poder Executivo tomar, em domínios bem especificados, disposições com força de lei.

As últimas medidas, consideradas pelo chefe do Estado como as mais importantes desta reforma, dariam ao Governo a iniciativa exclusiva das leis e das disposições relativas às despesas públicas, às previsões económicas e às remunerações do sector privado. Segundo Frei, «a política monetária, as despesas públicas são de tal modo determinantes que não podem ficar expostas a iniciativas contraditórias, que inspiram receio e insegurança àqueles que trabalham».

As reacções ao discurso do chefe do Estado não foram até agora muito vivas. Os parlamentares dos partidos na oposição, sem criticar abertamente todas as re-

formas propostas, têm de preferência a tendência a tornar responsável a maioria pelo mau funcionamento do sistema actual. Só os grupos políticos de esquerda se manifestaram contra o espírito «antidemocrático» das reformas propostas. Acusam o chefe do Estado de querer impor ao país um regime «caesarista». Censuram-no igualmente por «colocar os seus malogros em matéria económica na conta do sistema constitucional, quando de facto é ele o seu principal responsável».

O projecto foi apresentado ao Congresso nacional. Será estudado pelo novo Parla-



mento dentro de meses, mas alguns observadores prevêem que esta reforma será rejeitada pelos parlamentares e que Eduardo Frei poderia então apelar para o povo a fim de este se pronunciar por meio de referendo.

A VACINA EXPLOSIVA

A gripe de Hong-Kong e a respectiva vacina vieram lançar a discórdia na habitualmente pacata população lisboeta. A a princípio risonha preocupação originada por mais esta insólita epidemia, de que os jornais se faziam eco com talvez excessiva largueza, vem sucedendo uma crescente e avassaladora obsessão, que é responsável por discussões violentíssimas e cortes de relações tonitruantes. As posições extremaram-se e já é difícil, neste mundo de relação que é o nosso, mantermo-nos afastados da liça — é-se por ou contra a vacina (quase poderíamos dizer por ou contra a própria gripe). E é-se isso com calor, com fúria.

Os argumentos chovem. A vacina? Uma sandice — os hospitais estão (diz-se...) cheios de gente que se deu mal com as reacções por ela causadas, e, além do mais, que mal virá ao mundo em apanhar-se uma gripezinha tão benigna? Tão inofensiva, como parece ser esta A2 Hong-Kong 68, nome complexo a recobrir, afinal uma realidade comestível, banal... E para, pois então! Não, a mim (a esses que discorrem assim) não me apanham eles! E para quem duvida, para quem estrebucha ainda nas garras da incerteza ou da in-

credulidade, para esses estão reservadas as razões definitivas e irresponsáveis: a eficácia de só 60% da vacina referida e o enorme lapso de tempo entre a sua inoculação e o começo da (limitada) acção preservativa.

Os outros (os por) pintam com negríssimas cores as características da epidemia hodierna, prevenindo terríveis (e irrecuperáveis) consequências para os temerosos que continuam a não se lhe querer submeter. Recordam a mortífera pneumónica de 1918, e os mais radicais folhetim, mesmo, os calhamaços de história à procura dos relatos das pestes medievais, com que acenam aos adversários mais afoitos. Aumentam desmesuradamente os perigos que a não-vacinação acarreta, especialmente quando em presença de indivíduos ainda não imunizados — e fazem-no com um sadismo que espanta. Esmagam argumentos de ineficácia ou dor imputadas à vacina, chamando medrosos e piegas aos que especulam com aqueles. E os tentam, com fúria, a sua saúde de ferro, mesmo em face dos «inimigos» que, mau grado não terem ainda recebido a picada, também estão sãos como puros...

Nos cafés, no «Metro», nas bi-

chas, no dentista, em casa da avó, não se fala de outra coisa, e sempre com acrimonia, tomando-se um partido vincado e intransigente. A mim já me perguntaram, como que num desafio, se eu era dos que aprovavam ou reprovavam — contestei, balbuciante, que, por acaso, tinha sido vacinado, mas não era de nenhuma facção. O meu interlocutor olhou-me com um desprezo que jamais esquecerei: mas nunca saberei se por ele ser dos que preferem morrer a vacinar-se ou por, pertencendo ao grupo dos que têm pena de não poderem ser vacinados mais do que uma vez, sentir asco por eu não compreender a sorte que tenho. No meio de alinhados, eu, indiferente, começo a achar-me estúpido, insignificante...

Pobre sociedade a nossa, que terça armas com tal vigor por uma epidemia que nem chega a se-lo, por uma vacina que talvez nem o seja! (como vêem já estou a tomar partido — era inevitável). Pobres de nós que não conseguimos abandonar as guerras de alcorém e manjerona, em que, periodicamente, nos debatemos com fúria. Com uma fúria depressiva e descon-soladora.

SEBASTIÃO REGO

Nova
do
dia

OLHAR LONGE E LARGO...

Bem gostaríamos que esta não fosse mais uma das centenas de cartas tidas por inúteis, incómodas ou impertinentes que asfixiam a actividade do Prof. Marcello Caetano se ele se deixasse atrair para o risco de as ler de ponta a ponta em cada um dos seus dias de trabalho. Aliás, já aqui, por mero palpite, tal situação foi entrevista e comentada. Há-de ser, realmente, todo o catálogo das pequenas inquietações particulares, muito mais do que das grandes inquietações gerais, pois que, dessas, se não somos nós que lhe falamos, é o primeiro-ministro que nos fala a nós.

Elas estão presentes, essas inquietações. Estão presentes mesmo quando não as referimos especialmente, pois estão na consciência de todos os responsáveis, entendendo-se como tais todos quantos, de algum modo, ocupam posições de influência; cumprimos o doloroso dever de não nos considerarmos a nós próprios alheados dessa parcela de responsabilidade, a que resulta deste trato diário de uma actualidade que é aquela que respiramos. Quem julga que se pode dar por não achado?

De qualquer modo, nós que todos os dias nos dirigimos ao público, também sofremos o impacto da réplica, da queixa e da contestação. É o contacto directo com a massa popular que nos propõe as suas razões. Nem sempre será cómodo, algumas vezes virão perturbar uma linha de raciocínio que previamente se estabeleceu, mas nem por isso deixamos de ir para a balança a pesar no prato das possibilidades: antes de deltar fora o joio é preciso escolher para o separar do trigo.

A verdade é que os problemas são muitos, são muitos e variados. Não se exagera dizendo que o País está cheio deles. A busca das soluções não é, não pode ser por capricho, há que pesar e medir, ver quanto é que custa hoje e quanto é que pode render amanhã, onde estão os meios disponíveis, onde estão os homens precisos e justos para a operação de mãos à obra. Escusamos de nos iludir, parecendo bem preferível identificar as realidades: o País é pobre, até de gente. Se não formos reciprocamente generosos e compreensivos ainda será pior.

Quais, então, os problemas? Deles fez o Prof. Marcello Caetano um sumário exemplificativo, de que por amostra se registam o serviço público, a coordenação administrativa, a independência da justiça, as casas (que não chegam) para todos, a juventude, o ultramar... «Estamos a presenciar uma espantosa transição histórica», claro que estamos. E é isso que faz a cor do tempo, é isso que dá dos problemas uma expressão que deixou de caber nos moldes que a nossa geração herdou e terá de refazer.

Parece complicado de mais, mas não podemos voltar as costas, nem aos problemas nem à muralha de dificuldades que não os deixa ver bem de frente e de que o Chefe do Governo fez o rol: o boato, a calúnia, a intriga, a deturpação, a impaciência, que fazem «perder tempo e gastar energias». Difícil? Com as coisas fáceis não vale a pena perder tempo, pois que se resolvem por si. Mas ao longo da História ficou o registo das fadigas e dos lamentos, como o do famoso vice-rei que se dizia de mal com os homens por amor de el-rei e de mal com el-rei por amor dos homens.



Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVINCIA

AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE

ROSSIO 3 2

TELEF. 369364

**Maior conforto no uso de
Dentes postíços**

É a maneira agradável de evitar o desconforto de uma placa sobre DENTOFIX, um pó especial que se polvilha nas placas superiores e inferiores, fixa as mesmas firmemente de modo a dar maior conforto. Evita aquela sensação gomosa e pastosa tão desagradável. É alcalino (não ácido). Não magoa. Elimina o mau hálito das dentaduras. Adquire hoje mesmo Dentofix em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

DINHEIRO

S/ AUTOMÓVEIS

Empréstimo em boas condições. Transacções rápidas. Sigilo absoluto.

SONIPAL

R. CONDE REDONDO 14 2º
1100 LISBOA - TEL. 52248 556382

Em MAPA e «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se ao Café e Cervejaria Sabino Faria, 18-A.

¡PONHA BRAÇOS NO SEU CAMION!
O CARREGADOR HIAB ELEVA, TUDO; ATÉ OS SEUS LUCROS! DEFENDA-SE, COMPRANDO BRAÇOS A PREÇOS FIXOS!



ROLIM COMERCIAL, S.A. R. L.
R. Vitorino Damásio, 3 - Tel. 64 81 73 - Lisboa
R. Passos Manuel, 51 - Tel. 3 44 33 - Porto

QUANTAS BOLÍVIAS NUMA SÓ?

LA PAZ (BOLÍVIA) — A sensação de se estar numa cidade índia é a que La Paz transmite ao forasteiro mas, apesar disto, grande parte dos habitantes da sede do governo boliviano descende de velhas famílias espanholas.

Índios são metade da população boliviana e em La Paz essa deve ser a proporção, mas os outros cinquenta por cento descendem ou vieram da Europa — Polónia, Áustria, Alemanha e França. Todos estes vestem-se como os negociantes europeus e norte-americanos e as mulheres seguem de muito perto as modas de Paris, embora seja possível encontrar belas morenas com requintados vestidos europeus sob ricos e tradicionais ponchos bolivianos.

Em todas as cidades bolivianas podem encontrar-se brancos, evidentemente, mas La Paz é onde cidadãos não-índios formam uma concentração mais maciça. São as diferentes espécies de índios bolivianos que tornam este país tão diferente dentro de si próprio.

Não muito longe de La Paz fica o lago Titicaca, o mais alto lago navegável do Mundo (mais de quatro mil metros de altitude). Diz-se que estas eram as águas sagradas dos Incas. As suas ilhas habitadas, e os seus braços de um azul profundo constituem das mais belas paisagens da América do Sul.

Sómente um terço deste maravilhoso lago pertence à Bolívia, mas os bolivianos, sem mar e sofrendo uma nostalgia profunda por este, sentem-se muito orgulhosos deste tranquilo lago perto do céu.

Não só as ilhas, como os canais que derivam do Titicaca são habitados por índios aymaras. Este povo cobre toda a parte norte do altiplano, e grandes áreas da cidade de La Paz, principalmente os subúrbios, onde casas de adobe ou tapia se encostam pelas colinas.

Adobe é um tijolo secado ao sol, feito com palha, lama e estrume. Tapia é o mesmo que adobe, só que dão este nome a enormes tijolos amassados e secos em formas diferentes.

Os Aymaras, com cinco ou seis tapias constroem a parede de uma casa. Os telhados das habitações dos Aymaras podem ser de palha, essa palha de água a que eles chamam *totorá*, e que serve quer para alimentar gado ou para os próprios índios comerem, quer para construir os leves e infláveis barcos em que os Aymaras cruzam o lago em todas as direcções.

Barcos de *totorá*, ou balsas, levam os Aymaras a todas as partes do lago. Apesar de não serem tão duráveis como um bom barco de madeira, estas típicas embarcações, cujas réplias minúsculas as crianças nos oferecem no aeroporto de La Paz, aguentam perfeitamente o trabalho árduo do transporte e da pesca.

A maior parte dos índios aymaras dedica-se à cultura dos campos. Há séculos que os Aymaras têm o culto dos animais. No passado, lamas, alpacas (uma lama maior e de pele mais fina), porcos da Guiné e cães eram os únicos ani-

usam constantemente, e os desenhos que os ponchos apresentam são, de facto, irresistíveis.

As mulheres, gordas e baixas na generalidade, têm orgulho no número das suas salas de veúdo, e num dia festivo pode encontrar-se raparigas ou matronas com mais de 50 salas, umas por cima das outras.

Os Aymaras constituem o maior grupo étnico que vive no «alto planalto» (altiplano). Mas eles não são únicos. Entre os grupos mais pequenos que habitam esta zona, estão os Urus e os Chypala. Os Urus são povo de água. Comem quase exclusivamente peixe e as suas casas são feitas de *totorá*, a palha que usam nos seus barcos. É um pequeno povo em extinção. Debeis, os Urus vão morrendo aos poucos, e é de recear que dentro de alguns anos esta espécie se tenha extinguido.

Os Chipaya vivem no Sul do território dos Aymaras. Embora se pareçam com estes últimos, em muitas coisas, eles têm diferenças profundas, no entanto. Falam a sua própria língua, que não é aymara. Em vez de casas rectangulares, eles têm, para viver, cabanas que se assemelham a colmeias. As mulheres usam o cabelo penteado em caprichosas espirais. Os Chipaya não só não gostam dos Aymaras como os consideram inimigos.

O POVO DAS «YUNGAS»

O povo das yungas não apresenta diferenças fundamentais daquele que ocupa o altiplano, pois es-



Quechuas deixando o trabalho em Machacamarcá, vendo-se as mulheres com os tradicionais chapéus de coco ou altos, como fornos de cachimbos

menos índios puros e a ascendência europeia é mais nítida. Como resultado disto, o castelhano é mais falado do que qualquer outra língua. Sempre que falam um dialecto índio, este é aymara.

Um pequeno grupo de pessoas é característico das yungas: os negros, os pouquíssimos negros que são os descendentes dos escravos trazidos de África nos princípios da época colonial espanhola.

Durante séculos, estes negros sofreram com os

QUECHUAS — A FRANQUEZA E A ALEGRIA DAS GENTES DOS VALES

A maior diferença de raças pode ser observada e sentida nos vales, onde os índios locais pouco se assemelham aos Aymaras, nem na língua, pois além de serem muito mais francos e alegres falam quechua.

No entanto, como os Aymaras, a maior parte são agricultores e vivem em casas rectangulares, de bom e sólido adobe.

Poderá parecer brincadeira, mas a verdade é que a diferença destes povos reflectem-se nos chapéus que usam...

Enquanto os povos do altiplano e das yungas usam o gorro de lã com protecção para as orelhas, sob os sóbrios chapéus de feltro preto, e as mulheres encaixam no cabelo lustroso os muito britânicos *derby hats*, o do vale cobre-se com espumantes chapéus — as mulheres com enormes e brancos chapéus, semelhantes a fornos de cachimbos, e os homens com uns curiosos e estranhos chapéus-gorros, que não são mais do que uma réplica aos capacetes utilizados pelos conquistadores espanhóis.

As mulheres enchem os mercados e ocupam o seu tempo e dinheiro no negócio de espantosas peças de joalharia, onde o ouro e as pedras preciosas são aproveitados numa forma de grande expressão artística. As suas blusas largas e ricas, e as salas plissadas têm muito que nos faz lembrar o vestuário das mulheres espanholas de há 300 anos.

«ORIENTE» — UM OUTRO PAIS

O oriente boliviano apresenta muitas razões para ser considerado um país estrangeiro dentro da própria Bolívia. O seu clima é diferente, a sua comida é diferente, e seu povo muito diferente.

O povo do altiplano chama aos bolivianos do oriente *cambas*. Mas

dentro do próprio «oriental» há uma acentuada diferença — e separação — entre os brancos e os *Cambas*.

A mais velha e mais importante cidade do «oriental» é Santa Cruz, fundada em 1557.

Há 15 anos, Santa Cruz estava, praticamente, isolada do mundo, e para a atingir seriam precisos muitos dias de cavalcada penosa e lenta. Foi em 1954 que uma estrada a ligou com Cochabamba. Até esta estrada estar construída, uma viagem entre estas duas cidades levava 10 a 12 dias, a cavalo. Hoje é possível percorrer a mesma distância em 12 horas, embora a estrada seja um mau caminho cheio de areia. Carros de bois são uma constante na paisagem.

Enquanto as mulheres de quase toda a Bolívia carregam coisas — incluindo os filhos — às costas, a mulher do «oriental» sabe usar a cabeça como suporte para grandes carregos, fazendo, por vezes, lembrar neste hábito e nas vestes escuras, as mulheres portuguesas.

O desenvolvimento de Santa Cruz está hoje intimamente ligado com a descoberta recente e a imediata exploração de petróleo, e, principalmente, de jazigos de gás. A Bolivian Gulf Oil Corporation é quem opera na região.

O «oriental» boliviano tem, no entanto, razões potenciais para acreditar num futuro desenvolvimento. O seu solo é fértil, a irrigação abundante e as chuvas periódicas. Grandes áreas à volta de Santa Cruz são hoje promissoras plantações de cana-de-açúcar, enquanto noutras zonas o algodão e o arroz se desenvolvem. Próximo de Trinidad, outra cidade importante, uma vasta planície é um excelente pasto para um número crescente de gado.

Nos últimos anos, a Bolívia procurou pôr o «oriental» com povos de outras terras. Um grupo de

(Continua na 3.ª página)



na terra do condor e do crocodilo



Índios fazendo tijolos de adobe num bairro indígena de La Paz

importância do gado, e muitos bovinos ocupam importantes áreas do altiplano. De resto, a carne que se come em La Paz pode competir, em qualidade, com a dos restaurantes de Buenos Aires e os de Montevideu.

Eles mantêm a tradição da lã de lama e de alpaca no vestuário, mas actualmente a lã de ovelha concorre já abertamente com a sua similar, que durante séculos, até hoje, agasalhou os homens das terras altas, sob os seus espessos e macios gorros e ponchos.

As roupas aymara tornam estes índios de pequena estatura um forte motivo para os olhos — o colorido de suas lãs, os chapéus de coco, debruados e perfeitos, que as mulheres

tas terras áridas, mas de uma exuberante e selvagem vegetação e clima tórrido limita o norte do altiplano. No entanto, nas yungas, há

Aymaras o jugo do colonialista. Por isso, eles hoje ainda se vestem como aymaras e falam aymara para se expressar entre si.

ALGURES NO MUNDO

um repórter do «Diário de Lisboa»

Joaquim Letria

TIVOLI

TEM A HONRA DE APRESENTAR, PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL, O PIANISTA MAIS GENIAL DESTE SÉCULO

O ARTISTA SOVIETICO

SVIATOSLAV RICHTER

2 ÚNICOS CONCERTOS

NO DIA 21 DE FEVEREIRO ÀS 18.30 H.

PROGRAMA ROMANTICO

ESTUDOS SINFONICOS Schumann
QUADROS DE UMA EXPOSIÇÃO Mussorgski

NO DIA 22 DE FEVEREIRO ÀS 21.45 H.

Concerto em colaboração com a Sociedade de Concertos
Folha de Album Schumann
8.ª Sonata Prokofiev

A BILHETEIRA ABRE QUINTA-FEIRA, DIA 13

Maiores de 6 anos

Representante em Portugal de

SVIATOSLAV RICHTER

SEQUEIRA COSTA

TEATRO VILLARET

BILHETES A VENDA



Depois de

VINICIUS • BADEN • MARCIA

A NOVISSIMA MUSICA DO BRASIL

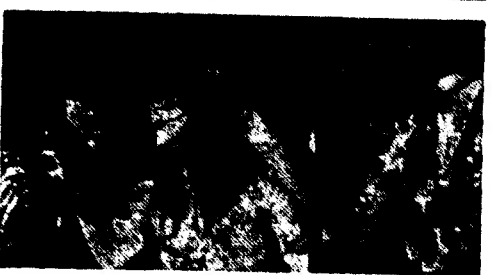
EDU LOBO e os Mutantes

e a cantora brasileira JOYCE

Últimos dias: Hoje e amanhã

AS 18.30 HORAS • MAIORES DE 12 ANOS

EDU LOBO e OS MUTANTES viajam pela TAP



NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ O cineasta soviético Grigori Kozintsev, que realizou recentemente um «Hamlet», vai começar a rodar um novo filme, também extraído de um drama de Shakespeare. Desta vez será «O Rei Lear».

■ O realizador Robert Fisz rodou o filme «Viagem de Ida e Volta», produção italo-espanhola, onde intervêm os actores Edward G. Robinson, Maria Grazia Buscetta, Adolfo Celi, Manuel Zarzo, Ana

Maria Custódio e José Boudalo.

■ Nos diversos estúdios maderrenses dobraram-se setenta e oito películas estrangeiras durante o ano de 1968. A maior percentagem correspondeu às películas norte-americanas, seguidas pelas inglesas e pelas francesas.

■ Realizar-se-á de 25 de Junho a 6 de Julho o Festival Internacional Cinematográfico de Berlim-Oeste.



EM «TOURNÉE»
EXCEPCIONAL PELA R.T.P.

A CANTORA FRANCESA

JENNIFER

DO SHOW SACHA DISTEL

ANIMARÁ NO «HOTEL ALGARVE»

AS NOITES DE CARNAVAL

MÚSICA DE DANÇA COM O

TRIO HÉLDER MARTINS

DA RÁDIO E TV PORTUGUESA

Telef. PORTIMÃO 1101/10

NOVO CASINO ESTORIL

apresenta



LIMA KIM

vedeta
Sul-Coreana
da
canção

RUDI HORN

ORIGINAL
EQUILIBRISTA
E MALABARISTA

MARIA VALEJO

DORISS GIRLS' SHOW

DO «MOULIN ROUGE» DE PARIS

OS «SHEIKS» • JIRINA'S COMBO

JORGE COSTA PINTO E SUA ORQUESTRA

o grande show começa às 21.30h e vai até às 1.00h

NO CINEMA, ÀS 17 e 21.30 H. (M. 12 anos)
O FLOJO DA FREGUÇA

COLISEU

HOJE, às 21 e 30
(Maiores de 12 anos)

GRANDE
COMPANHIA
DE CIRCO
DO CARNAVAL

As maiores atrações
PALHAÇOS

QUINTA-FEIRA

A tarde, entrada gratuita
às crianças dos 6 aos
10 anos

SÁBADO
INAUGURAÇÃO DO
CARNAVAL DO COLISEU
Bilhetes à venda

ABC

ELAS É QUE SABEM

Revista com Ivone Silva,
Nicolau Breyner, Henriqueta
Maya, Delfina Cruz, Acúrcio
e José de Castro.

MARIA DA FÉ
TONI DE MATOS

HOJE, às 20.45 e 23 h.
(ADULTOS)

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Teatro LAURA ALVES

2 SESSÕES ÀS 20.45 e 23 h. (Adultos)

NUMA COMÉDIA
DE PALPITANTE
INTERESSE:

VASCO MORGADO apresenta em

PLENO ÉXITO

BRUNILDE JUDICE • RUI DE CARVALHO

Manuela Maria, Célia de Sousa, Fernanda Figueiredo,
Benjamin Falcão e o por-revelação Guida Maria
e Vasco Morgado Júnior

O JOVEM MENTIROSO

GRANDE CARNAVAL NAS BELAS-ARTES

NOITES DE 15, 16, 17 E 18

CARNAVAL DO RIO... CARNAVAL COMO LISBOA NUNCA VIU!

«BRASIL 69»

JORGE COLLART—NORA NEY
ROSINHA DE VALENÇA

E «OS MODERNOS DO SAMBA»

As revelações do Fado:

ZE FREIRE e JOSÉ PRACANA

2 Orquestras — Música Permanente — TIBURCIO e seu conjunto com Peiró, Taborda e Tito Godinho

O conjunto POP — Os FLIERS — Maiores de 15 anos
Marcações 530808 — BELAS-ARTES 41293

MATINEE INFANTIL — Domingo às 16 h — Maiores de 6 anos
PALHAÇOS — ATRACÇÕES — BRINDES

Organização:
Produções Radiofónicas de Armando Marques Ferreira e Carlos Nascimento, Lda.

Durante o Carnaval das Belas-Artes o REI DAS MEIAS tem uma surpresa para todas as Senhoras!

FILMES CASTELLO LOPES

apresentam um filme MGM

DESVAIRADAS! MALUCAS! ADORÁVEIS!



AS «GIRLS»

GENE KELLY • MITZI GAYNOR
KAY KENDALL • TAINA ELG

JACQUES BERGERAC e o grupo de JOHN PATRICK
«The Girls» e o grupo de COLE PORTER
«The Girls» e o grupo de GEORGE KUNOR

AMANHÃ DIVIRTA-SE COM ELAS
DURANTE O FABULOSO
CARNAVAL DO

MUNDIAL

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO TIVOLI

TÍTULO — «Uma mulher no cimento» (Lady in cement) — 1968.
REALIZADOR — Gordon Douglas
INTERPRETES — Frank Sinatra, Raquel Welch, Richard Conte

No ano passado, mais ou menos por esta altura, estreou-se também no Tivoli um filme intitulado *Tony Rome* (investiga). Não sei se o leitor reparou que o incluímos entre as «revelações» de 67. Na altura, isso era quase um risco. Hoje, a série «Tony Rome», que já vai na terceira película, tem sido posta em relevo por quase toda a crítica internacional. Creio que é plenamente justa a valorização destes filmes menores, mas simpáticos, inteligentes e saudáveis.

Regressa Tony Rome, do mar como sempre — ele vive num barco. E, se uma história policial se define pela ruptura de uma ordem e a restituição dessa ordem perturbada, nós poderemos notar que, para Tony Rome, a ordem é a ordem mínima, aquela que, admitindo um máximo possível de desordem, exige contudo que permaneça um certo tipo de re-

FILME QUE VALE UM OLHAR ATENTO

lações limpas e dignas e uma certa justiça que impeça a destruição dos indivíduos inocentes ou as falsas acusações.

A ordem absoluta é o tenente Santini (Richard Conte) quem a representa. Amigo de Rome, mas agente da polícia, ele tem muitas vezes de perseguir Rome pelos métodos pouco normais que este utiliza nos seus inquéritos. O tenente Santini é a ordem na sua perfeição — e Gordon Douglas, realizador, gosta de nos mostrar a casa dele, moderna e funcional, a mulher, elegante e distinta, e o filho, irreverente e bem educado, todos tomando as suas refeições ao ar livre e fazendo desporto... Contudo, o rapaz tem por Rome uma atracção particular, e a mulher de Santini também: a ordem vive fascinada pela desordem. O que sucede igualmente em nós — irresistível esta alegria de viver, este toque sensual e malicioso, esta forma ensonada e divertida de se atravessar o mundo. O mundo, isto é, Miami, com toda a longa enumeração de vícios, da prostituição aos emigrados cubanos e ao jogo clandestino em casas mortuárias, da homossexualidade ao alcoolismo (compensação oral).

explica Raquel Welch). Não interessa saber quem matou quem, nem interessa como, nem interessa porque. Há um nome e um facto. Espalha-se um nome em redor, as pessoas retraiam-se porque sabem, ou porque não sabem mas têm sempre algo para ocultar. Há algumas mortes para se fazer calor. E, de repente, perde-se o fio e meada! Interessa apenas perceber o labirinto desta cidade e assinalar a geografia da sua perversão. Sequência após sequência, Gordon Douglas estabelece um inventário. E, tal como no filme anterior, há uma certa audácia no que involuntariamente, ele revela. Significativo de tudo isto é o facto de a música não ser um comentário dos acontecimentos, um sublinhar dos momentos culminantes, mas um instrumento de ligação que alinha as cenas na rotina da sua sucessão. Importa aqui é atravessar Miami, a sua corrupção, o seu delírio minado, e sair disso por fim — para o mar, como Tony Rome, para aí descobrir um lugar de harmonia, no jogo mais ou menos ingénio ou no amor à procura de inexistentes tesouros pelo puro gosto de não procurar mais nada.

Decididamente, este Tony Rome vale a pena formando um companheiro. Filme menor, topasse para evitar as equívocas, há nele mais do que suficiente para justificar um olhar um pouco atento.

EM COMPLEMENTO: Uma curta-metragem, inútil e desastrosa, sobre a moda, onde se salienta, pelo imenso segredo das suas metamorfoses, o modelo Geneviève Gales.

EDUARDO PRADO COELHO

TRINDADE

— F N A T —
HOJE, às 21.45 (17 anos)
 o T. N. P., suba. pelo Fundo do Teatro, apresenta
SABINA FREIRE
 de M. Teixeira Gomes
 com Lourdes Norberto na protagonista
SABADO, tarde às 16 h.

No Teatro S. Luiz duas peças de Sagan

Ah! Esta Françoise Sagan!

Al está uma pequena de sorte. Escreve uns livrinhos e eles vendem-se. Faz umas pechinhas e elas representam-se. Mais do que isso, são bem interpretadas. Mas que sorte danada!

Ontem, o São Luiz, de uma vez só, levou duas comédias de Sagan. Uma num acto: «L'Echard». Outra, em sete quadros: «Le Cheval Evanouï». A primeira, para completar o tempo que falta à segunda. Esta, para dar a ideia que a outra não passa de um exercício que subiu ao palco como um aperitivo.

Mas a verdade é que a Sagan tem o seu público. Não é grande público, mas é-lhe fiel. E, ainda cá, vá que não vá, mas em Paris... Que pequena de sorte é esta Sagan! Dizemos isto porque o que ontem se viu no São Luiz foi mesmo criado em Paris. Não foi feito para esta exportação. Veio de lá com o rótulo de frágil, mas o certo é que veio numa embalagem de luxo.

«L'Echard» ainda tem uma pequena história. Dá mais tempo a ver do que a falar dela. É assim como um triângulo de lados iguais. Equilíbrio de princípio ao fim. Até que, de repente, acaba e pronto.

Mas «Le Cheval Evanouï» é um pouco diferente. Não é melhor teatro, mas tem mais história. Todavia, pode dizer-se que, a despeito do galope final, é bem um trote à inglesa.

«Le Cheval Evanouï» narra um acontecimento em que participam sete personagens e mais um criado escocês que até chega a tocar gaita-de-foles. A coisa passa-se num destes castelos em que a Sagan acredita que o público acredita. O barão deu um título à mulher rica e esta deu-lhe dois filhos. Uma «ela» que quer casar-se. Um «ele» que não sabe o que quer. Nada disto tinha grande importância se o apurado gosto de Sagan não descobrisse que, em França, os caçadores de dotes andam aos pares em Inglaterra e são amantes sem dinheiro, mas, no íntimo, tão ricos de amor que se lançam juntos numa dupla conquista. São amantes de dois canos.

Ah! Mas o amor para Sagan é um monstro bífido que ataca de frente e de lado. Pois é isto. O barão-pai percebe tudo e, mesmo assim, apaixonou-se de um amor sério (e digno até à renúncia) pela amante do futuro genro — a mesma que, no plano deste, era a gazua da segunda metade do coife inglês: competia-lhe atacar o filho do barão.

Ai é que o galã afina. Com o filho, vá lá, mas com o pai, isso é que não. E, então, o ciúme red-mo o amor. Pois, pois.

O curioso é que, com esta história de pouco-mais-ou-menos, o encenador Jacques Charon faz um belo

Atrás do Reposteiro

- Já está escolhida a peça de inauguração do novo Teatro Maria Matos.
- Vão principiar dentro de pouco tempo as obras de construção do Teatro Municipal do Porto.
- A companhia do actor Henrique Santana deve dar alguns espectáculos na provincia, depois do Entrudo.
- Está assente a digressão pela provincia da companhia do Teatro Maria Vitória.
- Devem prolongar-se até ao fim do mês, no Capitólio, as representações da peça «O Tango».
- Carmen Dolores, Alvaro Benamor e Augusto de Figueiredo vão interpretar a peça de Strindberg, «A dança da morte».

TAVARES DA SILVA

VASCO MORGADO APRESENTA

TEATRO VILLARET

EM 3.º MÊS UM GRANDE SUCESSO

HOJE: 2 sessões, às 21 e 23 h.

A PREGUIÇA

com RAUL SOLNADO

o homem que tanto se capricha que, deixou de trabalhar...



FERNANDA BORSATTI ALINA VAZ MARIO JACQUES ANTONIO MONTEZ DAVID SILVA

NO TEATRO

VARIEDADES

(ADULTOS)

AMANHÃ — ESTREIA, AS 21.45 HORAS

VASCO MORGADO apresenta

EUNICE MUÑOZ e FERNANDO GUSMÃO

na obra de ARNOLD WESKER

AS QUATRO ESTAÇÕES

numa encenação de PAULO RENATO

MONUMENTAL

Hoje, não há espectáculo para descanso oficial da Companhia

AMANHÃ, EM 2 SESSÕES, 20.45 e 23 H.

(ADULTOS)

A FARSA

«QUANDO ELA SE DESPIU...»

com CAMELO e FLORELA

CAPITÓLIO

Tel. 32.03.79
 As 21.45 h.
 M/ 17 anos

TANGO

O mais extraordinário baile dos últimos tempos, pela COMPANHIA DO TEATRO NACIONAL D. MARIA II
 3.º mês de representações



RIR, FAZ BEM! VÁ AO

MARIA VITÓRIA

E RIA, RIA, RIA, COM A FAMOSA REVISTA

GRANDE POETA É O ZÉ!

(Prémio da Imprensa — 1968, como o melhor revista do ano)

UM SUCESSO EXCEPCIONAL COM SALVADOR e JOSÉ VIANA

(Prémio da Imprensa-1968)

MARIEMA

MAX e ANITA e DORA e V. MENDES

e A NOTÁVEL ATRACÇÃO

MAY AVRIL

ORQUESTRA

DE

CÂMARA

GULBENKIAN

TEMPORADA DE 1968/69

11.º CONCERTO

TIVOLI * Amanhã às 18.30 horas

Maestro: Gianfranco Rivoli

Solistas: Fernando Laires (piano), Anna Lyay (violino), Oscar Lyay (viola)

PROGRAMA

Concerto n.º 58 em fá maior Tartini
 Concerto em fá maior, K. 459 para piano e orquestra... Mozart
 Malediction, p.º piano e orq. Liszt
 Sinfonia Concertante K. 364 para violino, viola e orq.... Mozart

Bilhetes à venda a 50% de desconto a estudantes (P.º maiores de 6 anos)

Edu Lobo e Os Mutantes: duas caras do mesmo Brasil inventor de música nova

De um lado o violão de Edu Lobo, arma ligeira. De outro as guitarras eléctricas, a organola, a bateria, a harmónica, duas flautas de bico, guizos, pratos, castanholas, pandeireta, todo o armamento pesado de «Os Mutantes». Foi assim no Villaret, com metade do público falando brasileiro e improvisando ritmo nas poltronas. Edu ganhou.

Edu ganhou porque o seu Brasil é mais genuíno. Porque a sua música nos cerca por todos os lados. Porque a sua linguagem tem efectivamente que ver com os problemas, as esperanças, as desesperanças de 80 milhões de habitantes. Para uma noite de luta devia haver um vencedor. E foi Edu Lobo.

O espectáculo, que se repete hoje e amanhã, integra-se na série «Boa música do Brasil» iniciada há dois me-

ses com Vinícius, Baden e Márcia. E boa música mesmo. Vamos esperar pelo Grande Prémio R. T. P. da Canção Portuguesa? No fundo, há uma comparação a fazer...

Até mesmo os sonoros «Mutantes» (Rita, Arnaldo, Sérgio, Ronaldo) estão uns furos acima do nosso melhor. «Pertencemos», disseram, «a um grupo de música de vanguarda. Não tocamos bossa nova, procuramos antes a música electrónica». Preencheram toda a primeira parte do show com um à-vontade absolutamente invejável, e foram soberbos de inventiva (graciosa) em dois números, «Trem Fantasma», deles próprios, e «Bat-Macumba», do negro Gilberto Gil. Outros compositores apresentados: Caetano Veloso, Jorge Ben, Tom Zé, Rafael Vilardi.

Este é o Brasil crítico, experimental, gritando talvez para se ouvir. O Brasil que pode meter no cadinho Greenwich Village, West Coast e Liverpool — e servir Brasil apesar de tudo, apesar até de letras como «ela é minha minina, eu sou o menino dela, ela é o meu amor, eu sou o amorzinho dela».

Ah, mas depois veio Edu, o violão de Edu, a menina que estava ao lado de Edu (Joyce, ex-jornalista). Vieram as músicas de Edu e os versos de Ruy Guerra, Oduvaldo Viana Filho, Vinícius, Torcatu Neto, Gianfrancesco Guarnieri. Dos dois mil brasileiros que estudam em universidades portuguesas — ler telegrama da A. N. I. de ontem — sentimos a presença de algumas dezenas: um show dentro do show.

Se Edu quisesse, mas a gripe não deixou, teríamos violão e público até meio da noite.

Boa música do Brasil reduz-nos à triste condição do bombo e dos ferrinhos. É duro de engolir, mas é verdade. As 444 poltronas do Villaret esperam ainda duas lotações completas, finto o que, como está escrito nos fados, teremos Tonis e Tonichas até enjorar.

F. A. P.

RECINTOS DE DIVERSÕES

- * Regressa dentro de dias a Portugal a cantadeira Maria Teresa Quinta.
- * Regressam na próxima segunda-feira a Lisboa os artistas Majolda Sofia, Tristão da Silva e Tino Costa, após uma digressão pela América do Norte.
- * O artista Conde de Aguiar deve deslocar-se dentro em breve à Argentina.
- * Vai gravar um novo disco a artista Ana Hortense.
- * A cantadeira Ada da Castro regressa dentro de dias de São Paulo.
- * Já regressou à actividade artística a cantadeira Maria José da Guia.
- * Continua a actuar todas as noites na Sazala o mago prof. Karma.
- * São da autoria do conhecido compositor Arelindo de Carvalho algumas das produções que a artista Ana Hortense vai gravar num próximo disco.
- * Continuam os convites aos artistas portugueses para se deslocarem à América do Norte.
- * Encontra-se em Paris a artista Mara Abrantes.

* Voltou a agravar-se o estado da artista Mara José da Guia.

«ELAS É QUE SABEM»

— a revista

que promete

uma carreira longa

Aplaudido pela crítica responsável e pelo público que tem esgotado as lotações do ABC, agora um dos mais confortáveis teatros da cidade, «Elas é que sabem», o novo espectáculo de José Miguel, reveste-se de características novas e invulgaras que trazem consigo uma total renovação do teatro de revista. Mantendo os tradicionais valores da revista «a portuguesa», agora mais pronunciados por um novo e fresco sentido de crítica, é um espectáculo de gargalhada, ritmo diferente e luxo, servido pelo talento de Mário Alberto e pela música excepcional de João Nobre e João de Vasconcelos.

O texto, da famosa parceria Paulo da Fonseca, Cesar de Oliveira e Rogério Brachinha, é interpretado por Ivone Silva, no auge da sua brilhante carreira, Nicolau Breynier, Henriqueta Maya, José de Castro, que se estreia em revista, á frente de uma grande companhia valorizada pelas vozes de Tony de Matos e de Maria da Fé.

O corpo de baile, dirigido por mestre Charles, é uma das grandes atracções deste sensacional espectáculo.

NOS PALCOS DO MUNDO

Em Nova York, mas fora da Broadway, continuam em cena as peças «Tango», do polaco Slawomir Mrozek, «Little Murders», de Jules Feiffer, e «To Be Young, Gifted And Black».

Estreou-se em Roma a comédia «Dois Mais Dois Não Fazem Quatro», de Lina Velmüller, dirigida por Franco Zeffirelli.

A ópera «Louise» volta ao S. Carlos 50 anos depois

Volta a Lisboa e ao S. Carlos um dos mais reputados mestres da actualidade, Jean Fournet, artista bem conhecido e admirado pelo nosso público e que, na passada temporada, devido a um grave acidente de viação, não pôde apresentar-se entre nós. Jean Fournet vem dirigir em S. Carlos a celebrada ópera «Louise», de Charpentier, uma das mais belas e apreciadas obras líricas francesas e ópera que, desde há cerca de cinquenta anos, não é cantada em S. Carlos.

Com efeito, é já, depois de amanhã, às 21 e 15, e no sábado às 16 e 30, que se apresentará esta bela ópera com a qual se inicia a série francesa da Temporada Oficial de Ópera do S. Carlos e que será interpretada por um grandioso e numeroso elenco de artistas franceses e portugueses.

ora diga-nos...

— É um homem feliz?

«A felicidade, amigo, é coisa grave: exige um coração de bronze» (Victor Hugo). Mas como se mede a felicidade do homem? Quantos leitores voltarão, enfiados, esta página?



● Começamos por um sorriso. Há sorrisos que são desde logo a única resposta...

— É feliz?

— Em certa medida — acatou-se o jovem Luís Augusto da Silva Pereira, estudante do Instituto Comercial.

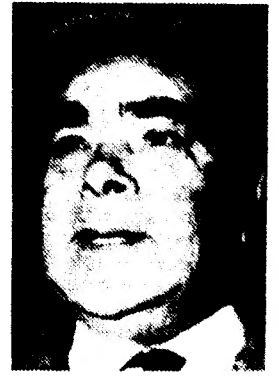
— Enfim, como o vemos tão sorridente...

— Eu explico: sou quase feliz. Serei completamente feliz quando tiver realizado as minhas aspirações.

«Acabar o curso, ser um bom técnico de contabilidade numa casa próspera. Casar antes dos 30. Ter três filhos.

● Manhã feliz de Inverno: ao primeiro sorriso veio juntar-se um segundo... Manuel Vazquez Verdades, serraleiro mecânico, fez um gesto com a mão:

— Sou feliz, sim senhor. Sou feliz porque me dou bem com a minha mulher. E acho que na profissão me considerem... Vinte e tal anos de emprego, boas referências. Não, já não tenho nada que aprender.



Agora é esperar pela velhice: juntar uns cobres e ir para a minha casa do Sobral de Adiga.



● Um tranquilo chapéu de chuva. Um passinho miúdo, de homem trabalhador. Apesar da reforma, o sr. Adelino Joaquim Coutinho, antigo pintor da C. P., ainda bate Lisboa. E quanto a felicidade...

— Sou feliz. Pode acreditar à vontade. Há quatro anos converti-me à Igreja Evangélica e aceitei o Senhor como meu salvador. Antes disso não me sentia tão feliz. Foi assim uma coisa... Não sei explicar. A minha mulher falava-me muito da Igreja, fui lá uma vez e gostei. Sabe como é?

VIDA MUSICAL

O pianista Fernando Laires no próximo concerto da Orquestra de Camara Gulbenkian

O quarto concerto programado para a segunda série de manifestações musicais da temporada que a Orquestra de Camara Gulbenkian está a realizar no Tivoli, está marcado para amanhã, às 18 e 30.

Neste concerto, o pianista Fernando Laires interpretará o «Concerto» Kv. 459, em fá maior, para piano e orquestra, de Mozart e «Malediction» de Liszt, reaparecendo ao público de Lisboa o pois de longa permanência na América, onde exerce o professorado em vários Conservatórios de Música, além de desempenhar diversos cargos de artista residente, tendo sido nomeado, em 1968, presidente da North American Liszt Society.

No programa elaborado para esta manifestação musical da Orquestra de Camara Gulbenkian — que será regida pelo seu maestro titular Gianfranco Rivoli — além das obras já mencionadas, serão ainda interpretadas o «Concerto», N.º 58, em fá maior, de Tartini e a «Sinfonia Concertante», K. 364, para violino, viola e orquestra, de Mozart. Nesta última obra, a Orquestra de Camara Gulbenkian terá a colaboração solística de Ana Lysy, violinista e de Oscar Lysy, violoncelista, instrumentistas daquele núcleo orquestral próprio da Fundação Gulbenkian.

A venda de bilhetes para a segunda série de concertos da presente temporada da Orquestra de Camara Gulbenkian, efectua-se nas bilheteiras do Cinema Tivoli.

A venda de bilhetes para o segundo concerto de concertos da presente temporada da Orquestra de Camara Gulbenkian, efectua-se nas bilheteiras do Cinema Tivoli.

Fernando Laires num concerto amanhã no Tivoli

No concerto que a Orquestra de Camara Gulbenkian

realiza amanhã, no Cinema Tivoli, às 18 e 30, reaparecerá ao público da capital, depois de longa ausência na América, o pianista Fernando Laires, artista de categoria internacional que, além da sua normal actividade de concertista, exerce o professorado em vários Conservatórios de Música norte-americanos, desempenha diversos cargos didácticos e de pianista residente em múltiplas entidades de carácter cultural e foi nomeado, em 1968, presidente da North American Liszt Society.

Fernando Laires neste concerto da Orquestra de Camara Gulbenkian, interpretará o «Concerto» K. 459, em fá maior, para piano e orquestra, de Mozart e «Malediction», de Liszt.

No programa elaborado para esta manifestação, dirigida pelo seu maestro titular, Gianfranco Rivoli, estão incluídas, além das obras já mencionadas, o «Concerto» n.º 58, em fá maior, de Giuseppe Tartini e a «Sinfonia Concertante», K. 364, para violino, viola e orquestra, de Mozart. Nesta última obra, a Orquestra de Camara Gulbenkian terá a colaboração solística de Ana Lysy, violinista, e de Oscar Lysy, violoncelista, instrumentistas daquele núcleo orquestral próprio da Fundação Gulbenkian.

A venda de bilhetes para a segunda série de concertos da temporada da Orquestra de Camara Gulbenkian efectua-se nas bilheteiras do Cinema Tivoli.

Audições escolares no Conservatório

No intuito de facultar às famílias dos estudantes e ao público em geral um meio seguro de aquilatar do aproveitamento escolar e a orientação pedagógica dos alunos e professores, respectivamente, o Conservatório Nacional vai promover um ciclo anual de audições escolares.

A primeira destas audições está marcada para depois de amanhã, às 17 e 30, na sala de Concertos, com entrada pela Rua dos Caetanos, 23. Colaboram alunos das classes de Piano, Arte de Dizer e Violoncelo.

«A CONDESSA DE HONG-KONG»

VAI SAIR DO «MUNDIAL»

Após sete semanas de verdadeiro e espectacular sucesso de exibição na tela do cinema Mundial, o famoso e discutido filme colorido de Charlie Chaplin, «A Condessa de Hong-Kong» anuncia agora os seus derradeiros dias no cartaz para dar lugar ao programa do Carnaval.

É, portanto, um êxito que sai em pleno êxito! Mas, os compromissos são para cumprir, o que torna impossível à empresa do Mundial prolongar o actual programa para além do dia 12.

«A Condessa de Hong-Kong», que Sophia Loren,

Marlon Brando, Tippy Hedren e Margareth Rutherford interpretam de maneira notável, é uma das mais aliciantes comédias do ano e um dos mais sugestivos cartazes do momento, em Lisboa.

Filme de situações, de irresistível bom humor e crítica, com música lindíssima, encenado pelo maior génio do Cinema, «A Condessa de Hong-Kong», que a Sonoro Filme distribui em rigoroso exclusivo, resulta num delicioso pretexto para mais de duas horas de permanente alegria e constante surpresa.

Entre os complementos projectados na primeira parte, destaca-se um documentário colorido de António Lopes Ribeiro e Miguel Spieguel sobre uma viagem à Terra Santa. Nos intervalos das segundas «matinées» e das noites, o ambiente acolhedor da confortável sala da Rua Martens Fernão é enriquecido com música directa transmitida do novo bar da plateia, e executada por José Araújo e Carlos Villaret, ao piano.

«A ÚLTIMA AMEAÇA»

em sessão cultural no cinema Império

«A última ameaça», um argumento de grande interesse dramático, excepcionalmente interpretado por Humphrey Bogart (director do jornal «The Day»), por Ethel Barrymore (herdeira do fundador, e que, embora capitalista, luta ao lado do idealista Bogart), por Ed Begley e Warren Stevens, lembra este filme, produzido em 1952, o Frank Capra dos bons tempos, glorificação do heroísmo tipicamente americano, onde o jornalista e a imprensa honesta lutam contra a corrupção, os bandos armados de «gangsters», o negócio e o tráfico de mercaderia suspeita.

Richard Brooks escreveu o argumento e realizou o filme com a sua mão experimentada, conseguindo tornar a sua acção diabolicamente apaixonante.

«A última ameaça» («deadline» U. S. A.) é o segundo programa do Ciclo sobre Humphrey Bogart, que o Império apresenta amanhã, às 18 e 30, na sua 618.ª sessão de cinema clássico.

GRUPO DE TEATRO «MIGUEL LEITÃO»

LEIRIA, 11 — Em assembleia geral, reunida recentemente, foram eleitos os corpos gerentes do Grupo de Teatro «Miguel Leitão», desta cidade, que ficaram assim constituídos: direcção: Guilherme de Carvalho Negro Valente, presidente; João Manuel Falcão de Gouveia, vice-presidente; Edgar Manuel Marques de Carvalho e Vital Lopes Couto, secretários; Valdemar José do Nascimento, tesoureiro; assembleia geral — Miguel Trindade Elias, presidente; Francisco dos Santos e Jorge Fonseca Pereira, secretários; conselho fiscal — dr. José H. Vereda, presidente; Gilberto de Meneses, secretário; Horácio Filipe da Silva, relator.

CARNAVAL NO CINE-TEATRO LIDO

CINEMA — VARIEDADES — BAILES — M/ 15 anos

MATINEES INFANTIS — M/ 6 anos

PEÇAM PROGRAMAS! COMPAREM OS PREÇOS!

CIÊNCIA

HENRI DE SAINT-BLANQUAT
(«Sciences et Avenir»,
Janvier 1969)

QUANTAS BOLÍVIAS NUMA SÓ?

(Continuação da 4.ª página)

emigrantes de Okinawa, a ilha do Pacífico, tem hoje ali uma próspera comunidade e são os principais produtores de arroz — quase todo o arroz que os bolivianos comem actualmente são dos campos desses japoneses diligentes.

Mas, se há muitas razões para alimentar esperanças, não há menos para dizer que esta é uma das zonas com mais problemas no país, no qual corresponde a dois terços do território.

Só Santa Cruz tem comunicações com o mundo exterior. A restante superfície permanece isolada.

Os habitantes das terras altas não se atrevem a descer até ao «oriental», onde os insectos impiedosos e o calor sufocante os assusta e repele.

A chuva, no «oriental», embora abundante, cai só numa parte do ano. Perto de Trinidad a água torna-se preciosa na estação da seca. Os ricos constroem cisternas e conseguem abastecer-se o suficiente, na estação das chuvas.

Mas o pobre vê-se obrigado a comprar a água a vendedores ambulantes, que a trazem, em barris, de muitos quilómetros de distância.

Com todos estes problemas, o povo do Oriente pensa — e acredita firmemente — que o seu é também o destino da Bolívia.

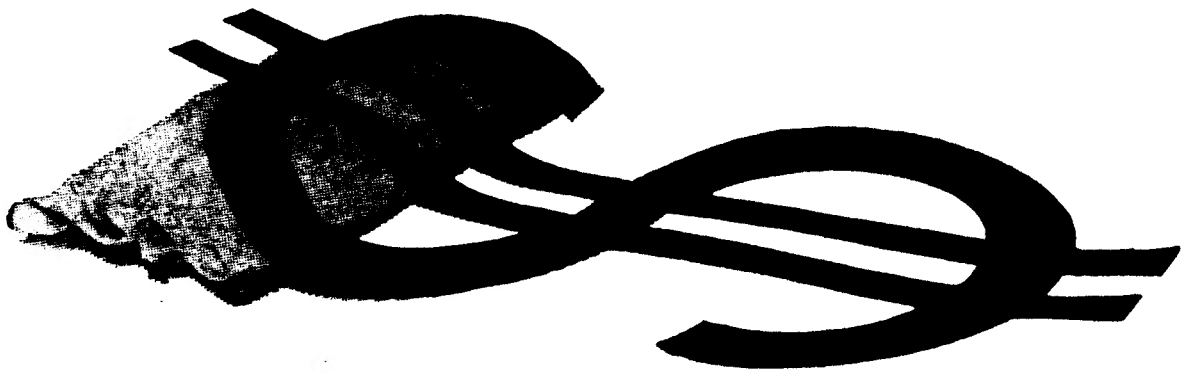
(Em muitas partes do «oriental» há índios do mais primitivo. Muitos destes grupos são alvos de estudo de antropologistas, como os Siriono, que vivem ao norte de Santa Cruz. Alguns adaptam-se a

uma nova vida — vestem camisa e calça e fazem o possível por tratar a terra. Muitos continuam selvagens, na floresta impenetrável.)

Dois terços da Bolívia oferecem este panorama. Eles são o «oriental». Mas os Bolivianos acreditam que eles vão-se encher de gente trabalhadora, e em pouco tempo o «oriental» alimentará o país.

«Santa Cruz depressa se tornará a maior cidade do país» — dizem eles — «em breve será uma metrópole no coração da América do Sul».

ACORDE-O!



O dinheiro quando está parado não rende.
Multiplique o seu dinheiro e faça-o trabalhar para si com o nosso auxílio.

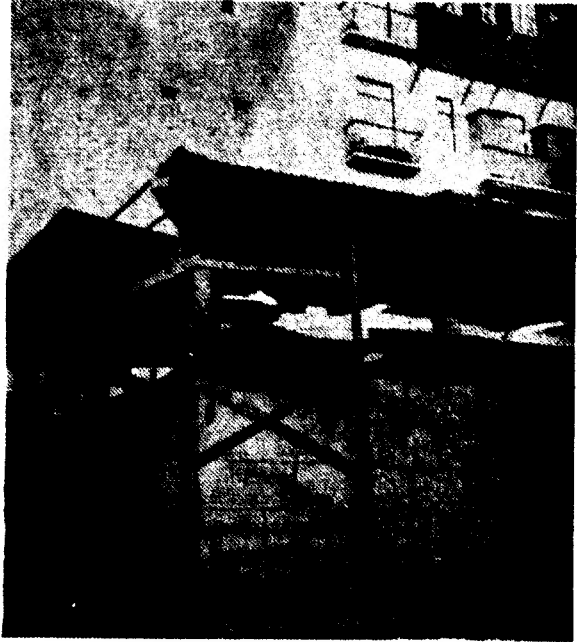


BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

Manhã na praça

ANDAIMES NO MERCADO DO BAIRRO ALTO

Frio, vento e chuva. Com esta perspectiva, a intenção primeira da dona de casa é deslocar-se o menos possível. Toca então de telefonar para o lugar da esquina — porque há-de ser a esquina? Isso é privilégio da tabacaria e tem a chance de Fernando Pessoa —, então, melhor, para o lugar mais próximo



O mercado do Bairro Alto está em obras. Em perspectiva: menos frio para as vendedeiras e donas de casa que nele se abastecem

e fazer a encomenda da hortaliça para o dia. O mesmo em relação ao talho e padaria. Gasta-se 210 em telefonemas, mas poupa-se na farmácia. Porque isto de pés molhados é resfriado pela certa.

Também ficamos em casa, mais propriamente, no bairro. Há muito que não vamos aqui, ao mercado do Bairro Alto; achámo-lo alheio ao aspecto humano, mas mal fornecido e ainda ninguém servia à mesa a simpatia das vendedeiras, ou aquilo que não comprou.

Com um tempo destes tem de se apelar para a compreensão dos maridos. «Não há nada, os pescadores não vão ao mar, além disso estamos na época do defeso e a hortaliça, tão cara...». E temos de contar que, se á última hora chover muito, o marido é muito capaz de almoçar num dos restaurantes da Baixa.

Por tudo isto, ficamos pelo Bairro Alto e quando chegámos ao mercado tivemos uma surpresa bastante grata: andaimes á volta do recinto referiam obras.

— Parece que sempre vão tapar o mercado! — disse uma das vendedeiras, ainda um tanto incrédula com a sorte grande que para ela representava um pouco de frio a menos.

E se estava frio! O mercadinho parece bom canalizador da corrente de ar. Que o digam o nosso rosto, os pés e as mãos. Por causa dos pés subitamente frios, olhámos os das vendedeiras e deparámos com umas chancas de madeira e couro como há muito, mesmo muito tempo, não víamos.

— Comprei-as por causa do frio, mas não aquecem nada. Só não deixam entrar a água!

Quanto á qualidade e fartura dos produtos, basta referir o tempo, este tempo que convida as donas de casa a ficarem em casa, encarecem e diminuem a sua quantidade!

PREÇOS DOS PRODUTOS

Havia muitas bancas vazias.

— Ficaram em casa. Não há nada e está muito frio.

Eram poucas as donas de casa presentes.

— Cada vez se vende menos!

Para fugir ao frio — tínhamos esse privilégio, não estávamos ali a vender nada —, passámos as bancas a correr. Para a próxima vez, esperámo-las, já haverá resguardos dos lados no Mercado do Bairro Alto.

Na passagem pelas bancas vimos que a lombarda estava a 2\$50; a couve portuguesa também a 2\$50 e a cabeça de nabo a \$50 e 1\$00; os molhos dos grelos vendiam-se a 8\$00 e das nabijas a 10\$00. Claro que estes podiam dividir-se por muitos molhinhos pequenos a 1\$00 e 1\$50.

O quilo das azeitonas estava marcado a 10\$00; e das cenouras, a 5\$00.

PEIXE

Vimos o quilo da mar-mota negra a 8\$00 e 11\$00; dos rabos de pescada, a 12\$80; do gorão, a 15\$00, 15\$60 e 16\$80; da pescada branca, a 25\$50 e 30\$00; do carapau, a 8\$00 e 9\$00; do peixe-espada, a 15\$00 e 15\$60; da pescada congelada, a 17\$00; da xaputa, a 10\$10; e do berbigão, a 5\$00.

FRUTA

O quilo das laranjas vendia-se a 3\$00 e 6\$00; da re-mota, a 11\$70; da pera a 11\$70; da banana, a 15\$00; e dos peros estirados, a 11\$70.

CRIAÇÃO

Quanto á criação, aó viva, estava o quilo do coelho a 25\$00; do frango, a 20\$50; e da galinha, a 21\$00. A dúzia dos ovos apresentava a tabela de 15\$80.

DONA DE CASA



Eis por que a Companhia de Seguros Império é hoje uma Companhia de Marketing

Há 10 anos, havia quem acreditasse que não era possível inovar em matéria de seguros. Foi então que começámos. E de ano para ano a IMPÉRIO tem sempre apresentado qualquer coisa mais no sentido das necessidades do cliente.

Não era possível, por exemplo, sem encargos suplementares, cobrar os prémios mensalmente. Resolvemos então lançar o SEGURO POPULAR DE VIDA, com prémios mensais e...

taxas mais baixas! Mereceu a pena. Chegámos depressa à conclusão de que muito se pode melhorar, com espírito prático e eficiente.

O SEGURO DO RENDIMENTO FAMILIAR, por exemplo, permite-lhe actualizar a cobertura, se o ordenado ou o número de filhos aumentarem.

Se a casa ou alguns dos seus móveis arderem, o SEGURO

DO LAR, outro exemplo, garante-lhe o valor de substituição (e não apenas o valor de usado, como antigamente).

Não são apenas seguros que vendemos aos nossos segurados. É segurança! E para a segurança dos clientes tudo conta: a largueza das nossas coberturas, o espírito prático e actual dos nossos seguros, a consideração pessoal e a simpatia dos nossos agentes e técnicos, a própria forma como liquidamos os sinistros. Por isso somos uma Companhia de Marketing.

As empresas que se projectam para o futuro inspiram-se hoje numa filosofia de mercado (marketing) em que as necessidades do cliente orientam toda a sua acção.

A IMPÉRIO é uma dessas empresas.

IAO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora

NOVO PRESIDENTE DA COMISSÃO DISTRITAL DA U. N. DO PORTO

Pelo sr. conselheiro Albino dos Reis, vice-presidente em exercício da Comissão Central da União Nacional, foi nomeado presidente da Comissão Distrital do Porto o sr. dr. João Roiz de Almeida Garrett, que foi encarregado de propor os restantes membros.

Natural do Porto e contando 45 anos, o sr. dr. João Almeida Garrett é doutorado em Ciências Políticas e Económicas, pela Faculdade de Direito de Coimbra, e professor da Faculdade de Economia do Porto, onde reger as cadeiras de Política Económica e Introdução às Ciências Sociais.

Procurador à Câmara Corporativa, na presente legislatura foi relator do parecer geral emitido sobre o III Plano de Fomento. Preside ao conselho orientador do Centro de Estudos de Planeamento da Presidência do Conselho, e pertence à direcção do Centro de Estudos Económicos, no Instituto Nacional de Estatística.

Tem publicados numerosos trabalhos respeitantes sobretudo a problemas sociais e a questões de política económica.

Ocorrências policiais

Queixaram-se na P. S. P. os srs. António Mota Ferreira, do lugar do Carrapateiro, Penha Longa (Marco de Canavezes) de que lhe furtaram a motorizada, estacionada na Rua dos Heróis e Mártires de Angola; José Joaquim Martins Loureiro, de 23 anos, operário fabril, Rua da Torrinhã, 332, porque lhe furtaram, do bolso do casaco, dependurado no quarto onde dormia, a carteira com 500 escudos; a sr. D. Orquídea Clemência Ribeiro da Fonseca, de 27, casada, Rua de Trás, 229, 1.º, porque seu marido, o sr. António Joaquim Almeida Fonseca, de 28, seralheiro mecânico, a abandonou, no dia 21 de Janeiro último, fugindo com uma mulher, para Lisboa e deixando-a sem recursos para ela e dois filhos pequenos; e o sr. António Moreira de Magalhães, Rua de São Dinis, 690, por terem furtado, do seu automóvel, estacionado junto da residência, dois rádios portáteis, um cachecol e uma saca em plástico com moedas de 10 e de 20 centavos.

Foi preso, António Filomeno da Costa Pereira, de 35 anos, solteiro, sem profissão, residente em Carvalhido, Raimundo Paços de Ferreira) que furtou de um automóvel estacionado na Rua dos Caldeiros, um rádio portátil, no valor de 1200\$00, pertencente ao sr. Jorge Ferreira, morador naquela rua no n.º 148.

Conferência no Instituto Francês

Amanhã, às 18 e 30, o escritor e crítico literário René Tavernier, fundador do «Comité National des Écrivains e Composantes de la Société Française de Pen Club» e da Sociedade Europeia de Cultura, faz na sede do Instituto Francês, uma conferência sob o tema «Un Homme à Réglecouvrir: La

Navios ingleses

Ao princípio da tarde, entraram no porto de Leixões, as fragatas britânicas «Murray» e «Grafton», que ali ficaram, na doca n.º 2, até sábado. O «Murray» tem como comandante o sr. capitão-tenente A. J. L. Darx, nove oficiais 34 subalternos e 108 praças e o «Grafton», é comandado pelo sr. capitão-tenente D. N. B. Mortimer e tem uma guarnição de 10 oficiais 28 subalternos e 104 praças.

Depois de atracarem ao cais daquela doca, os comandantes dos dois navios, acompanhados pelo cônsul britânico, sr. T. C. Charman, apresentaram cumprimentos às autoridades locais, que pouco depois, retribuíram. Ao fim da tarde, o cônsul e a senhora Charman ofereceram um «cocktail» aos oficiais dos navios, autoridades portuguesas e componentes da colónia britânica.

Amanhã, às 15 horas, cinquenta educandos da Casa dos Rapazes do Padre Grillo visitam o navio e assistem a uma sessão de projecções, seguida de merenda, e às 17 haverá um jogo de hóquei no Oporto Cricket and Lawn-Tennis Club, no Campo Alegre, na quinta-feira.

Espectáculos para hoje

TEATROS
SA DA BANDEIRA — As 2.ª e 4.ª: «Amor-68» (17 anos)
ANTÓNIO PEDRO — As 22.ª: «Desporto Rei» e «Tio Simplicio»

CINEMAS
SÃO JOÃO — As 2.ª e 30.ª: «A Condessa de Hong Kong» (17 anos)
RIVOLI — As 2.ª e 30.ª: «Queda mortal» (17 anos)
COLISEU — As 2.ª e 30.ª: «A Brigada do Diabo» (17 anos)
AGUIA D'OURO — As 2.ª e 30.ª: «Hawaii» (17 anos)
TRINDADE — As 2.ª e 30.ª: «Romeu e Julieta» (17 anos)
BATALHA — As 2.ª e 30.ª: «Raquel Raquel»
OLÍMPIA — As 21.ª e 30.ª: «Furor de matar» (12 anos)
ESTÚDIO — As 2.ª e 30.ª: «A minha filha é um problema!» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — As 21.ª: «O último desofio» e «Uma néstia de azul» (17 anos)
JULIO DINIS — As 21.ª e 30.ª: «Como mate Rasputine!» (12 anos)

Amanhã, à tarde

CINEMAS
SÃO JOÃO — As 5.ª e 30.ª: «A Condessa de Hong Kong» (17 anos)
RIVOLI — As 5.ª e 30.ª: «Queda mortal» (17 anos)
COLISEU — As 5.ª e 30.ª: «A Brigada do Diabo» (17 anos)
AGUIA D'OURO — As 15.ª e 30.ª: «O ladrão de quem se fala» (12 anos)
TRINDADE — As 5.ª e 30.ª: «Romeu e Julieta» (17 anos)
BATALHA — As 5.ª e 30.ª: «Raquel Raquel» (17 anos)
OLÍMPIA — As 15.ª e 30.ª: «Furor de matar» (12 anos)
ESTÚDIO — As 5.ª e 30.ª: «A minha filha é um problema!» (17 anos)
VALE FORMOSO — As 15.ª e 30.ª: «A irmã Yá-Yá» (6 anos)
CARLOS ALBERTO — As 15.ª: «O Analista do Senhor Presidente» e «A última condessa» (17 anos)
JULIO DINIS — As 5.ª e 30.ª: «Como mate Rasputine!» (12 anos)

Farmácias de serviço esta noite (4.º turno)

ALIRIO DE BARROS, SUCRS, R. Costa Cabral, 240 (Tel. 40593)
BOAVISTA, Rua do Boavista, 501 (Tel. 2-5443) * BOTELHO, Rua da Alegria, 863 (Tel. 4-0069) * CENTRAL, Rua de Santo António, 203 (Tel. 21684) * CONTUMIL, Rua de Contumil, 240 (Tel. 45755) * CORUJEIRA, Rua de R. do Lameiro, 473 (Tel. 5-1928) * GARANTIA, Rua Fernandes Tomás, 696 (Tel. 2-4645) * LEMOS GONÇALVES, Pr. de Carlos Alberto, 21 (Tel. 2-1509) * LATA, Rua do Campo Alegre, 192 (Tel. 6-4450) * PENINSULAR, Rua Chã, 100-102 (Tel. 2-0707) * PINHEIRO MANSO, Rua de S. João de Brito, 25-29 (Tel. 6-0692) * SÁ, Rua Vale Formoso, 181 (Tel. 40477) * POZ, Rua Senhora da Luz, 382 — Foz (Tel. 68-0127) * SERPA PINTO, Rua de Sérgio Pinto, 645 (Tel. 4-8697).

haverá um jogo de futebol, no campo do Leça, entre uma selecção do «Murray» e uma equipa da Administração dos Portos, do Douro e Leixões, seguindo-se um almoço a bordo e, das 14 e 30 às 17 os navios estarão patentes ao público; no sábado, largada dos navios, às 10 horas.

As tripulações darão passeios pelo Porto e arredores.

O centenário de Gago Coutinho

Na segunda-feira, às 11 horas, antigos ferroviários do Minho e Douro, prestam homenagem à memória de Gago Coutinho.

Colocarão uma coroa de flores junto do bronze que, no átrio da estação de São Bento, perpetua o sábio al-

marante, herói com Sacadura Cabral, do «raça» aereo ao Brasil.

Os concertos da IV série internacional

O 4.º concerto da IV série Internacional, promovido pela Câmara Municipal em colaboração com a Orquestra Sinfónica desta cidade, é amanhã, às 21 e 45 no Teatro Rivoli. O conjunto orquestral portuense será dirigido pelo jovem maestro húngaro György Giffra Jor, criador em 1966, do Festival de Música de La Chaise-dieu. Colabora o violinista canadiano Hyman Bress, que se apresenta pela primeira vez em Portugal.

NOTÍCIAS DE ABRANTES

Em prol do desenvolvimento regional

ABRANTES 11. — Foi aqui, fundada, e já tem os estatutos aprovados, pelo chefe do distrito de Santarém a Associação para o Desenvolvimento Regional de Abrantes, cujos dirigentes são formados por um escalão de técnicos e de administradores. A concretização desta iniciativa constitui uma esperança viva e actuante do progresso local e regional, não só pelo seu programa de acção mas pela dedicada colaboração que a associação prestará à Câmara Municipal.

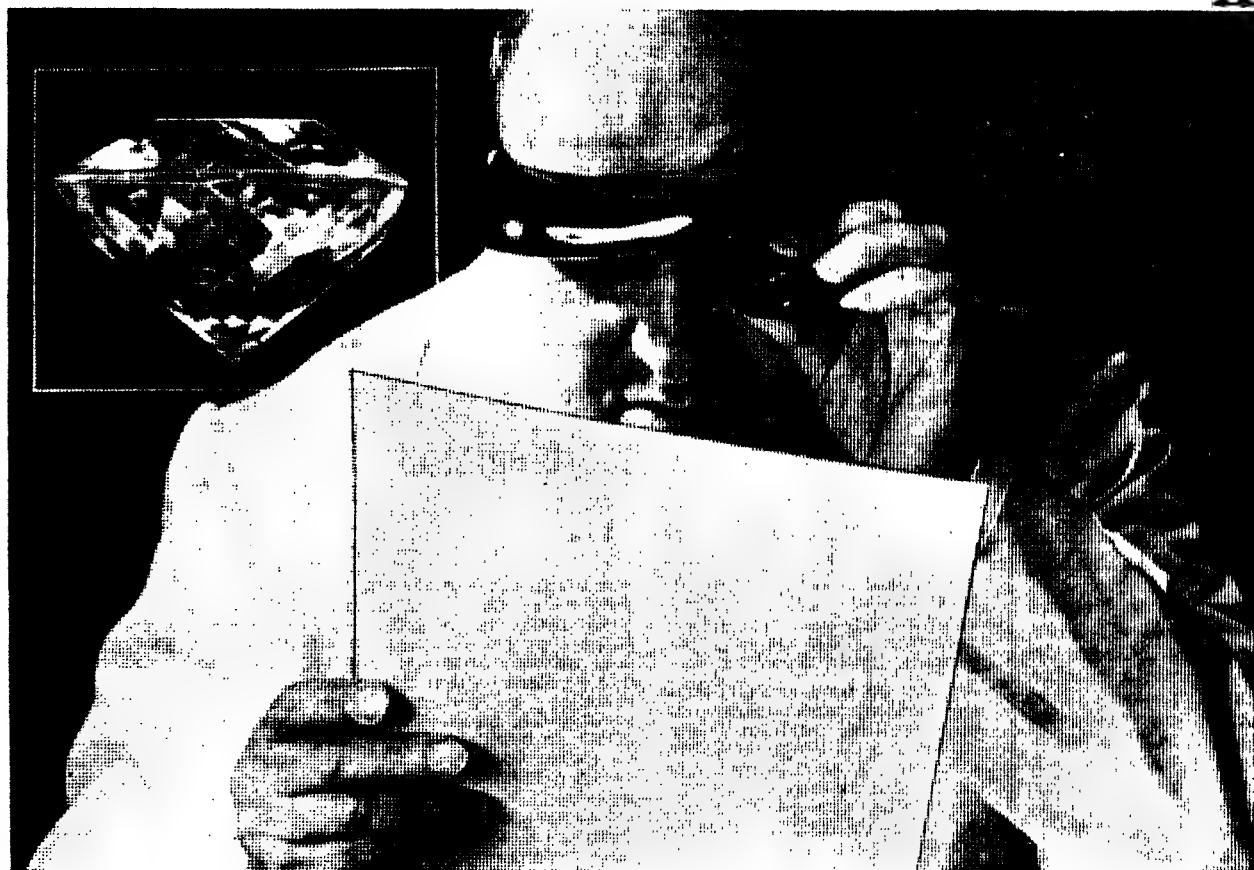
Feira de São Matias

Tudo se prepara para o grande acontecimento do ano nesta cidade: a Feira de São Matias, que abre no dia 24

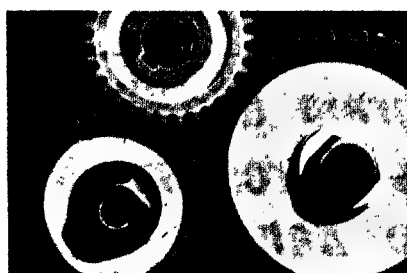
e se prolonga até ao dia 10 de Março. É sempre a estado por milhares de pessoas desta região, especialmente nos domingos e nos dias de feira degado, as seguintes feiras com carreiras de oxias em freiras, e comboios especiais do Bever, de Ponte de Sor e do Entroncamento. Os feriantes já começaram a chegar, e a Câmara promove os últimos arranjos na extensa esplanada onde a feira decorre.

CASA DA COMARCA DE ARGANIL

Foram eleitos os novos corpos gerentes da Casa da Comarca de Arganil. Presidem à assembleia geral, a direcção e aos conselhos fiscal e regional, respectivamente, os srs. Eduardo Fernandes de Matos, Alvaro Fernando Ferreira Pinto, António Lopes Machado e o presidente da direcção.



Qualquer copiator/duplicador RX...



...movimenta automaticamente uma assistência completa...



...e não imobiliza o seu capital!

V. sabe quanto vale uma cópia Rank Xerox?

Quando V. manda produzir uma cópia de um documento no seu escritório, já pensou realmente em quanto lhe fica essa cópia? Bem. Podemos de parte a questão, no caso de V. já ser um cliente Rank Xerox. Parece um paradoxo, mas o valor de uma cópia RX é muito superior ao seu custo. Vale uma assistência completa e gratuita ao equipamento. Vale também um apoio técnico que envolve racionalização e redução de burocracia no fluxo documental da empresa. Isto é um pormenor do tipo de ser-

viço, real e positivo, oferecido pela Rank Xerox. No panorama da cópia e duplicação, a Xerox também representa tempo: o que se poupa com a operação num copiator/duplicador RX. Representa um bom rendimento de capital que V. teria de investir na aquisição de um copiator vulgar — porque um copiator/duplicador RX não se vende. Aluga-se. E isto evita que V. imobilize capital sem qualquer rendimento. Nem se sujeita a depreciações.

Portanto, faça os seus cálculos e estabeleça a diferença entre quanto vale uma Xerox cópia e o custo de uma cópia vulgar.

Telefone para: 53 99 51 (Lisboa) — 6 70 58 (Porto) e 2 70 48 (Coimbra)
Sede: Av. António Augusto de Aguiar, 106 Lisboa



*Rank Xerox é uma marca registada de Rank Xerox Limited

Toda a organização é mais eficiente com Rank Xerox

ECOS

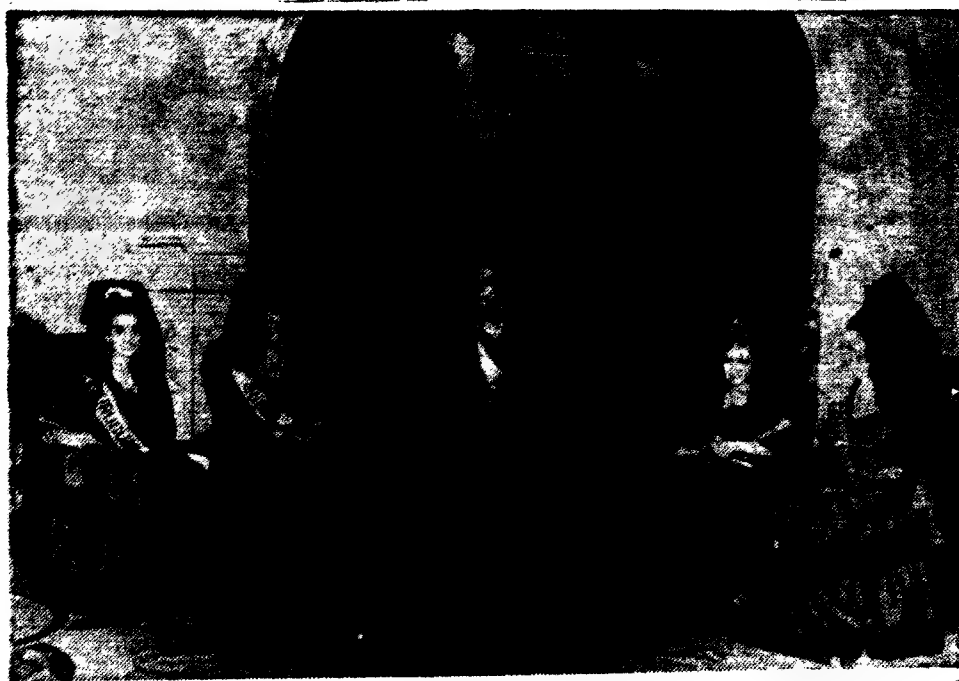
QUALQUER gráfico seguro do crescimento da população mundial nos diz que este atingiu, em 1938, 2.195 milhões, tendo ascendido, em 1965, a 3.359 milhões. Prevê-se, para 1980, 4.508 milhões, cifra que, no ano 2000, deve aumentar para 6.830. O confronto destes números com os que exprimem as necessidades do mundo em proteínas animais é, pelo menos, alarmante, pois se verifica que tal necessidade era em 1963 de 25,5 milhões de toneladas por ano, será em 1980 de 42,5 milhões de toneladas e, segundo todas as probabilidades, orçará, no ano 2000, por 65 milhões de toneladas.

Uma das grandes angústias do nosso tempo reside na impossibilidade em que nos encontramos de assegurar a alimentação do mundo. É certo que a fome existiu sempre (e ainda há dois séculos a França e a Irlanda, por exemplo, foram vítimas de crises terríveis de fome), mas o aperfeiçoamento dos meios de comunicação e de informação e a difusão de doutrinas que visam à libertação e à igualização dos homens torna-nos hoje mais sensíveis a este drama. Até uma revista bem pensante como é «Entrepreneur», na linha da tecnocracia, encara frontalmente a questão, em toda a sua agudeza, e propõe, com soluções práticas imediatas, o melhoramento das técnicas agrícolas, especialmente nos países subdesenvolvidos; e o recurso às técnicas industriais em matéria de adubos e de pesquisa para a criação de novas fontes de alimentação. O problema tem de colocar-se, aliás, não só em termos de fome quantitativa, aquela que alige vastas áreas de África e da Ásia e da América Latina, mas também

em termos de fome qualitativa, que se faz sentir mesmo nos países semidesenvolvidos da orla meridional da Europa e até em pequenas zonas da Europa rica do Mercado Comum.

EM artigo de Anatole Shub, publicado pelo «Washington Post», e dedicado à obra de Dostoiévski e às suas múltiplas transposições para o ecrã, diz-se — o que sempre é tranquilizador, num momento de endurecimento cultural como o que a União Soviética está provavelmente atravessando — que o genial autor de «O Adolescente» e de «Os Irmãos Karamazov», denegrido pela crítica djianoviana e estalinista durante vários lustros, foi exaltado por Anatole Lunacharsky, primeiro comissário soviético, como exemplar escritor e o maior dos profetas russos.

HENRI Hartung escreve, no seu importante livro «Para Uma Educação Permanente», esta frase bem digna de meditação: «A passagem de uma vida consagrada a sobreviver a uma existência realmente vivida supõe a satisfação das necessidades materiais fundamentais e a judiciosa utilização da liberdade que dessa satisfação terá de decorrer. Não é utópico pensar que a primeira condição está já, no mundo de hoje, mais próxima da sua realização do que a segunda, o que confirmaria, se tal fosse ainda necessário, a importância da educação permanente».



As «Majas» de Uruguai, Suécia, Noruega e Grã-Bretanha cercam a «Maja Internacional» — 1968.

COM O APOIO DA IBÉRIA (LINHAS AÉREAS DE ESPANHA)

«MAJA DE PORTUGAL-1969»: PRÉMIO PARA UMA RAPARIGA DE SIMPATIA FASCINANTE

Quando há necessidade de eleger uma mulher bela, de entre um grupo de belas mulheres, a tarefa é difícil. Porém, se além disso, é obrigado a escolher uma mulher verdadeiramente bela que possua encantadora personalidade e, ao primeiro relance, irradiar simpatia, o problema passa a transcender a vulgaridade.

Este é o panorama que aguarda o júri que decidirá quem vai ser escolhida para a «Maja de Portugal». É, é maior a sua responsabilidade porque a eleita competirá, em terras de Espanha, com as representantes de cerca de duas dezenas de outros países, na festa deslumbrante para coroação da «Maja Internacional» — 1969.

A grande prova

Muitas candidaturas foram já apresentadas ao «Diário de Lisboa», mediante o preenchimento correcto do cupão de inscrição, que inserimos na página e bem assim da remessa das fotos solicitadas pelo júri privo.

Podemos acrescentar que a «Maja de Portugal» desfilará em Espanha vestindo um traje típico do nosso País. Terá, também, de pronunciar uma breve saudação ao público, para que possa ser aquilatado (ainda que em análise superficial) o nível da sua cultura. Tudo isso (garbo, encanto, simpatia, fotogenia, desenvoltura, graça e facilidade de expressão) alinha nos diferentes prismas para o julgamento mais exacto do júri.

Por último, lembremos que no desfile de gala, na noite do baile da coroação da «Maja Internacional», todas as concorrentes se apresentam com mantilha e «spineles», vestidas com o fato que desejarem, de preferência curto (mini-saia, mais exactamente). Será a ocasião do grande julgamento, da análise à figura, ao seu gozo no vestir, na maquiagem, no

penteados e no pisar. Quer dizer: os detalhes que fazem uma mulher destacar-se das demais.

As últimas concorrentes Mais alguns dados biográficos sobre algumas concorrentes ao título de «Maja Internacional» — 1969: MARROCOS

Tem 19 anos e nasceu em Tânger, a representante marroquina: Touria Djebbar. Fala espanhol, francês e árabe, está empregada como secretária, pesa 53 quilos e tem

Em Jerez de La Frontera, as «Majas» dos diversos países concorrentes, assistem ao desfile, em carros alegóricos dos representantes das províncias espanholas ao concurso para «Maja de Espanha»

1,70 m de altura. Cabelo e olhos muito negros. Que deseja da vida? Conhecer as novas terras.

NORUEGA Ellen Foss nasceu a 14 de Junho de 1947, em Lilles-

Portugal e África do Sul ligados por mais de 10 000 km de cabo submarino

• Facilitado o escoamento do tráfego telefónico na Metrópole e em Moçambique

No próximo dia 18 do corrente será inaugurado um cabo submarino entre Portugal e a África do Sul, situando-se as estações terminais, respectivamente, em Sesimbra e Cidade do Cabo.

Segundo a Companhia Portuguesa Rádio Marconi, com quem contactámos, as estações situadas em território português (Sesimbra e Ilha do Sal) permitem não só o escoamento do tráfego para as redes nacionais como a possível ligação a outros sistemas de cabos submarinos.

Entre estes, no caso de Sesimbra, figuram o cabo Portugal-Inglaterra (a inaugurar brevemente) e os novos cabos para os Estados Unidos e para a Itália, através de um feixe hertziano localizado entre Sesimbra e S. Fernando (Cádiz).

O tráfego telefónico para a nossa província de Moçambique — disseram-nos — passará também a ser parcialmente encaminhado pelo cabo sul-africano.

O cabo a inaugurar no dia 18 tem o comprimento total de 10 900 km e dispõe de 643 repetidores, sendo a sua capacidade de 360 circuitos telefónicos.

— O cabo poderá assegurar — informaram-nos — serviço telefónico, telegráfico (incluindo telex e genex), telefoto, programas de música e transmissão de dados.

As iniciativas do Banco do Alentejo no sector estudantil

No Instituto Superior Técnico encontra-se presente uma Exposição Industrial, integrada no programa da III Semana de Engenharia Mecânica, promovida por uma comissão de finalistas daquele estabelecimento de ensino superior.

Atento aos interesses e aos problemas económicos e financeiros das camadas estudantis, o Banco do Alentejo instalou naquela exposição um stand destinado a prestar informações sobre a sua iniciativa «Contas Novas para Gente Nova», através de folhetos que ali são distribuídos. Assim, os estudantes (o mam conhecimento das vantajosas condições que aquela instituição bancária lhes oferece, por meio das contas especialmente criadas para eles) não só podem obter, da Conta Universitária, cuja movimentação é efectuada por meio de cheques próprios, os estudantes podem depositar o dinheiro das mesadas, de ofertas de familiares e os honorários de lições ou de outros trabalhos, recebendo folhetos de acordo com o tipo de depósito escolhido. A abertura desta conta concede, ainda, aos alunos universitários, a possibilidade de obterem créditos adequados, que lhes permitam realizar viagens de estudo ou seguir um curso de especialização.

tron. Empregada numa grande empresa (como secretária da gerência) fala inglês e alemão correctamente. Ambição: triunfar como mulher e mãe de família. Pesos 58 quilos. Tem 1,73 m de altura. Olhos castanho-escuros e cabelo negro. Gosta de ler e praticar o tênis.

representante foi Maria da Graça Machado, nascida em Portimão a 15 de Julho de 1945. Estudante, tem conhecimentos de inglês, francês e alemão. A sua maior ambição: atingir o estrelato cinematográfico. O cabelo e os olhos são castanho-escuros. Mede 1,62 m de altura e pesa 55 quilos. Gosta de teatro e de «ballets». John Steinbeck é o seu autor preferido.

PORTUGAL No ano passado, a nossa

representante foi Maria da Graça Machado, nascida em Portimão a 15 de Julho de 1945. Estudante, tem conhecimentos de inglês, francês e alemão. A sua maior ambição: atingir o estrelato cinematográfico. O cabelo e os olhos são castanho-escuros. Mede 1,62 m de altura e pesa 55 quilos. Gosta de teatro e de «ballets». John Steinbeck é o seu autor preferido.

representante foi Maria da Graça Machado, nascida em Portimão a 15 de Julho de 1945. Estudante, tem conhecimentos de inglês, francês e alemão. A sua maior ambição: atingir o estrelato cinematográfico. O cabelo e os olhos são castanho-escuros. Mede 1,62 m de altura e pesa 55 quilos. Gosta de teatro e de «ballets». John Steinbeck é o seu autor preferido.

representante foi Maria da Graça Machado, nascida em Portimão a 15 de Julho de 1945. Estudante, tem conhecimentos de inglês, francês e alemão. A sua maior ambição: atingir o estrelato cinematográfico. O cabelo e os olhos são castanho-escuros. Mede 1,62 m de altura e pesa 55 quilos. Gosta de teatro e de «ballets». John Steinbeck é o seu autor preferido.

representante foi Maria da Graça Machado, nascida em Portimão a 15 de Julho de 1945. Estudante, tem conhecimentos de inglês, francês e alemão. A sua maior ambição: atingir o estrelato cinematográfico. O cabelo e os olhos são castanho-escuros. Mede 1,62 m de altura e pesa 55 quilos. Gosta de teatro e de «ballets». John Steinbeck é o seu autor preferido.

representante foi Maria da Graça Machado, nascida em Portimão a 15 de Julho de 1945. Estudante, tem conhecimentos de inglês, francês e alemão. A sua maior ambição: atingir o estrelato cinematográfico. O cabelo e os olhos são castanho-escuros. Mede 1,62 m de altura e pesa 55 quilos. Gosta de teatro e de «ballets». John Steinbeck é o seu autor preferido.

representante foi Maria da Graça Machado, nascida em Portimão a 15 de Julho de 1945. Estudante, tem conhecimentos de inglês, francês e alemão. A sua maior ambição: atingir o estrelato cinematográfico. O cabelo e os olhos são castanho-escuros. Mede 1,62 m de altura e pesa 55 quilos. Gosta de teatro e de «ballets». John Steinbeck é o seu autor preferido.

representante foi Maria da Graça Machado, nascida em Portimão a 15 de Julho de 1945. Estudante, tem conhecimentos de inglês, francês e alemão. A sua maior ambição: atingir o estrelato cinematográfico. O cabelo e os olhos são castanho-escuros. Mede 1,62 m de altura e pesa 55 quilos. Gosta de teatro e de «ballets». John Steinbeck é o seu autor preferido.

representante foi Maria da Graça Machado, nascida em Portimão a 15 de Julho de 1945. Estudante, tem conhecimentos de inglês, francês e alemão. A sua maior ambição: atingir o estrelato cinematográfico. O cabelo e os olhos são castanho-escuros. Mede 1,62 m de altura e pesa 55 quilos. Gosta de teatro e de «ballets». John Steinbeck é o seu autor preferido.

representante foi Maria da Graça Machado, nascida em Portimão a 15 de Julho de 1945. Estudante, tem conhecimentos de inglês, francês e alemão. A sua maior ambição: atingir o estrelato cinematográfico. O cabelo e os olhos são castanho-escuros. Mede 1,62 m de altura e pesa 55 quilos. Gosta de teatro e de «ballets». John Steinbeck é o seu autor preferido.

representante foi Maria da Graça Machado, nascida em Portimão a 15 de Julho de 1945. Estudante, tem conhecimentos de inglês, francês e alemão. A sua maior ambição: atingir o estrelato cinematográfico. O cabelo e os olhos são castanho-escuros. Mede 1,62 m de altura e pesa 55 quilos. Gosta de teatro e de «ballets». John Steinbeck é o seu autor preferido.

representante foi Maria da Graça Machado, nascida em Portimão a 15 de Julho de 1945. Estudante, tem conhecimentos de inglês, francês e alemão. A sua maior ambição: atingir o estrelato cinematográfico. O cabelo e os olhos são castanho-escuros. Mede 1,62 m de altura e pesa 55 quilos. Gosta de teatro e de «ballets». John Steinbeck é o seu autor preferido.

representante foi Maria da Graça Machado, nascida em Portimão a 15 de Julho de 1945. Estudante, tem conhecimentos de inglês, francês e alemão. A sua maior ambição: atingir o estrelato cinematográfico. O cabelo e os olhos são castanho-escuros. Mede 1,62 m de altura e pesa 55 quilos. Gosta de teatro e de «ballets». John Steinbeck é o seu autor preferido.

representante foi Maria da Graça Machado, nascida em Portimão a 15 de Julho de 1945. Estudante, tem conhecimentos de inglês, francês e alemão. A sua maior ambição: atingir o estrelato cinematográfico. O cabelo e os olhos são castanho-escuros. Mede 1,62 m de altura e pesa 55 quilos. Gosta de teatro e de «ballets». John Steinbeck é o seu autor preferido.

DIALOGO TRANSITIVO

por Alberto Ferreira

INSISTO num tema que me é particularmente simpático — só para não dizer poético, de tal modo a palavrinha mágica se gastou por saias e saletas de reuniões e reuniõesinhas. E insisto na ironia (sem sarcasmo, a tocar a sátira...), porque este povo, outrora modesto e com o sentido do ridículo, está a inchar basólicas farfalhadas de novo-rico e a perder o sentido do humor. Bem: torno ao tema não sem prometer que um dia destes me irei ocupar das ordens e comendas insignias e outras coisas solenes. Cuidado, gente, cuidado com as primeiras páginas de jornais. Podem estragar a reputação de um homem (com letra grande, ponham-na lá por favor...). O tema já eu o abordé aqui.

No fundo, enuncia-se assim: qualquer realização material e mental que projecte o desenvolvimento em termos de futuro a longo prazo (não será sempre o futuro um tempo dilatado?), implica, necessariamente, o estudo das infra-estruturas: escolas, institutos de formação de professores, recuperação de adultos, informação científica, técnica e filosófica, sistema rodoviário, esgotos, empacamento urbano, produção e distribuição de energia, organização de serviços públicos (no sector privado e no Estado), transportes aéreos, parques de maquinaria agrícola, sistema de conservação de alimentos, fornecimento de água e combustível, luz, telecomunicações, crédito, urbanismo, reservas alimentares e dispositivos de segurança para prevenir e remediar catástrofes naturais, postos sanitários e de assistência urgente, maternidades, hospitais, cooperativas, centros de educação física, sistemas de protecção civil e do território, institutos de investigação, isto para só enumerar o que imediatamente ocorre à memória atenta. De atropelo.

Pois tudo que se disse deveria estar escalonado, em forma de organograma, na mente das pessoas... Mas não está. Pergunte-se aí: quantos proprietários rurais tem o Minho? Qual é (em quantidade) a população do Algarve? Quantos estudantes universitários possui o Porto? Qual a percentagem da população activa que se ocupa na agricultura? E na indústria? E que indústria? Qual é a produção agrícola do país que mais rende ao lavrador? E que lavrador? Quantos

analfabetos? E presta a sê-lo? E que já o eram antes de o ser?

Meus caros concidadãos! Experimentem responder a metade destas inofensivas perguntas. Vamos, façam o teste... Se eu sei? Algumas não, francamente. A instituição do ensino poderá publicar um manual turístico do que o País seja e deva ser. Manual do cidadão... Ah! lembram-se de um senhor escritor chamado Trindade Coelho? Quem se não recorda de ouvir falar no livro famoso «In Illo Tempore»? Mas talvez se ignore que escreveu um magnífico Manual Político do Cidadão Português. Que está francamente desactualizado... Porque o não escrevo eu? Boa pergunta! Dai tempo ao tempo. Talvez um dia os fatos se reunam para eu me dar ao «luxo» de essa tarefa colectiva...

Entretanto falemos de plano. Em face da racionalização que a técnica exige e a ciência permite (ou a ciência que exige e a técnica permite?) as sociedades não podem ser abandonadas ao envolver espontâneo das autarquias e forças vivas locais. A planificação regional assume tanta relevância como a planificação nacional — pois não há plano geral sem análise dos seus componentes. Em princípio, o plano geral tem de se orientar para as grandes áreas de coordenação económica, social e política. Os seus autores têm de sondar as aptidões do País e examinar a vocação regional e nacional.

Vejam: a ideia de plano tem sentido planetário. Estão a reparar na diferença? A construção de uma escola, de um talho ou de um caminho aldeão tem, ou deveria ter, expressão urbana, nacional, planetária. O conceito vale para Portugal e Algarves, alastra e aplica-se aos frios de Strasbourg, donde João Medina nos contempla do alto da sua opulenta Torre de Babel. Porque também para aquelas bandas civilizadas o filisteu tem poderes e influência excessivos. Ele pesa no campanário, no sacristão, no «maire», na rua, no concheiro das famílias. Não confundam as coisas, amigos. Esta nossa Pátria não é pior do que as outras... E talvez a gente dela seja de facto muito dotada. O que cumpre é vestir a pele de cidadão de vista larga e realçada. Olhar que transborde de Alguadars de Baixo e veja serranias e charnecas, poisios e coutadas e encha isso de pessoas!

Jornada de Aperfeiçoamento Profissional

FOZ DO ARELHO, 11 — Na Colónia de Férias Marechal Carmona, da F. N. A. T., prosseguiram, hoje as jornadas de Aperfeiçoamento Profissional, organizadas pela Estação Agrária da IX Região Agrícola (Caldas da Rainha).

Durante a manhã, o rev. eng.º agr. José Miranda Magalhães, delegado diocesano dos organismos da Acção Católica Rural, falou sobre «A Igreja num mundo em evolução», tendo referido aspec-

tos da doutrina social da Igreja.

A tarde foi preenchida com duas importantes comunicações do sr. eng.º agr. Magro Reis: uma sobre «Evolução geral do cooperativismo» e outra sobre «Cooperativismo em que os cooperativistas se enquadram».

Logo à noite, com início às 21 horas, realizou-se uma mesa-redonda sobre «O crédito na agricultura», em que participou, na mesa agr. José Oliveira, da J. C. I., e Alvim, delegado distrital da J. C. I.

CHOCOLATES TAGHES BARREIRO - LISBOA - QUELUS

Conta Infantil BANCO DO ALENTEJO

Escola fechada por falta de professor

Travessa de Tavares é uma aldeia dos arredores de Mangualde. Tem um posto escolar, como é natural. Tem crianças em idade de frequência. Mas o posto está fechado e a professora, em vez das aulas, tem as ruas todas para brincar. Porquê? Ainda ali não apareceu, até agora, qualquer professor.

O ano passado o rendimento do posto foi expressivo: oito crianças propostas e aprovadas no exame da quarta classe.

Para os rapazes, claro, é uma festa: felizmente não há escola. Mas para os pais é uma preocupação, um problema. Como irão resolvê-lo?

FILMES DA «APOLO 8» NA ESTAÇÃO AGRONÓMICA

Na Estação Agronómica Nacional, serão exibidos, amanhã, às 10 horas, os filmes «Project Apolo 8» e «Project Apolo 9» — Journey around the moon, cedidos pela Embaixada dos Estados Unidos.

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preço compramos: Pêra muito bom GRANDE OURIRESARIA DA MODA RUA DA PRAÇA, 257

Uma reunião de médicos estomatologistas na Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 11 — Reuniram-se aqui médicos estomatologistas para comemorarem o dia da sua profissão, Santa Apolónia.

Cerca de uma centena de desses médicos especialistas com suas famílias ouviram missa na capela do Forte de Santa Catarina, e assistiram, depois, num almoço, à confraternização, que decorreu em ambiente de alegre e franca camaradagem.

No fim do almoço, o sr. dr. José de Palma Boleto falou de recentes e aparecidos trabalhos sobre Santa Apolónia, na Alemanha, na Hungria, na Dinamarca, na Bélgica, na Itália, e em Portugal, nos dois últimos anos, trabalhos que — disse — têm interesse artístico e histórico, pois através dos mesmos se pode aferir da evolução dos ferros de extracção dentária, observando a iconografia de Santa Apolónia.

Falaram, ainda, outros médicos e foi assinada o livro do Congresso Internacional de Estomatologia, que se reúne em Abril próximo.

Foram de 33 582 contos os lucros em 1968 do Banco Totta-Aliança

Reuniram-se esta tarde a assembleia geral do Banco Totta-Aliança, na qual se deu a Rua do Ouro, 69 a 79.

A assembleia geral presidiu o sr. Jorge de Melo, dizendo-se no relatório do conselho de administração que se mantém a expectativa, devido não diminuição durante o ano findo, de que providências resultaram a par da indispensável cooperação esclarecida do sector bancário continuaram a uma abordagem dos problemas dos membros do conselho com vista à aplicação de soluções activas, eficazes e integradas no processo do desenvolvimento económico nacional.

Durante o ano de 1968 foi facultada ao banco a abertura de 2 dependências urbanas e 3 dependências rurais. O total de balcões à disposição da nossa clientela passou a ser de 42, mas continuam a subsistir lacunas importantes na expansão territorial do Banco que se desejaria preencher mais rapidamente.

No balanço de 31 de Dezembro de 1968 figuraram

6 227 931 contos de depósitos a prazo e a ordem, o capital de 250 mil contos e as reservas de 61 500 contos, com 118 500 contos de outros fundos de reserva.

Os lucros no ano de 1968 foram de 33 582 contos.

Ao conselho de administração preside o sr. José Manuel da Silva José de Melo, tendo por vice-presidentes os srs. drs. Alexandre Pinto Basto e Manuel César da Fonseca, vogais são os srs. comandante Albano Rodrigues de Oliveira e Francisco Guimarães. A comissão executiva é composta pelos srs. António Mendes de Campos, António Bandeira Guimarães, Rolando Pereira Galvão, José da Cunha Guimarães e António Manuel de Sousa Vieira.

O conselho fiscal é presidido pelo sr. Luís de Azevedo Coutinho, pelo sr. Manuel António de Sousa e Carlos Vasco Moncho de Oliveira Mourão, o sr. Dionísio José de Melo e o sr. Fernando de Melo e Castro de Oliveira Santos.

OS PRÉMIOS DA «MAJA DE ESPANHA»

Em 1968, o concurso «Maja de Espanha» estava dotado com valiosos prémios, que não se destinavam exclusivamente à rapariga que obtivesse o título, mas, também, aos cabeleiros e fotógrafos que cooperassem na descoberta da candidata ideal.

Esses prémios que a «Maja» recebeu: um automóvel «Simca», automático, 10 000 pesetas, um vestido de «Maja», inteiramente bordado, uma taca de prata, um vestido mini-chippies, uma mantilha e uma corola de spineles, um colar de spineles, um jogo de perlas e uma estadia (absolutamente grátis) de 10 dias em Saragoça.

O seu cabeleireiro recebeu cinco mil pesetas, uma taca de prata, um diploma e, ainda, o direito a um passeio a Saragoça.

O fotógrafo que captou a imagem sujeita a concurso foi a «Maja de Espanha» recebeu cinco mil pesetas, um troféu, um diploma e, também, viagens até Saragoça.

A Direcção-Geral da Cida promoveu uma importante reunião de trabalho

Num dos hotéis do Estoril, teve hoje lugar uma importante reunião de trabalho da Direcção-Geral da Cida, com os directores e chefes de serviço dos diversos departamentos da empresa. Oportunamente programamos dar notícia pormenorizada sobre alguns aspectos de maior relevância abordados quer pelo administrador-director-geral, sr. Francisco da Costa Ribeiro, quer por alguns dos restantes funcionários superiores da Cida, presentes na reunião.

Actualidade internacional

TAL NÃO SE VIA DESDE 1965

A maior cidade dos E. U. A. imobilizada pela neve

NOVA YORK, 11 — (F. P.) — Nova York paralisada — tal não se via desde a grande falta de corrente eléctrica de Novembro de 1965. Mas desta feita, não foi a electricidade a culpada. Um violento nevoeiro, que durou perto de vinte e quatro horas sem interrupção, imobilizou a maior cidade dos Estados Unidos. O génio da organização norte-americana falhou desta vez. Os serviços de desobstrução revelaram-se impotentes para remover os milhares de toneladas que representam 30 a 35 cm de neve sobre toda a superfície de uma cidade tão grande. A surpresa foi: ainda mais porque os serviços meteorológicos, embora informados por satélites especiais, só tinham previsto pequenos nevoeiros. Na realidade a neve começou a cair no domingo ao amanhecer e só parou à meia-noite do dia seguinte.

A tempestade bloqueou em casa os condutores dos veículos de desobstrução e na segunda-feira à tarde raros eram os carros e os autocarros que conseguiram circular no centro da cidade. Quanto ao trânsito nos arrabaldes nem é bom falar nisso.

A raridade dos autocarros, a interrupção total dos comboios suburbanos e os atrasos enormes no metropolitano impediram a maior parte dos nova-iorquinos de se apresentarem no seu trabalho. Desde domingo que as estações de Rádio lançavam o alarme: comunicados e boletins especiais sucediam-se nas ondas, criando uma atmosfera de crise. Dir-se-ia que se tratava de uma cidade atingida por uma calamidade desconhecida. A maioria das grandes empresas não abriu as suas portas na segunda-feira por falta de empregados. A bolsa de Nova York e as escolas tiveram que fazer o mesmo.

Mais de mil automóveis tiveram que ser abandonados no norte de Manhattan. São incontáveis os que ficaram ao longo das auto-estradas que conduzem aos aeroportos ou aos arrabaldes distantes. Domingo à noite os hotéis foram tomados de assalto pelos habitantes dos arredores surpreendidos em Nova York e que não podiam regressar a casa. Muitas pessoas que trabalham ao domingo tiveram que dormir nos seus escritórios. Inversamente, as pessoas que foram passar o fim-de-semana fora viram-se impedidas de voltar a casa.

Todavia, foi nos aeroportos que a situação se apresentou mais catastrófica. No domingo à noite, só no aeroporto internacional Kennedy, umas seis mil pessoas viram-se obrigadas a um acampamento improvisado. Todos os voos foram anulados e as pessoas tiveram que dormir nas poltronas, no chão ou dentro dos aviões. Segunda-feira de manhã, a National Airlines pediu que um helicóptero abastecesse a sua escala no aeroporto Kennedy: já não havia nada que comer nem que beber a bordo para entreter a impaciência dos passageiros.

NOVA YORK 11 — (R.) — A Polícia anunciou que morreram hoje mais de 17 pessoas na cidade de Nova York em consequência da maior tempestade de neve de que há memória nos últimos dez anos.

Não foi feita ainda uma contagem rigorosa do número de mortos causados pelas tempestades de neve, embora se julgue que possa exceder a centena nos Estados do Nordeste.

O «mayor» John Lindsay decretou o estado de emergência por causa da neve na cidade de Nova York.

Publicações estrangeiras proibidas em Espanha

GIBRALTAR, 11. — (R.) — Funcionários da Alfândega espanhola proibiram publicações estrangeiras, incluindo as britânicas e de Gibraltar, de entrarem em Espanha.

Os operários espanhóis, que seguem diariamente para o Rochdale, revelaram que foram avisados de que as suas licenças de trabalho serão canceladas imediatamente se forem encontradas em seu poder publicações estrangeiras.

A censura à imprensa encontra-se em vigor em Espanha desde que o generalíssimo Franco impôs em 24 de Janeiro último, no País, um estado de emergência de três meses.

Turistas que chegam a Gibraltar, vindos de Espanha, afirmam que é agora impossível a recepção de programas de Rádio e de Televisão estrangeiros.

SITUAÇÃO EM BILBAO

MADRID, 11. — (F. P.) — A situação social em Bilbao, Barcelona e Madrid continua a ser delicada. A depuração feita na Universidade de Madrid parece ter sido suficiente para permitir as faculdades madrilenas de entreabrir as portas com vista aos exames da época. Mas quanto à reabertura geral dos cursos tanto em Madrid como em Barcelona, não pensam os círculos oficiais que se efectue antes dos primeiros dias do mês que vem.

A Polícia continuará, entretanto, as suas operações para desmantelar os pequenos grupos castistas, anarquistas, e maofistas, focos da agitação antes da introdução do estado de excepção. Segundo informações de boa fonte, o

número de detidos em Madrid desde a promulgação do estado de excepção é de 250 a 275, sendo a maioria estudantes. Quanto ao resto da Espanha não há qualquer possibilidade de calcular o número de prisões. Duas categorias são particularmente visadas: os estudantes e os membros das Comissões Operárias (clandestinas) sobretudo comunistas católicos progressistas da AST (Associação Sindical de Trabalhadores) e socialistas (da União Sindical Operária).

Os observadores madrilenos fazem reparo na «neutralidade» mantida pelos industriais quanto aos sindicalistas presos. Não há despedimentos como era costume e, quando saem em liberdade, por vezes depois de alguns dias de detenção, reencontram os seus lugares na empresa.

Em Bilbao, que continua a ser ponto nevrálgico da situação social espanhola, foram presos ontem uns vinte grevistas. O total de sindicalistas detidos iria além de sessenta. Os altos fornos permanecem em greve total. É o que sucede também nos estaleiros navais. O número de grevistas bilbaínos seria superior a 17.000.

Em Barcelona há 10 mil afectados, ou por greve ou por «lock out». Em São Sebastião, a greve na Michelin, continua, o mesmo sucedendo com a fábrica de aparelhagens domésticas de Hernani.

SCHROEDER TERÁ OS VOTOS DO N. P. D.

HANOVER, 11. — (F. P.) — Gerard Schroeder, ministro federal alemão da Defesa e candidato do Partido Cristão-Democrata (CDU-CSU) à presidência da República, pode estar certo de obter os 22 votos do N.P.D. quando das eleições de 5 de Março em Berlim-Occidental.

Adolf Von Thadden, presidente do Partido Nacional Democrático declarou hoje em Hanover que o «comité directivo do N. P. D. tinha convidado os seus representantes nas Dietas provinciais e não votarem no candidato do Partido Social Democrata (SPD), Gustav Heinemann, actual ministro da Justiça.

SABOTAGEM

SAIGÃO, 11. — (F. P.) — Nas últimas doze horas a F. N. L. bombardeou sete objectivos militares americanos e sul-vietnamitas, entre os quais a base de Da Nang.

Pela primeira vez desde que começou a funcionar a F. N. L. fez saber o «comité» que ligava Da Nang a Huế. Esta linha não funcionou durante duas horas, devido às sabotagens realizadas, tendo sido reparada na sua totalidade.

DESORDENS EM BOMBAIM

O EXÉRCITO INDIANO ESTÁ DE PREVENÇÃO

BOMBAIM, 11. — (R.) — O Exército indiano encontrava-se de prevenção e reforços da Polícia chegaram a noite passada a esta cidade, após o terceiro dia de terríveis desordens em consequência das quais morreram 22 pessoas e mais de 100 foram feridas por balas disparadas por agentes.

O comissário da Polícia E.

S. Modak afirmou que o Exército se encontrava de prevenção, mas não fora chamado a intervir. O comissário disse ainda que a situação estava dominada e revesou que pelo menos 1.500 pessoas foram presas.

Bombaim tem sido devastado por multidões enfurecidas desde sábado, quando o movimento militante Mahatma Shri Sena tentou impedir o vice-primeiro ministro Morarji Desai de entrar na cidade. O movimento está empenhado numa campanha para uma solução favorável para Mahatma numa disputa fronteiriça com Mysore.

Ajuda chinesa a Biafra

LAGOS, 11. — (F. P.) — A China comunista interveio no conflito da Nigéria, fornecendo aos secessionistas biafrenses dinheiro, armas e equipamento diverso — declarou ontem, em Lagos, o ministro nigeriano da Informação, Anthony Enahoro, que esclareceu que este auxílio é encaminhado «através da Tanzânia e de outros países». No entanto, não há qualquer prova de que mercenários chineses participem no conflito.

Enahoro revelou, por outro lado, que a Marinha federal intensificou as suas patrulhas nas águas nigerianas, para «combater as possíveis infiltrações de partidários dos rebeldes».

MANIFESTAÇÃO DE ESTUDANTES EM LAHORE

RAWALPINDI, 11. — (R.) — Estudantes, manifestando-se de frente do palácio do governador do Paquistão Ocidental, em Lahore, exigiram a noite passada uma mudança de regime e a libertação de colegas presos, segundo comunicou a agência noticiosa paquistanesa Associated Press.

A agência disse que a manifestação fora ordenada pelos estudantes desfilarem pelas ruas da cidade, com cartazes, pedindo reformas económicas e políticas.

Entretanto, em Rawalpindi, um grupo de milhares velados desfilou, gritando «Viva Ayub Khan».

RESTAURANTE-SNACK-BAR

O prato do dia do Chefe para esta semana

Segunda Caldeirada de Cabrito e Angolana

Terça Caril de Frango e Indiana

Quarta Bife e TUTTI MUNDI

Quinta Goulash de Vitela e Tolstoi

Sexta Bacalhau e TUTTI MUNDI

Sábado Coelho Salteado e Caçadora

Domingo Dobrada à moda do Porto

Azedeiro de Lempira e modo do Minho

Feijoadas e Brasileira - Arroz e Valenciense

Filetos de Linguado e TUTTI MUNDI

Preocupação americana quanto a Berlim

(Continuação da 1.ª página)

contra a eleição em Berlim-Occidental, no dia cinco de Março, do novo presidente da Alemanha Federal.

Segundo os observadores, a Rússia pediu aos Estados Unidos que persuadissem a Alemanha Federal a não realizar aquele acto em Berlim-Occidental.

O problema de Berlim deve ser um dos assuntos que o secretário-geral da N. A. T. O., Manlio Brosio, debaterá com o secretário de Estado William Rogers, com o secretário da Defesa, Laird, e com outros elementos do Governo norte-americano, no decurso da sua visita a esta cidade, de 13 a 14 de Fevereiro, a

qual se realiza a pedido de Rogers.

Brosio deverá abordar também a reunião dos ministros da N. A. T. O., marcada para onze de Abril, em Washington.

NOVAS RESTRIÇÕES?

BONN, 11. — (R.) — Aumentou hoje a especulação nesta cidade de que a visita de surpresa do marechal soviético Ivan Yakubovsky a Berlim-Leste poderia anunciar novas restrições a viagens entre a Alemanha Ocidental e Berlim-Oeste.

O marechal Yakubovsky, supremo-comandante das forças do Pacto de Varsóvia, chegou ontem a Berlim-Leste apenas 24 horas depois da Alemanha Oriental anunciar restrições quanto ao acesso por terra a Berlim-Oeste.

A agência noticiosa alemã-Oriental A. D. N. comunicou laconicamente a visita do marechal, que é um dos subsecretários da Defesa soviéticos, mas não indicou a razão dela.

As restrições alemãs-orientais, como represália contra a decisão de Bonn de efectuar a eleição presidencial alemã-occidental em 5 de Março em Berlim-Oeste, foram anunciadas no domingo, após consultas demoradas com a União Soviética. Deputados federais e membros do Partido Nacional Democrático, da extrema-direita, que tem 22 dos 1034 lugares no Colégio Eleitoral, foram já impedidos de atravessar por terra a Alemanha Oriental.

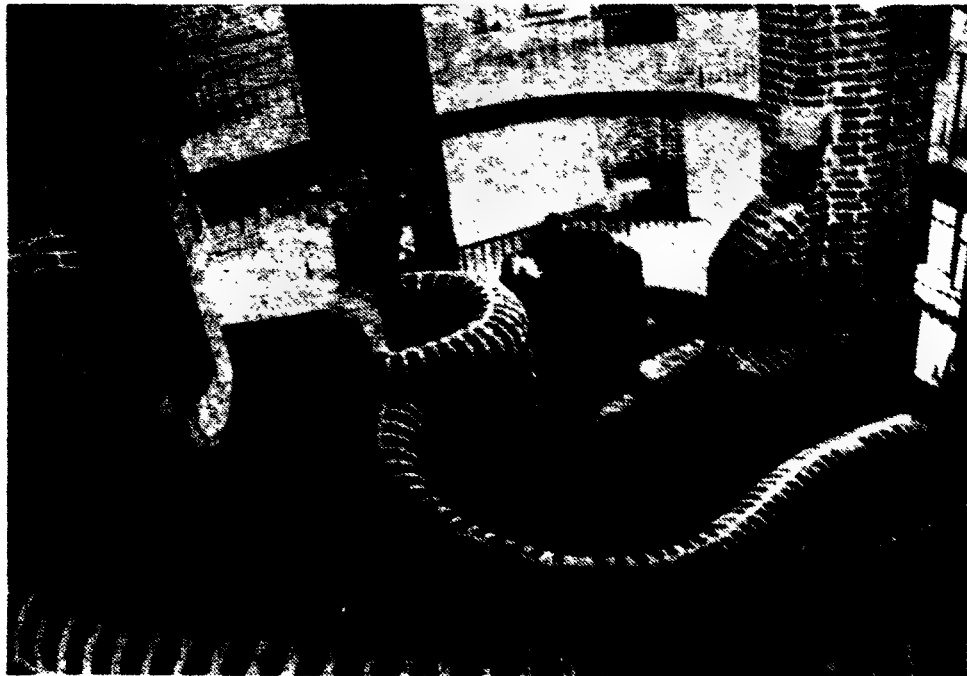
O efeito das medidas é que os deputados da extrema-direita, que tem 22 dos 1034 lugares no Colégio Eleitoral, foram já impedidos de atravessar por terra a Alemanha Oriental.

OS ESTUDANTES DE BERLIM CONTRA A VISITA DE NIXON

BERLIM, 11. — (F. P.) — A assembleia dos estudantes da Universidade Livre de Berlim decidiu na segunda-feira «perturbar» a próxima visita de Richard Nixon à antiga capital do Reich e manifestar-se contra a eleição do presidente da R.F.A. em Berlim, no dia 5 de Março.

O «Parlamento Estudantil» considera que esta eleição é contrária aos interesses da população de Berlim-Occidental. Quanto à visita do presidente dos Estados Unidos, os estudantes anunciaram que este deixará Berlim de forma diferente dos seus predecessores.

Já no domingo, Horst Mahler, dirigente do «Clube Rebeldes» e defensor dos membros do S.D.S. (Federação dos Estudantes Socialistas), tinha feito constar que «posição extra-parlamentar» Berlim se manifestaria contra Nixon e contra a eleição da assembleia federal.



No mais moderno asilo para pessoas idosas da República Federal da Alemanha, em Gath, perto de Düsseldorf, substituíram-se praticamente todos os degraus por rampas. O projecto é do arquitecto Boehm, de Colónia, que teve também em consideração nichos e recantos onde os velhinhos podem descansar. O edifício, todo construído em tijolo sem reboco, tem sido alvo das mais animadas discussões... «Discutam, discutam... — diz o projectista. — O que interessa é que os 185 hóspedes se sintam perfeitamente bem no novo ambiente...»

Os conservadores britânicos e a imigração

O discurso pronunciado por Heath acerca do problema da imigração provocou viva controvérsia. O dirigente da oposição conservadora impressionou a opinião pública pelo tom alarmista da sua intervenção. A presença a seu lado de Powell — tornado com ou sem razão o símbolo do racismo militante — confirma um endurecimento na atitude oficial do Partido Conservador a respeito da imigração. Heath é certo, defendeu-se imediatamente de ter aderido a Powell. Parece claro, no entanto, que os argumentos de Powell encontram um eco suficientemente significativo para que o líder da oposição de Sua Majestade se sinta obrigado a tê-los em conta.

Sem dúvida que Heath não vai tão longe como Powell, que sugeriu a criação de um Ministério do Repatriamento a fim de encorajar os imigrantes a regressarem aos seus países de origem. Excluiu especificamente a força e os embaraços administrativos como meio de fazer partir os que já chegaram, e evocou unicamente um «auxílio generoso» a favor dos que desejem regressar ao seu país. Noutros pontos fundamentais, Heath está em

desacordo com Powell. No entanto, por comparação com os seus discursos anteriores, aproximou-se daquilo a que chamam o «powellismo». Todas as suas antigas referências ao papel histórico da Grã-Bretanha, país-refúgio, desapareceram. Heath insiste agora numa rigorosa aplicação das medidas de fiscalização existentes, sugerindo claramente que estas são mal aplicadas.

O dirigente conservador deseja que de futuro os cidadãos da Commonwealth sejam tratados exactamente como estrangeiros. Deste modo o seu direito à cidadania britânica perderia o carácter automático e ficariam submetidos a verificações regulares.

PRÓXIMAS CONVERSACÕES SINO-CANADIANAS

OTTAWA, 11 — (F. P.) — «A nossa Embaixada em Estocolmo foi encarregada de comunicar à Embaixada da República Popular da China a proposta do Canadá para o início de conversações acerca das relações entre os dois países num futuro próximo e em local e data que convenham a ambos os Governos», declarou ontem, nos Comuns, Mitchell Sharp, ministro dos Negócios Estrangeiros do Canadá.

«Espero» — acrescentou — «que não tardaremos a receber uma resposta do Governo chinês e que representantes de ambos os países poderão em seguida empreender o exame do reconhecimento da República Popular da China e a troca de embaixadores entre Ottawa e Pequim».

O ministro salientou que, apesar da falta de relações diplomáticas, foi possível nos últimos anos intensificar o comércio com a China e aumentar os contactos em vários outros domínios.

Deixariam de poder mandar vir a família sem o acordo das autoridades britânicas, que teriam de apreciar os recursos financeiros dos pretendentes. Por outro lado, a família deveria limitar-se a mulher e aos filhos, crianças incapazes de trabalhar. Por fim, as autoridades poderiam recusar a entrada aos que desejassem instalar-se em zonas já superpovoadas, como os estrangeiros, os imigrantes da Commonwealth só seriam admitidos por certo tempo, num local e para um trabalho de antemão bem determinados.

Para Heath, trata-se de um problema nacional que o Governo deve solucionar sem demora. Mas, nos círculos próximos do Governo, afirma-se que nada justifica esta pressa. Assim, entre Janeiro e Novembro de 1968, entraram na Grã-Bretanha quatro mil e trezentos emigrantes da Commonwealth, na sua maior parte médicos e enfermeiras de que o país tem carência. Durante o mesmo período, quarenta e uma mil e seiscentas pessoas juntaram-se ao seu chefe de família, ou sejam onze mil menos do que em 1967. Ao mesmo tempo, durante o primeiro semestre de 1968, onze mil emigrantes voltaram a partir para o seu país de origem. Os círculos governamentais fazem notar, por outro lado, que não é imposto qualquer limite à entrada de estrangeiros: assim, em 1967, foram admitidos na Grã-Bretanha quarenta e seis mil trabalhadores estrangeiros não qualificados vindos da Commonwealth.

Verdadeiramente, sem o querer admitir expressamente, os conservadores especulam com o racismo latente — e que por vezes se manifesta com virulência de vastos sectores da opinião pública, designadamente nas classes médias, mas também nos meios operários, onde Powell encontrou numerosos apoios. O problema racial reflecte-se bastante nitidamente nas propostas de Heath, que dizem exclusivamente respeito aos imigrantes de cor, sem qualquer referência ao número de estrangeiros brancos que se instalaram todos os anos na Grã-Bretanha (vinte mil), nem aos irlandeses e aos brancos da Commonwealth, nem aos milhares de britânicos que emigram todos os anos.

Exclusivo «Le Monde» — «Diário de Lisboa»

Wilson inicia hoje uma visita de quatro dias à Alemanha Ocidental

LONDRES, 11 — (R.) — O primeiro-ministro Harold Wilson parte hoje para Bonn numa visita de quatro dias à Alemanha Ocidental, planeando reafirmar o compromisso da Grã-Bretanha para com uma Europa unida.

Nas suas conversações com o chanceler federal dr. Kurt Georg Kiesinger e outros ministros, Wilson sondará as possibilidades de colaboração mais íntima com a Europa continental, como parte da campanha da Grã-Bretanha para entrar para o Mercado Comum.

As relações entre o Leste e o Oeste, a situação na Checoslováquia, a aliança da N.A.T.O., o tratado de não-proliferação nuclear e projectos anglo-alemães para cooperação na indústria e tecnologia encontrar-se-ão, também, na agenda. Wilson visitará Berlim-Oeste na sexta-feira, regressando a Londres no mesmo dia.

A visita faz parte de contactos regulares entre os dois Governos, que se registam quase uma vez por ano. Wilson desejava, também, ter a certeza de que não existe qualquer ressentimento por causa da pressão da Grã-Bretanha sobre Bonn, em Novembro passado, para levar o Governo alemão-ocidental a revalorizar o marco.

CONSULTAS ENTRE A GRÃ-BRETANHA E O EUROMERCADO

Não é provável que possibilidades de reconciliar atitudes diferentes quanto a acordos internacionais monetários sejam discutidas em profundidade antes da visita à Europa do presidente Richard Nixon, que poderá fornecer certos indícios quanto à posição do novo Governo americano.

A visita de Wilson realiza-se após a sessão do Conselho da União Europeia Ocidental na semana passada no Luxemburgo,

que teve como resultado um acordo sobre consultas políticas entre a Grã-Bretanha e os cinco associados da França no Euro-mercado.

Antes desse acordo, houve grande especulação em Bonn acerca de possíveis novas iniciativas britânicas na Europa, incluindo um anunciado plano secreto para uma federação supranacional europeia. Afirmou-se que isso fora sondado durante uma visita feita a capitais europeias pelo antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, George Brown.

Wilson desmentiu a existência de tal plano, mas a ideia perdurou em virtude do conhecido interesse do Foreign Office em qualquer proposta que putesse ajudar a manter viva a noção de Europa.

Agora que foi alcançado o acordo do Luxemburgo, espera-se que diminua o interesse na alternativa supranacional.

CARNAVAL NO ALGARVE TORRALTA

proporciona o CARNAVAL DO ANO



RUI DE MASCARENHAS

no HOTEL GOLFINHO
PRAIA DE D. ANA — LAGOS
E NO
CONJUNTO TURÍSTICO DA PRAIA DE ALVOR
COM

RUI DE MASCARENHAS o notável artista português conhecido em todo o Mundo;

INÉS MARCO conhecida vedeta sul-americana

LENITA GENTIL Prémio de Imprensa de 1968

ALEX sempre inimitável;

a jovem artista JÚLIA CHAVES

E O ACORDEONISTA PORTUGUÊS

TINO COSTA que se apresenta pela primeira vez em Portugal, depois dos grandes êxitos que alcançou nas maiores cidades do continente americano

Dance as 4 noites do Carnaval
ao som das orquestras de FERNANDO ALBUQUERQUE
e LEO TINO

Para a juventude, o conjunto ié-ié «FILFRA»

Apresentação de ISABEL WOLMAR

MARCAÇÕES:

LISBOA — Av. Duque de Loulé, 66-A — Telef. 5 17 48 e 5 44 79

ALGARVE — Hotel Golfinho — Praia D. Ana — Telef. 302 — LAGOS

TORRALTA — Praia de Alvor — Telef. 1324 e 428 — PORTIMÃO

COOPERAÇÃO

GERMANO-

JUGOSLAVA

BONN, 11 — (A. N. I.) — Os ministros da Economia Karl Schiller, da Alemanha Federal, e Toma Granfil, da Jugoslávia, assinaram um acordo de cooperação económica, industrial e técnica entre os dois países.

O acordo também prevê que seja nomeada uma comissão mista para promover permutas técnicas, produção conjunta e vendas a terceiros países.

Toma Granfil é o primeiro ministro jugoslavo a visitar a Alemanha Federal desde a segunda guerra mundial. Conferenciou também com o chanceler Kiesinger.

Para hoje, o seu programa inclui conferências com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Willy Brandt, e das Finanças, Franz Josef Strauss, visitando depois, nos próximos três dias, fábricas da Alemanha Federal.

PRESIDENTE DO CONSELHO: O instinto vital da conservação do País exige uma política de reformas

Através da Televisão e da Rádio o Presidente do Conselho fez, ontem, uma palestra que, a seguir, transcrevemos na íntegra:

O Presidente do Conselho recebe quotidianamente avultada correspondência vinda de todos os pontos do País e proveniente das pessoas mais variadas e das mais diversas condições. Andam as cartas à volta de cem por dia. Não posso lê-las pessoalmente, está claro, pois não faria outra coisa — e o tempo escasseia para dar conta de tarefas essenciais. São os secretários que procedem à sua leitura e que me informam depois, sumariamente, dos assuntos tratados. E por aí vejo qual a imagem que o público forma de um chefe de governo. Imagina o senhor absoluto de tudo quanto há neste País e com poderes para resolver todos os casos e para dispor de todas as coisas. Uma pedem-lhe que lhes proporcione casa para habitar; outros emprego; muitos sollicitam subsídios, pensões, bolsas de estudo, não são poucos os que lhe imploram remédio para situações familiares para casos profissionais, e até para problemas morais. Queixas acerca de patrões, de superiores, do funcionamento dos serviços públicos, das sentenças dos tribunais, críticas a providências legislativas, a decisões do Governo, a deliberações das câmaras municipais ou a actos de particulares — de tudo isto há sempre, de mistura com conselhos, avisos, aplausos, incitamentos, e agradecimentos acompanhados de palavras reconfortantes de apoio e estímulo.

Claro está que esta volumosa correspondência tem grande valor na medida em que permite um contacto directo com a massa popular. Os secretários vão encaminhando, como é possível, para os diversos ministérios os pedidos razoáveis e está-se a organizar um serviço que permita averiguar do fundamento das reclamações relativas ao funcionamento dos serviços públicos, apresentadas com um mínimo de seriedade, para tentar corrigir o que puder ser melhorado.

«Mas o Presidente do Conselho não é o governante onipotente desta terra»

Mas o Presidente do Conselho não é o governante onipotente desta terra. O seu papel consiste em orientar e coordenar o trabalho dos ministros, cada um dos quais por sua vez chefia um complexo departamento recheado de serviços especializados. A resolução de cada assunto tem de obedecer à lei que o regula e pertence ao ministro que tiver a seu cargo as matérias respectivas. E para além dos casos que aos ministros cabia resolver, há as questões que

a ele confia às câmaras municipais ou a serviços autónomos e onde só estes podem proferir decisões, salvo recurso aos tribunais ou que escapam à autoridade administrativa por respeitarem à esfera de acção de empresas comerciais ou industriais ou de simples particulares.

O Governo dispõe, nalguns sectores, de meios de inspecção e correcção, mas, quanto à generalidade das entidades privadas, os litígios que lhes respeitam só pelos tribunais podem ser apreciados e julgados — e sobre os tribunais não possui o Governo nenhum poder, os juizes são, e devem continuar a ser completamente independentes no desempenho da função de julgar.

«É com muita pena que eu, frequentemente, me vejo impossibilitado de atender a súplicas...»

É com muita pena que eu frequentemente me vejo impossibilitado de atender a súplicas e apelos dirigidos ao Chefe do Governo por pessoas aflitas; mas não posso dar ordens a empresas privadas nem sequer fazer-lhes pedidos de favores, como não disponho das centenas de casas livres e de lugares vagos para distribuir pelos petiçãoários. O que ao Governo compete é fazer a política de fomento habitacional que corresponde à necessidade de casas de rendas módicas. E promover uma economia que dê emprego a quem tenha capacidade para trabalhar.

Um chefe de governo tem os seus dias preenchidos com tarefas que em todos os países do mundo são pesadas e absorventes. Para orientar a política interna e externa é forçado a ler longos relatórios e constantes informações e a ouvir governantes, altos funcionários e personalidades nacionais e estrangeiras, altos funcionários e personalidades nacionais e estrangeiras que o possam esclarecer. Não pode ignorar os problemas económicos e as suas implicações. Há-de estar ao corrente da vida internacional. Tem de seguir de perto a marcha da opinião pública em todo o País. Os problemas educacionais exigem estudo e reflexão. O Ultramar a sua defesa, o seu desenvolvimento e o seu futuro ocupam o espírito todas as horas do dia em busca das melhores soluções. Há que promover o progresso de uma nação desolosa de recuperar atrasos, fomentando a riqueza, melhorando a distribuição dos rendimentos, valorizando cada vez mais os homens, procurando recursos que tornem isso possível e tudo sem romper equilíbrios cuja ruptura possa abrir crises de difícil solução.

Para realizar a sua política

tem ainda de encontrar as pessoas capazes, dispostas a fazer o sacrifício das suas comodidades, e quantas vezes até dos seus interesses, para guarnecer os postos-chave da Administração nos vários escalões e por esse País além.

«Os impacientes acham sempre que se vai devagar e se faz pouco»

Os impacientes acham sempre que se vai devagar e se faz pouco. A juventude, ignorando ou esquecendo quanto é complexo, nos tempos que correm, o tecido da vida social, arde em ímpetos revolucionários. Por esse mundo além sobram os redentores que se propõem apagar todos os males e todas as injustiças por obra mágica da violência ou pela aplicação milagrosa de um formulário ideológico.

É certo que estamos a presenciar uma espantosa transição histórica. A nossa roda assistimos a extraordinárias transformações da técnica com repercussões no modo de viver dos homens e a uma crise de conceitos morais que se projecta inevitavelmente na estrutura das sociedades. Os governos não podem ignorar tais realidades. Mas a própria intensidade das tensões existentes impõe que se tente ordená-las e discipliná-las, sem o que se produziria a catástrofe.

«Nós não podemos correr o risco de um abalo social que nos lance na guerra civil...»

Nós não podemos correr o risco de um abalo social que nos lance na guerra civil, interrompa o desenvolvimento económico, abale o crédito interno e externo, paralise a produção e reduza o País à miséria, embora com a promessa de vir a ser reedificada sobre as ruínas acumuladas uma sociedade perfeitíssima que os revolucionários afirmam não poriam de pé, porque a perfeição não é deste mundo.

Para que todos os portugueses possam ter melhores condições de vida é preciso que a Nação seja mais rica produzindo mais bens. Só se reparte o que há. E não se pense que bastaria dividir igualmente aquilo que neste momento existe para passar a viver-se melhor. O bem-estar de um país não depende do gozo momentâneo de algumas comodidades mas do progresso na produção, que só a conjugação constante do capital, da técnica e do trabalho pode assegurar.

O instinto vital da conservação do País exige, pois, uma política de reformas, não o culto da subversão. É a essa exigência nacional a que o Governo procura corresponder — preparando e realizando as reformas,

prevenindo e combatendo a subversão.

«Mas as reformas, para não ficarem no papel, não podem ser improvisadas»

Mas as reformas, para não ficarem no papel, não podem ser improvisadas. E não se alcança o mais longe possível — não se limitando a remendos de ocasião. Tenho pressa em vê-las em actos, e por isso, se não quero dar descanso aos que hão-de estudá-las, também não posso deixar de conceder o tempo necessário para que sejam medidas convenientemente.

Andam hoje outra vez muito em voga os termos «direitas» e «esquerdas» para significar posições políticas em relação às quais se procura situar o Governo. Trata-se de palavras de sentido muito equivocado. Todavia, se a essência da esquerda está no movimento, se o espírito da esquerda é o da reforma social, não me esquivo à qualificação que dessa tendência possa resultar. Mas na medida em que a direita signifique a manutenção da autoridade do poder para permitir a normalidade da vida dos indivíduos, o respeito das esferas da legítima actividade de cada um e o funcionamento das instituições que asseguram a ordem — então e sobretudo nos tempos que correm, creio que nenhum governo, em qualquer regime que seja, pode deixar de ser dessa direita.

A luta contra a subversão que trava com intensidade pelo mundo obriga por vezes a medidas que despertam os protestos daqueles que, consciente ou inconscientemente, fazem o jogo revolucionário, mas que traduzem a defesa natural de uma sociedade não disposta a perecer às mãos dos seus inimigos.

A propaganda intensa que está a ser feita neste momento entre a juventude visa os próprios alicerces da sociedade e da Nação.

«Já noutra ocasião observei que, em África, não declaramos guerra a ninguém...»

Já noutra ocasião observei que, em África, não declaramos guerra a ninguém, não tomámos a ofensiva contra ninguém. Limitamo-nos a defender a vida dos portugueses, pretos e brancos, ameaçados por uns tantos grupos armados e treinados no exterior e que, deixados à solta, semeariam o luto e a desolação em terras onde construímos pacíficas comunidades progressivas que trouxeram paragens selváticas à civilização.

Que em África morram e sofram em combate portugueses, pretos e brancos, immanados na mesma causa, que em muitos lugares a vida decorra insegura para homens, mulheres e crianças nos seus lares de Angola, de Moçambique ou da Guiné, eis o motivo permanente de preo-

cupação e de cuidado para os governantes, a quem nada seria mais grato do que reconquistar a paz para todos quantos se abrigam à sombra da bandeira de Portugal.

Para essa preocupação de todos nós, em defender as vidas, a segurança, o trabalho dos nossos irmãos portugueses em África e em lhes garantir a paz, se pede o respeito dos estrangeiros que vivam no solo da nossa pátria. Em todos os países os estrangeiros neles residentes são convidados a observar certos deveres elementares de hospitalidade, entre os quais o de não se intrometerem na política interna. Muito mais grave é o dever dos estrangeiros de não intervir em actos que possam prejudicar o esforço de uma Nação inteira empenhada na defesa de filhos seus em aflição.

Do mesmo modo, os estrangeiros que nos seus países estejam ligados aos inimigos de Portugal, os acolham, os apoiem, os alentem, não podem ser recebidos como hóspedes em terra portuguesa; e também isso não constitui jurisprudência só nossa, pois é a prática seguida em todos os Estados, especialmente nas épocas em que tenham de lutar de armas na mão.

Só é pena que, volta não volta, o trabalho construtivo do Governo, aquele que se destina a resolver necessidades reais do povo, embora muitas vezes se tenha de olhar longe e largo e não para o momento que passa no lugar onde se está, pena é que tantas vezes esse trabalho fundamental seja perturbado pelos cuidados resultantes do boato alarmante ou da calúnia destinada a inutilizar homens válidos, da intriga enredadora, da deturpação das intenções e dos actos, das impacientes incompreensões, dos protestos tumultuários, de tudo isso que infelizmente constitui a baboseira da política, fazendo perder muito tempo e gastar muitas energias.

«Paciência. A obra a realizar não é daquelas que se erguem de momento para o outro»

Paciência. A obra a realizar não é daquelas que se erguem de um momento para o outro: só os charlatães podem prometer maravilhas sociais em vinte e quatro horas. Mas se soubermos continuar unidos e não nos deixarmos perturbar pelas contestações anarquizantes, nem seduzir por enganosas miragens e formas capazes de colaborar na empresa comum ainda que criticando construtivamente, a partir de dados colhidos com consciência e raciocinando com frieza e recta intenção, estou certo de que venceremos mais uma vez as dificuldades e encontraremos o rumo certo — o rumo que a toda a Nação convém.

Maior rapidez na justiça penal O ARQUIVO DISTRITAL DE BEJA CUSTARÁ 2500 CONTOS

— objecto de uma proposta de lei discutida na Assembleia Nacional

A Assembleia Nacional prosseguiu esta tarde os seus trabalhos, sob a presidência do sr. dr. Soares da Fonseca, vice-presidente em exercício, secretariado pelas srs. drs. Olívia Pereira e Serrão Pereira. Na ordem do dia — discussão na generalidade da proposta de lei sobre o estado ecimen-

to de normas tendentes a imprimir maior celeridade à justiça penal — estão inscritos os deputados Duarte Oliveira, Falcão de Oliveira e Correia Barbosa.

No período antes da ordem do dia deve falar sobre problemas económicos do Alentejo o deputado por Beja,

Francisco Antonio da Silva, **Câmara Corporativa**

Na Câmara Corporativa prosseguiram ontem os trabalhos de apreciação do projecto de parecer — de que é relator o dr. Mário Arnaldo da Fonseca Rosa — acerca da proposta de lei sobre a reorganização das Casas

do Povo e a Previdência Rural. Para o efeito reuniram-se, sob a presidência do dr. Luís Supício Pinto, os procuradores que fazem parte das subsecções de política e administração geral (da Secção de Interesses de ordem administrativa) e de Seguros (da Secção de Crédito e Seguros) com agregação

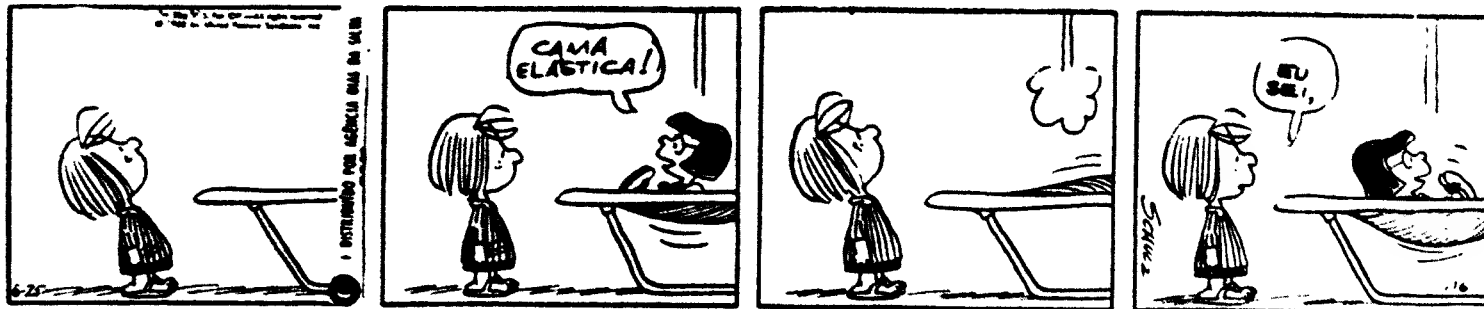
BEJA, 11 — A Junta Distrital de Beja vai, agora, emprender a construção do edifício para o Arquivo Distrital, dando, assim, concretização a uma ideia que remonta a 1946, e que não foi realizada por falta de disponibilidades financeiras. A obra está orçada em 2500 contos.

Recentes diligências efectuadas em Lisboa, pelo chefe do distrito, dr. Vieira da Silva, e pelos dirigentes da Jun-

ta Distrital, asseguraram um subsídio de 1200 contos da Fundação Gulbenkian e uma comparticipação de mil contos do Ministério das Obras Públicas. Os restantes 300 contos saíram dos cofres da Junta.

O novo edifício ficará junto da sede da Junta, na Avenida Vasco da Gama. O projecto é da autoria do arquitecto Alberto Azevedo Clemente.

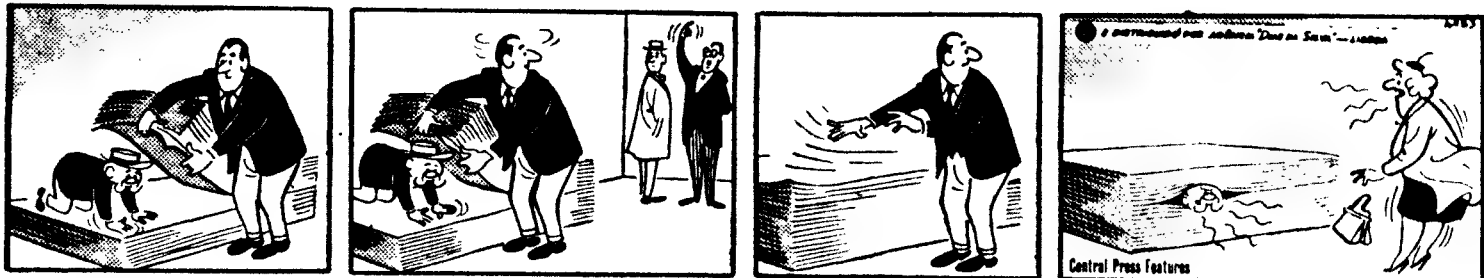
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 11 de Fevereiro de 1939 publicava:

«Enterrou-se esta tarde Joaquim Pinheiro, que Lisboa inteira conhecia pela designação de «Pinheiro Maluco».

«Era uma figura popular e pitoresca, tipo único e inconfundível. Tinha a mania do discurso. Era vulgar vê-lo parado em qualquer artéria da capital, na pregação das suas «doutrinas».

«Pinheiro Maluco tinha, porém, simpatias. O povo ouvia-o com indulgência, pois os seus discursos inflamados não faziam mal a ninguém. Honrado era ele.

«Algumas vezes, Joaquim Pinheiro vinha à nossa redacção contar-nos algum episódio curioso, ou perorar contra qualquer coisa por ele considerada como um «canção» da sociedade.

«Pobre «Pinheiro Maluco», que, às vezes, dizia coisas acertadas!»

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM SE Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

LUSTRES

de sonho para a sua casa Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c, E — Telefone 77 16 39 (Ao Campo Pequeno)

Palavras cruzadas

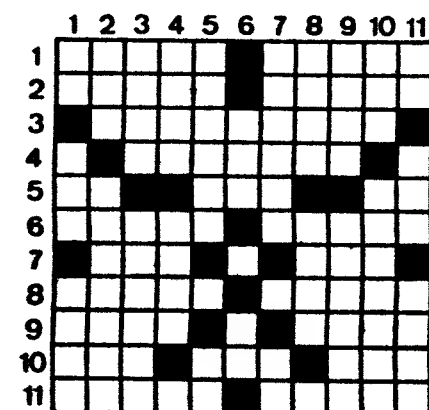
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5086

HORIZONTAIS: 1 — Causam amuo o Mamíferos carnívoros, semelhantes ao cão 2 — Embarcação parecida com o bote, usada no Tejo Ave trepadora 3 — Dera pequenas salitas 4 — Dera manradas 5 — Antes de Cristo Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica Pala 6 — Ilha do golfo Pérsico, que em 1506 foi tomada por Afonso de Albuquerque Aves aquáticas 7 — Uma das Cíclades Cento e quatro em romano 8 — Estacionam Emparelhou 9 — Cinchos Erguer 10 — Chete etíope Negativa Nome de mulher 11 — Querida Massa de cera, pez e sebo, com que se enceram as linhas para as obras de sola ou couro.

VERTICAIS: 1 — Nota musical (inv.) Saudável Preposição 2 — Conjunção Educaram 3 — Gritam Demorada 4 — Sala onde se lecciona Empregos 5 — Igreja principal de uma localidade Em a 6 — Engula Basta 7 — Palmeira do Brasil Língua antigamente falada ao sul do rio Loire 8 — Rezor Erguer 9 — Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. Fazer risos em 10 — Agora Aldeia 11 — Apelido Espaço de trinta dias Rio da Rússia.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 05: Canções por Tom Jones; 16 e 15: Tradições, Costumes e Turismo dos Açores, pelo dr. Correio da Costa — A respeito de vedações; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 10: As Grandes Figuras do Mundo Português, pelo dr. Caldeira Pais; 18 e 40: Jovens Acadêmicas; 19 e 50: Música só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Um solista... Uma orquestra; 20 e 40: 11.º Episódio do Folhetim «A Casa do Nespereira»; 21: Jornal de Atualidades; 21 e 30: Música ligera; 21 e 40: Tempo de Jazz, por Raul Colado; 22 e 10: Espectá-

culo, magazine de teatro, cinema e bailado; 22 e 30: Fados, por Lúcia Ribeiro; 22 e 30: A orquestra Gérard Calvi; 28 e 05: Programa da noite; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 15 e 45: Música sinfônica; 17: Discos raros — Enxertos da ópera «Os Mestres Cantores de Nuremberg», de Wagner, interpretados pelo barítono Friedrich Schorr; 17 e 30: Perspectivas da obra de Carl Nielsen; 18 e 30: Música de piano; 19: Dança e Ballet, pelo dr. Pinto Machado; 19 e 30: O Quarteto «Hollywood» — Quarteto n.º 3, opus 33, em lá menor (Dvorak); 20 e 20: Música de arco; 20 e 30: Noite de Teatro: «O Assassino de Macário», de Camilo Castelo Branco em adaptação de Leopoldo de Araújo; 22 e 03: Concerto para

piano e orquestra (Tippett); 22 e 38: Quarteto n.º 70 em ré maior op. 71 n.º 2 (Haydn) — Quarteto Grieg; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

2.º Programa (cultural) — 94,3 mc/s — 23: Música Portuguesa — Obras de Rui Coelho; 23 e 50: Romance, Réverie et Caprice, op. 8 (Berlioz); 0 h: Canções de Brahms, pela soprano Elisabeth Schumann; 0 e 15: Ciclo «A Sinfonia» — «Os Mestres de Viena»; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,3 m — 1034 — kc/s — As 16: Programa C-D-C; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Telenovela; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No Mundo Aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de Abertura e Notícias; 20 e 07: Um conjunto famoso; 20 e 15: A Estrela do Dia; 20 e 30: Jornal das Espectáculos; 20 e 45: A Grande Orquestra de 21 e 03: Hora Alemã; 21 e 30: Impulso; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande Rádio; 0 e 02: «P. B. X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talsma

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa CDC; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gô-Gô; 0 e 02: A Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM 67 e Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C-D-C; 18: Depois do chá; 18 30: Ela e o seu mundo; 18 45: Matinée Teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Brasil; 19 e 30: Rádio-ao; 19 e 45: Conjuntos de ritmo; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte Dia a Dia; 21 e 05: Cabina de Escuta; 21 e 15: Sô Rádio; 21 e 30: Música para meditar; 21 e 45: Mundo Rádio; 22 e 02: A voz de...; 22 e 15: Rítmicos; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Rádio-rama; 18: Canta Maysa; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Fados na noite; 21 e 45: Rítmicos em contraste; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular; Das 7 às 8 e das 19 e 30 às 22: Clube Rádio-fónico de Portugal — Das 12 às 14 e 30 e das 17 às 19 e 30: Rádio Voz de Lisboa — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17: Rádio Graça — Das 10 às 12 e das 22 às 2



HOJE PODE VER...



Perante o pasmo de Huck, Tom e Becky, Hercules, com a força dos seus braços, levanta uma árvore tombada no caminho

cantada e vão ter à antiga Grécia. Hércules salva-lhes a vida e eles ajudam-no a realizar o seu 12.º e último trabalho: capturar Cérbero, o cão de três cabeças que guarda a Porta do Inferno. O rei prende os três garotos e prepara-se para os matar, mas eles...

TV EDUCATIVA

Física Moderna

O PROFESSOR dr. António Manuel Baptista aborda na lição de «Física Moderna» um tema de grande interesse: «Teoria da relatividade restrita — Contração das distâncias».

Nesta lição serão expostas as teorias de Lorentz, Feynman, Brémio Nobel da Física, Coanow e Terrel.

AS ENFERMEIRAS

Esta noite, é apresentada mais um episódio desta série norte-americana, com Shirl Coneay e Zina Bithune nos principais papéis. A vida movimentada de um grande hospital, os dramas e os problemas, casais e aspectos sempre novos e sempre diferentes, tendo como pano de fundo os doentes, os médicos e as enfermeiras.

A VERDADE

«Provação»

BASEADA em factos da vida real, «True» (Verdade) é uma série com episódios independentes de origem norte-americana que periodicamente aparece no pequeno «ecran» da RTP.

O episódio desta noite, intitulado «Provação» e é interpretado por Chris Robinson, Kevin Hagen, Lillian Buyeff e Judee Morton, conta a história verdadeira de Connie Holt, ex-presidiária, que mata um polícia a tiro numa «boite» de Nova Orleães, fugindo em seguida e refugiando-se em casa dos Sinns, uma família decente que se vê obrigada a albergar o paranoico criminoso durante 22 horas de terror.

HUCK FINN

«O último trabalho de Hércules»

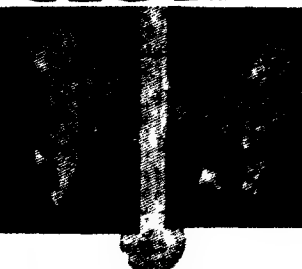
MARK TWAIN criou as personagens de Tom Sawyer, Huck Finn e Becky, pequenos heróis da juventude de todas as gerações. O cinema, em mais que uma versão, transplantou para a tela gigante as aventuras de Tom Sawyer e a televisão ampliou a obra de Mark Twain em «Huck Finn», ilustrando a fantasia daquele com desenhos animados. Vêmo-los assim ao lado dos actores Michael Shea, Luann Haslam e Kevin Schultz, intérpretes da série.

Hoje, pelas 19 e 50, será exibido o episódio «O último trabalho de Hércules». Huck, Tom e Becky, para fugirem ao índio Joe, perdem-se numa floresta en-

apresenta-se acompanhada só por um piano para cantar Mozart, Schubert, Gluck, Mahler, Schumann. Donde se prova — se provas fosse necessário — que o verdadeiro espectáculo é o artista, e tudo o mais não passa de manobra de diversão para uso das damas «smoles» e das costureirinhas de alfaiate.

A maravilhosa voz de Schwarzkopf; as belíssimas canções que não esquecem mais; mas não esqueçamos também o esforço da R.T.P. para aproximar o público do entendimento literário destas. Disso se encarregou a escritora Ana Hatherly que cumpriu muitíssimo bem a sua missão, ao chamar a atenção do público para os aspectos mais significativos. Ao fazê-lo com simplicidade, atraiu a simpatia dos telespectadores. O que não é coisa nada fácil. — M. C.

Item



Os seus cabelos estavam espigados, quebradiços e a calvície ameaçava-o. Antes que os cabelos estivessem totalmente mortos fez o tratamento Item.

Os resultados são visíveis!

Produtos Item A venda em toda a parte

PEÇA FOLHETOS PORTO — Rua da Alegria, 151 LISBOA — Rua Andrade, 61-7/c

canal da crítica

CARTA ABERTA

AO PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO, A PROPÓSITO DE REMOS

Acabo no presente momento de ouvir a entrevista que V. Ex.ª, sr. eng.º António da Bernarda, concedeu ao Momento Desportivo, na pessoa escolhida de Fialho Gouveia. Disse que existem no País vinte e tantos clubes de remo, mas que pode haver mais. O que é preciso é vontade, muita vontade. Instalações? Não importa. Não é essencial. Tal qual como na ginástica. Há para aí a mania de que são indispensáveis ginásios para a prática de ginástica. O sr. engenheiro diz que não. Ginástica faz-se em qualquer lado. Pois. Não há comissolas? Faz-se de tronco nu. Não há calções? Faz-se em cuecas. Não há sapatos? Há os pezinhos nus. Ginásio é uma boa desculpa para não haver ginástica. Subsiste (digo eu) o problema dos professores. Mas a isso o sr. António da Bernarda dirá: «Ora essa, seja autodidacta! Nada de luxos. Para aprender não são indispensáveis as escolas.» E quanto a ginástica, se não se pratica de Inverno, pratica-se, de Verão, ao ar livre. Vamos muito a tempo.

Pede o sr. engenheiro a todos as pessoas que escrevam à Federação a fim de se informarem como podem praticar remo. É o que eu estou a fazer.

RECITAL POR SCHWARZKOPF

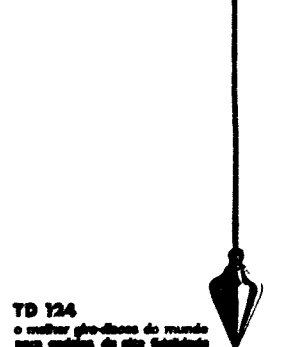
Foi muito bom de ver e ouvir o recital de Elisabeth

Schwarzkopf. Variados os motivos de agrado desta emissão, entre os quais o ambiente descontraído e antissolene. Acontecem destes

paradoxos: uma cançonetista surge-nos, em TV Clube, acompanhada por 600 músicos para interpretar «o belo perfume da sardinha assada na noite de St. António», da autoria de Malaquias Sem Vergonha; Schwarzkopf

THORENS

produto por tradição e profissional



TD 124 o melhor giradiscos do mundo para estudos de alta fidelidade



PEÇA CATELOS e peça demonstração dos produtos do SOM

VALÉNTIN DE CARVALHO

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

MORADIAS — LUXUOSAS EM PAÇO D'ARCOS (e brevemente em Cascais)

LINHAS DE SIN-
TRA E CASCAIS
Especialmente
Amadora, Venda
Nova e Paço
d'Arcos

Apartamentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1 187\$50 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

A MADORA PAÇO D'ARCOS

Frete a Estação do C. F.
e Reboleira

Espargal
Linda vista do mar

ANDARES

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.
Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

J. PIMENTA

S.A.R.L.

Rapaz ferido pela explosão de dinamite

COVILHA, 11 — O jovem José Augusto Baptista Rodrigues, de 11 anos, do sítio do Barro, encontrou, perto da residência, uma carga de dinamite. Atravando com ela para uma fogueira, deu-se a explosão, da qual resultou o rapaz ficar gravemente ferido. Recolheu ao Hospital Regional.

**BOLBOS
DE
FLORES**
DA
HOLANDA



ESCOLHA
PELO
CATÁLOGO
COLORIDO
ENVIE EM SELOS
1500

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

CONCURSO PÚBLICO N.º 3/69

PARA ADJUDICAÇÃO DO «FORNECIMENTO
DE SACOS PNEUMÁTICOS PARA O LEVANTA-
MENTO DE AVIÕES ATÉ 120 TONELADAS»

1. — Faz-se público que, pelas 15 horas do dia 14 de Março de 1969, no edifício da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, na Avenida da Liberdade n.º 193, em Lisboa, e perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para arrematação do fornecimento de uma referência.

2. — Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar o depósito provisório de Esc. 11 000\$00 (ONZE MIL ESCUDOS), na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, ou nas suas filiais à ordem da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, mediante guia passada pela Repartição de Pessoal, Expediente e Contabilidade até às 15 horas da véspera do dia do concurso.

3. — O depósito provisório pode ser substituído por garantia bancária prestada a favor da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil e devidamente aprovada por Sua Excelência o Ministro das Finanças, através da Direcção-Geral da Fazenda Pública.

4. — O depósito definitivo será de 5 % do valor da adjudicação.

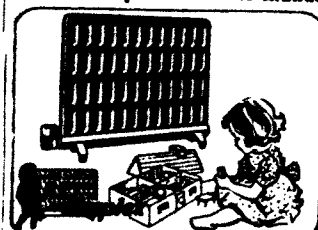
5. — O processo encontra-se patente todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Repartição dos Serviços dos Aeródromos e Material de Voo, sita no Aeroporto de Lisboa, (Telefone: 725151).

6. — O programa do concurso e caderno de encargos respectivos, são vendidos na Secção de Inventário e Património da Repartição de Pessoal, Expediente e Contabilidade, sita na Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa.

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em 10 Fev. 1969

O ADJUNTO DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

dimplex
O Melhor Aquecimento do Mundo



RADIADORES ELÉCTRICOS A ÓLEO
COM CONTROLE TERMOSTÁTICO.

RAFAEL BURGHETE, LDA
LISBOA R. António Fries, 201
Tel. 535057
PORTO Rua Formosa, 172
Tel. 26902
PEÇA CATALÓGOS GRATIS

**CAMPEONATO
NACIONAL
DE FUTEBOL**

(1.ª Divisão)

**ACADÉMICA-
SPORTING**

Domingo, 16 de Fevereiro

A C. P. organiza, em colaboração com o Sporting Club de Portugal, um comboio especial de Lisboa a Coimbra, e volta, no dia 16 do corrente, por ocasião do desafio de futebol «Académica-Sporting», ao preço de 80\$00.

HORARIO

Partida de Lisboa
(Rego) 7-30 h.
Chegada a
Coimbra 10-38 h.

Partida de
Coimbra 20-05 h.
Chegada a Lisboa
(Rego) 22-21 h.

Bilhetes à venda na sede do Sporting Club de Portugal e nas estações de Lisboa (Santo) e Lisboa (Santa Apolónia).

DESENGORDURANTE
INDUSTRIAL
A FRIO

Jizer

Rápido
Eficiente
Económico

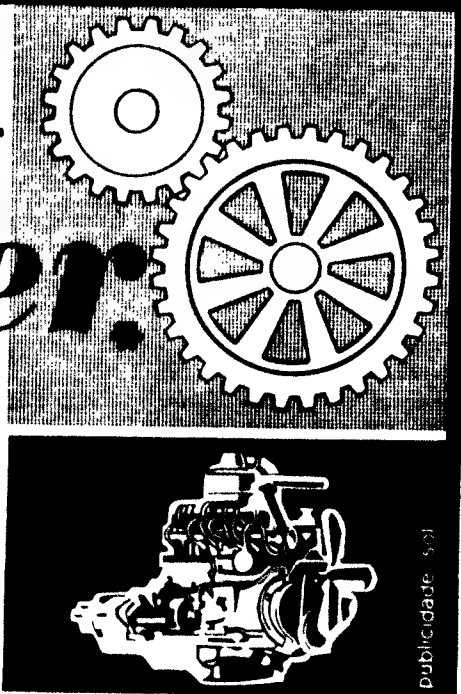
NAO É CÁUSTICO
TÓXICO NEM CORROSIVO

PEÇA
UMA DEMONSTRAÇÃO GRATIS

Danisol

REPRESENTAÇÕES, LDA.

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 20, R/C D TELEFS 453 37/53 08 40 LISBOA-1



publicidade 5/51

AMORTECEDORES PARA AUTOS E CAMIÕES



GARANTIA

100.000 Km. ou 2 ANOS

GARAGEM CENTRAL

AUTO PORTO, LDA - PORTO
AUTO INDUSTRIAL - S. CARLOS MESA

**SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO**

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Póvoa, Avenida da Boavista, Carvalhoso, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.



Serviço Portugal/Mediterrâneo

para:
**MARSELHA
SAVONA**

para:
**LIVORNO (ev.)
e GÉNOVA**

• n/m. «Haida» em 15 de corrente
• n/m. «Lucille Diane» em 26 de corrente
— ambos os navios escalam Leixões —

Os Agentes Gerais:



SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4 — TEL. 322271/32228/322287
LISBOA 2 - PORTUGAL

AGENTES NO PORTO:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY, e BARROS LEITE, LDA.

«TELEX» DE MÁRIO ZAMBUJAL, DA HOLANDA

BENFICA EM MANTO DE NEVE

(Continuação da 1.ª página)

comandos benfiquistas. E eles que se preparavam para «metralhar» Eusébio à espera da história completa e pormenorizada do «joelho mais célebre do futebol português»... tiveram afinal de contentar-se com improvisada e rápida conferência de imprensa, numa sala que existe para o efeito no Aeroporto de Schiphol. Falou e respondeu o engenheiro Viegas, que, entre outras coisas, afirmou ter tido enorme alegria ao ver sol à chegada a Amsterdão, o que lhe dá a ideia de a neve poder desaparecer o que permitiria afastar uma preocupação já que bastava a que era causada pelo próprio Ajax.

Do Funchal para o Barreiro

FUNCHAL, 11 — (L.) — Vai ingressar no Barreiro o futebolista madeirense João Arnaldo Ferreira, do C. F. Pátria.

A Federação Portuguesa de Futebol já comunicou à Associação de Futebol do Funchal que o pedido de transferência fora deferido.

Depois, viagem de autocarro até Wagenen — local de boa tradição e magníficas recordações para o Benfica, pois foi lá que estagiou antes de vencer o Real Madrid, há sete anos, por 5-3.

No caminho, a 70 quilómetros da «sua» casa de férias, a comitiva almoçou num motel. Eram cerca de 14 horas. Duas horas depois voltou-se à estrada e através de uma paisagem impressionante e rara para olhos portugueses, o Benfica chegava ao hotel cerca das 17 horas.

Distribuição rápida de quartos e jogadores em repouso até às 19 e 20. Seguiu-se o jantar e uma primeira conversa de Otto Glória com os seus pupilos. Intenção começar a habituá-los à ideia de jogar sobre a neve.

A equipa treinou esta manhã

Hoje, cerca das 11 horas, os jogadores do Benfica que realizaram a viagem, dirigiram-se para o campo do Wagenen (a cem metros do hotel) onde realizaram uma breve sessão de treino. Objectivos: desentupimento e muito em especial, adaptação à neve, já com os «pitons» e a utilização do «pezinho» que voou com a equipa desde Lisboa.

Depois, regresso ao hotel de onde o grupo não sairá até amanhã, depois do almoço. Nessa altura os jogadores

em campo mais cedo, do que obrigá-los a uma longa viagem de ida e volta, que teria de ser feita hoje, antes do jogo.

Entre os jogadores, excelente moral e equilíbrio. Nada de exageros. Toni, tendo sido a «vítima» das brincadeiras dos colegas — na sua condição de estreante na «Taça dos Campeões». E o facto não pode passar despercebido entre os «sobreviventes» da célebre final de Amsterdão: Cruz, Coluna, José Augusto, Eusébio e Simões.

Otto Glória pode contar com todos os elementos de primeiro plano. Desta forma e inicialmente o Benfica deve alinhar com: José Henrique; Jacinto Humberto Coelho; Raul e Cruz; Coluna e Toni; Jaime Graça, Torres, Eusébio e Simões.

Inevável: os holandeses não conseguem esconder uma enorme fé no apuramento. Portanto, na eliminação do poderoso e experiente Benfica. O resultado volumoso de sábado mais fez radical esse optimismo — o que pode vir a ser bom para o Benfica.

Michéllis, o treinador, concentrado com a sua equipa, mostrou um homem difícil e até desconcertante, não dizendo muita coisa positiva. De qualquer forma «advinha-se» que a linha para amanhã, deverá ser esta: Bais; Suur Bier, Hulshoff, Vasovic e Duiven Bode; Groot e Muller; Swart, Crujij, Nuninga e Keizer (Danielsson).

o que dará a espantosa e impressionante receita de 8000 contos!

Nevou outra vez. E não se adivinham perspectivas de melhoria. Mais: as coisas podem piorar se se confirmar a deslida de temperatura anunciada como possível. Se assim acontecer também aparecerá o gelo um inimigo bem pior do que a neve.

O Benfica aqui está outra vez. Conhece Amsterdão, onde já se cobriu de glória. E onde querará repetir a impressão deixada...

ESTA TARDE, DE AMSTERDÃO:

MAIS NEVE NA HOLANDA
MAIS OPTIMISMO NOS HOLANDESES

AMSTERDÃO, 11 — (Pelotelefone) — Os serviços meteorológicos holandeses prevêem, para os próximos dias, um aumento de intensidade dos nevões, que estão a cair sobre esta zona da Europa.

Amsterdão é uma cidade branca. As praças, os lagos (e, também, os campos de futebol) estão cobertos por uma espessa camada de neve. Só uma cuidada e insistente limpeza das ruas permite o tráfego normal. Mas, esse tráfego processa-se com extrema prudência: para evitar acidentes.

Tudo indica, portanto, que será em condições inadequadas, totalmente fora dos seus hábitos, que os futebolistas do Benfica vão defrontar os do Ajax, na terceira eliminatória da «Taça dos Campeões Europeus».

Grande optimismo holandês

Um milhão de florins (oitenta mil contos), fora uma verba extra, pela transmissão-TV: receita prevista. Raramente um jogo de futebol foi rodeado de tão grande expectativa — dizem aqui, em Amsterdão. A neve e o frio não quebraram o entusiasmo do Ajax, ainda que o espectáculo vá sofrer com isso.

Os jornais, a Rádio, a Televisão, não se cansam de animar o Ajax, afirmando que o Benfica não se encon-



Otto, no sábado, foi «capião». E no final do jogo, Muller, o n.º 7 do Ajax, com a filha ao colo, fez questão de se fotografar com o treinador benfiquista. Hora de confraternização, portanto

tra como nos seus melhores tempos. E Eusébio faz menos golos do que antigamente, num passado ainda próximo.

As duas equipas mantêm-se nos estádios: a 30 quilómetros daqui, o Ajax; a 80 quilómetros de Amsterdão, o Benfica.

— Eles estão muito habituados a isto. E foi assim, num campo coberto de neve, que eliminaram uma equipa da categoria do Liverpool — disseram, esta manhã Otto Glória.

O Benfica, já na Holanda, comprou «pitons» especiais, próprios para a neve. Toda a equipa está em condições de alinhar. E, esta noite, a Televisão holandesa apresentará uma grande reportagem com os portugueses. Entretanto, um «slogam» corre de boca em boca:

— Do Eusébio actual, não vem mal para o Ajax... — afirma Michéllis, o técnico da turma holandesa.

Mas, será mesmo assim? Veremos, amanhã.

MÁRIO ZAMBUJAL

BADMINTON

AINDA NÃO HÁ CAMPEÃO...

Esperava-se que o campeão de Lisboa, por equipas, de 1968-69 ficasse antecedido, depois da realização da final, que o Benfica e o Internacional «exigiram», quando concluíram a prova em igualdade — cada um com 16 pontos.

Mas... não aconteceu assim. O encontro de desempate terminou com o resultado de 3-3, que nada custa a aceitar e é, sem dúvida, mais consentâneo com as possibilidades das equipas do que foram as expressivas marcas obtidas pelo Benfica (no encontro da 1.ª volta) e pelo Internacional (no da 2.ª).

Pois a igualdade verificada no sábado, após os «encarnados» terem conduzido a luta com as marcas de 1-0, 2-1 e 3-2 foi o pior que poderia ter acontecido a Vilfredo Ribeiro (Int.) e Mar-

ques da Costa (Bf.), sobre quem impende, agora, a responsabilidade de decidirem, entre si, o problema, num encontro suplementar, marcado para 5.ª feira, às 21 e 30, na Escola Nuno Gonçalves.

E, para finalizar, vejamos o resultado do encontro da final. Assim:

José Bento (Bf.) v. José Novais, por 16-17, 17-15 e 15-11; Tomás Matoso (Int.) v. Luís Barroso, por 15-6 e 15-3; José Azevedo-R. Damásio (Bf.) v. Ribeiro José Novais, por 15-9, 4-15 e 15-9; Pinto Alves-professor F. Lemos (Int.) v. Marques da Costa-Flores Tavares, por 15-12 e 15-5; José Bento (Bf.) v. Tomás Matoso, por 15-4 e 15-12; Pinto Alves-professor F. Lemos v. José Azevedo-Rui Damásio, por 15-12, 14-17 e 15-4.



Este é Cruyff — o «Eusébio» do Ajax — em acção no sábado contra o D. O. S. Rendimento: três golos — o que é aviso para o Benfica. E como se vê a neve para os holandeses é, nesta altura do ano, uma «intimidade»

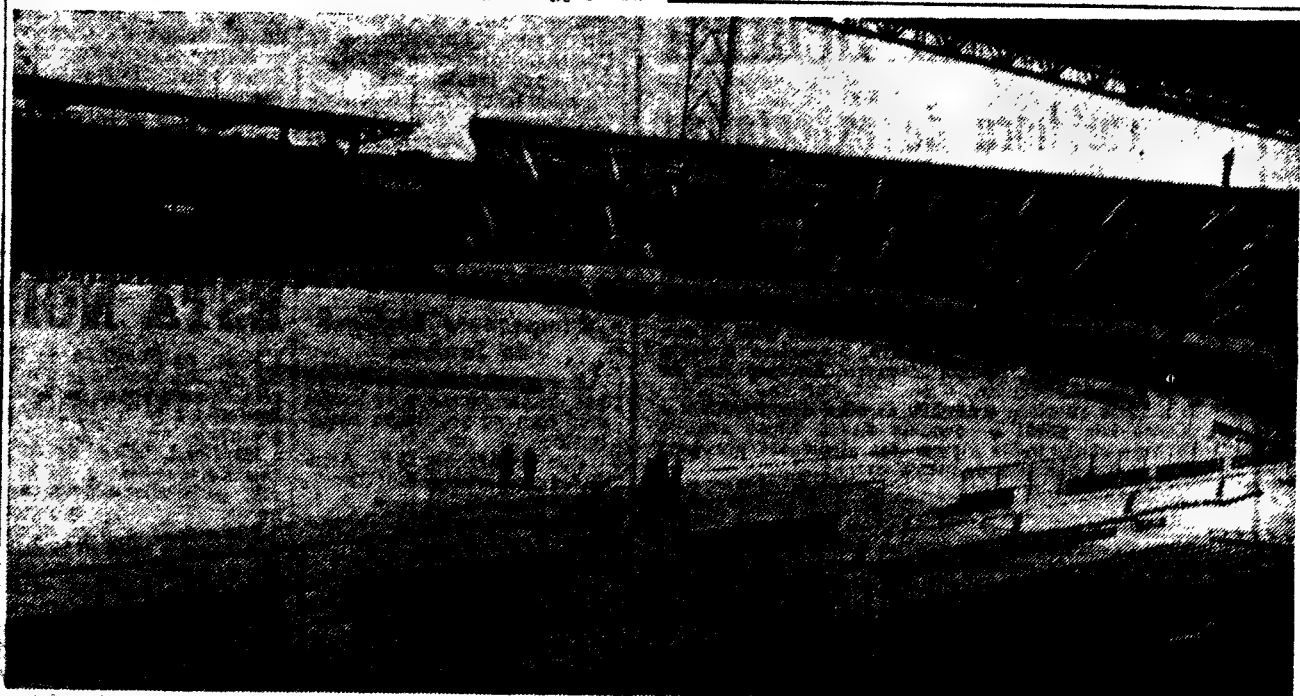
DES
POR
TO

res viajarão de autocarro para um hotel de Amsterdão onde lancharão e pernoitarão depois do jogo. Otto Glória marcou a partida para o estádio para uma hora e meia antes do início do encontro.

Iluminação forte de mais

Todos o dizem: a iluminação do Estádio Olímpico é tão boa... que até fere Otto Glória, porém, não levará lá os jogadores. Prefere — segundo ele próprio o disse — que os seus jogadores entrem

Mas nada se pode garantir. Quanto ao entusiasmo pelo jogo, é impressionante: apesar de se saber que a Televisão fará a reportagem directa a lotação está esgotada



Estádio Olímpico de Amsterdão — o mesmo onde, em tarde brilhante de sol, há sete anos, o Benfica fez vergar o orgulhoso Real Madrid e conquistou o seu segundo título europeu. Agora, as bancadas e a relva, cobrem-se de neve, betões, pedras, mas «inimiga» dos futebolistas de uma terra onde o Sol é carter de turismo. E aqui é quase nestas condições que o Benfica jogará, amanhã às 20 e 15 com o Ajax. Perigos na rota dos portugueses: o adversário e o manto alvo e branco — bom para poetas e não, para o verso de pé quebrado do músculo...

MORREU MARTY SERVO
ANTIGO CAMPEÃO DE BOXE

PUEBLO (Colorado), 11 — (A. N. I.) — Vittimado pelo cancro, faleceu nesta cidade, com 48 anos, o antigo campeão mundial dos «meios-médios» Marty Servo, que bateu adversários de todos os «pesos» durante a sua carreira.

O campeão, devido à doença de que veio a falecer esteve numa cadeira de rodas durante os últimos cinco meses de vida.

Natural de Schenectady (Nova York), Servo ganhou 91 dos seus 95 combates como amador, incluindo o campeonato das «Luvas de Ouro», de 1937 na categoria de «meios-leves», antes de passar a profissional em 1938.

O ponto máximo da sua carreira chegou em 1 de Fevereiro de 1944, no Madison Square Garden, dia em que conquistou a coroa mundial dos «meios-médios», batendo por «K. O.» ao quarto assalto o campeão Ed Cochran.

YUSTRICH: O TREINADOR MAIS EM FOCO NO BRASIL

BELO HORIZONTE (Brasil), 11 — (L.) — Dorival Knipell (Yustrich) é hoje, certamente, o treinador mais em foco no Brasil, tendo levado o Atlético Mineiro ao primeiro plano. Ele é, também, aquele que mais suscita o interesse da imprensa

to que eles não estranham mais o regime de concentração, habituados a ficarem isolados das extravagâncias durante o resto da semana. Pretendo com isso mostrar que os jogadores da minha equipa têm direitos — e o clube os cumpre — mas que estão obrigados a deveres profissionais, pois o futebol não é circo. Quem não gostar, procure outra profissão. Os resultados estão aí. Fô-lo para jogar três horas. E, como tem gente aí nem conseguindo jogar dez minutos, a disciplina fica flagrantemente e só usarem os métodos de profissionalismo consistente que empregamos e verho que não é preciso «doppings»

Treinador da selecção do Brasil

O discutidíssimo treinador, que não esquece Portugal (finais propriamente o Futebol Clube do Porto), é, também, um sentimental e assim, separa a que um dia os jogadores do futebol brasileiro se lembrem dele para ser o técnico da selecção do Brasil.

Diz, a propósito: «O negócio era saber se eles aceitarão as minhas ideias, pois na selecção eu não deitaria de ser o Yustrich que trabalha nos clubes, para evitar que o futebol brasileiro se submeta aos caprichos de alguns «raquês»... Estou disposto a batalhar nesta cruzada para que o futebol brasileiro recupere a sua posição, acabando com a irresponsabilidade que há por aí, primeiro passo para que possa adoptar formas ou fórmulas técnicas e táticas

condizentes com o progresso do futebol. Depois, será fácil partirmos para conquistar novamente o plano principal deste desporto no Mundo.»

Depois de frisar que nunca prometeu sucessos, apenas garantindo que consigo todos terão de estar em condições de lutar até ao final de cada partida, o antigo guarda-redes do velho Andaraí revela, com humildade, que aproveita todas as oportunidades para aprender, o que explica ter seguido, atentamente, o treino de húngaros e jugoslavos que recentemente actuaram em Belo Horizonte e cujos técnicos lhe comunicaram que os métodos de treino que utiliza são bastante parecidos com os que se adoptam actualmente na Europa.

Finalmente, a entrevista no jornal «O Globo» encaminha-se para os dotes de psicólogo de Yustrich, que o tornam capaz de denunciar todas as manhas e vícios dos futebolistas, facto que ele próprio considera ser a razão de o julgarem rigoroso.

E o técnico conta, a esta altura, um pormenor da sua vida familiar:

«Tenho uma filha que, para meu orgulho de pai, tem o curso completo de Psicologia, licenciada, alida, com brilhantismo. E sempre lhe digo que quando ela precisar, terá em mim um campo ideal para as suas experiências científicas...»

Este é Yustrich, discutido no Brasil como em Portugal, mas que se impõe, com respeito, pelo seu modo honesto de trabalhar, que, apesar de tudo, tem dado sempre os melhores resultados



YUSTRICH: técnico da selecção do Portugal

Desportiva brasileira, não apenas pela brilhante carreira que o seu clube tem tido, mas, igualmente, pela oportunidade e actualidade de que se revestem sempre as suas declarações.

Assim, falando ao jornal «O Globo», do Rio de Janeiro, Yustrich começa por dizer que são «bobagens» as acusações de que os resultados que obtive com o Atlético são devidos à utilização do «doppings». E acrescentou: «Meus métodos de estimular a equipa são bastante simples: primeiro, exijo que o clube cumpra em dia as suas obrigações contractuais com os jogadores. Com os salários devidos, no bolso, começam as exigências aos jogadores. Treino, no mínimo, de cinco horas por dia, para que todos se optimizem fisicamente e também corrigam os seus erros. Para os meus jogadores, proibido terminante de noitadas em «bottas» e bares, festas e coisas parecidas. Tan-

HOJE À NOITE

BASQUETEBOLE — Campeonato Nacional da II Divisão. Zona Sul: Internac. Oriental e Técnico-Ateneu, no Técnico, às 21 e 22 horas; C. Quebradense-Luso e Belenenses-Vitória, no pavilhão da Ajuda, às 22 e 23 e 15 horas; Seixal-Atlético, no Seixal, às 21 e 30.

— Campeonato Nacional da I.ª Divisão, feminino: A.U. da Encarnação-C. U. F. e Internac. Benfica, no pavilhão da Ajuda, às 21 e 22 e 15.

VOLEIBOL — Torneio feminino, com a participação das equipas do Benfica, Leixões e Slavia Universitária de Bratislava, no pavilhão da Luz, a partir das 21 e 30.

No Porto

ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DO PORTO — As 21 e 30, sortidos de jogos para a fase final do «Distrito» de juvenis e «Regionais» da 2.ª Divisão.

Eleições no Benfica em hora de expectativa

Hora de expectativa em plena (e febril) preparação das eleições no Benfica. Não há, agora, notícias de senação, confirmando-se a existência de três listas: dr. Borges (cunhado oficial), comendador Adolfo Vieira de Brito e Fernando Martins (oposição).

Ontem reuniu-se a comissão que trata da elaboração da lista oficial. Presentes o prof. dr. José Maria Gaspar, Manoel Almeida Oliveira, Francisco Rota e dr. Luís Bateque, Roman Navarro, António José de Melo e Dido de Aguiar.

Principais questões tratadas: recolha dos presidentes da assembleia geral e conselho fiscal. Nesse sentido serão hoje contactados alguns dos elementos previstos para o preenchimento daqueles cargos.

★

Anuncia-se, entretanto, que no seu regresso da Holanda — onde se encontra com a equipa do clube — o comendador Adolfo Vieira de Brito apresentará a sua lista.

Fala-se, com insistência, no nome de Romão Martins, para a chefia do departamento de futebol.

★

O terceiro candidato, Fernando Martins, também terá o seu elenco definitivamente constituído esta semana. O conhecido dirigente tem estado a efectuar frequentes e longas reuniões de trabalho com os seus mais directos colaboradores.



INSTANTÂNEOS

O MEU BARBEIRO

Não é o nosso (que não é certo) mas o do nosso camarada Carlos Pinhão. Um livro acabado de editar vem consagrar o barbeiro do apreciado jornalista-humorista.

Oferecemos um doca (isto não passa de uma força de expressão!) a quem conseguir ler esta obra apenas uma vez.

Como o barbeiro do Pinhão, todos terão de dar-lhe uma segunda passagem...



AS «AVES» MORREM DE PE

O Desportivo das Aves teve a honra de receber o Sporting em sua casa. E mostrou-se digno dela, pois bateu-se bem, dificultando a vitória dos diabos.

Caiu a modesta equipa nortenha na luta com um antagonista de grande porte. Mas de modo que a não diminui.

Poderá dizer-se, com propriedade, que os (e as) Aves morrem de pés.

A FORMAÇÃO DAS CHECAS

As voleibolistas checas do Slavia não são nenhuma analfabetas. Segundo informações que colhemos, a maioria delas é formada.

Porém, como se não deve cuidar apenas por informações, fomos vê-las em pessoa e ficámos

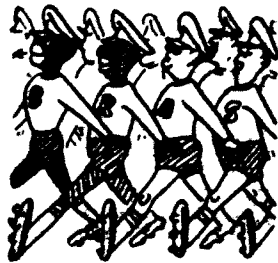
com a melhor das impressões. Acreditamos plenamente que sejam formadas.

E bem formadas, conforme nosso e geral parecer (e mais vale ser do que parecer...)

POR GROSSO...

Segundo consta, um empresário espanhol pretende comprar toda a linha avançada do Bétis. Talvez suponha que a meia dezena é mais barato...

Uma aquisição deste



A MARCAR PASSO

António do Passo, da C. B. D., anunciou que a selecção brasileira de futebol será preparada sob a orientação do Exército.

O facto não deixa de ser estranho. Estamos

Texto de Francisco Camilo — Desenho de Pargana

gênero não deixa de ser chocante. Até agora usavam-se as compras e retalho...

Mas, assim, por grosso!... Não há dúvida que, como se dizia numa revista, «salvo o devido respeito, está tudo grosso...



MUITO BEM, VISEU!

As atletas do Académico de Viseu dividem-se em estudantes e empregadas. Dividiam-se!

As primeiras, numa demonstração de solidariedade que só as enobrece, arvoraram-se em explicadoras das segundas, que estudam agora também. A expressão «cidade progressiva», tantas vezes vazia de sentido, parece ter inteiro cabimento no que se refere a Viseu.

A avaliar pela qualidade das suas habitantes,

daqui a ver o «Rei» Pelé a bater a pala aos seus superiores.

Amigo do Passo, que ideia essa de obrigar os «camarinhos» a... marcar passo.

Acontecimentos DE ONTEM

TÉNIS DE MESA

Início da «Taça de Portugal»

Nos jogos ontem disputados na área do distrito de Lisboa, a contar para a 1.ª fase da Taça de Portugal (seniores), apuraram-se os resultados seguintes:

Desp. Operário-Paço de Arcos, 0-3; G. I. P. Amoreira-Rodrigues Cordeiro, 3-1; Combatentes-Centro Católico, 0-3; Casa Pia-Sporting, 0-8; Arroios-Intendente, 0-3; Avila-Belenenses, 3-0; Amadorense-Lisgás, 0-3; Mirante-Recreação de Apolo, 3-0; Moscardes-Benfica, vitória dos benfiquistas por falta de comparecimento do opositor.

Os jogos a contar para a 2.ª eliminatória terão lugar depois de amanhã.

Campeonato Regional de Juniores

Prosseguiu ontem a fase final do campeonato de juniores, com os seguintes resultados:

Benfica-Ateneu, 5-0; Amadorense-Sporting, 0-5; Intendente-C. Católico, 5-0; S. L. Aguias Lisgás, 5-2.

ANDEBAL

O C. I. F. à frente no Campeonato da III Divisão

Na sequência da fase final do Campeonato da III Divisão de Andebol de Setúbal disputaram-se ontem os seguintes encontros:

Liga de Algués Sporting da Penha (19-10) e C. I. F. Santa Catarina (21-18).

Mercé da vitória obtida, o C. I. F. isolou-se no comando da classificação.

BASQUETEBOLE

Triunfo do Nacional sobre o Vitória do Setúbal (feminino)

Ontem à noite, no ginásio do Naval Setubalense, principiou a 5.ª jornada (última da 1.ª volta) do Campeonato Metropolitano Feminino—Zona Sul. Defrontaram-se Nacional e Vitória do Setúbal, tendo o encontro terminado com a vitória das lis-

boetas por 37-23, com 17-10 ao intervalo.

Arbitraram José Correia e José Brás — e as turnas alinharam:

V. SETUBAL — Maria Inácia, Maria Cruz (4), Clotilde Cruz (2), Maria Oliveira (8), Maria Miranda (3), Maria Grilo, Ana Cunha (4), Maria Fonseca (2) e Ana Vaz.

NACIONAL — Maria Carvalho, Lucinda Machado (8), Maria Seabra (22), Lucinda Casanova (4), Ana Santos (1), Maria Madeira (2), Idalina Almeida e Ana Sousa.

VOLEIBOL INTERNACIONAL AS CHECAS DO SLAVIA ESTA NOITE NA LUZ

Hoje, no Pavilhão do Estádio da Luz, realiza-se um Torneio Internacional de Voleibol feminino com o seguinte programa:

Benfica-Leixões, às 21 horas; Leixões-Slavia, às 22 horas; e Benfica-Slavia, às 23 horas.

Ideia feliz e bem aproveitada, com a qual só beneficiarão as atletas portuguesas em virtude da falta de contacto internacional que possuem.

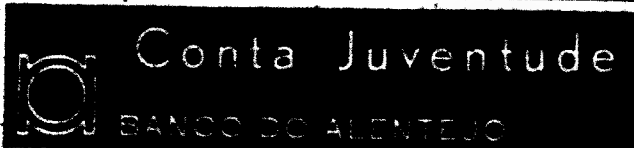
Ontem, a equipa do Slavia foi oferecida pelo Benfica um passeio, visitando o Estoril, Cascais e Sintra. Em Lisboa, deslocaram-se ao Castelo de S. Jorge e à Cidade Universitária, donde seguiram para o Estádio da Luz, onde treinaram das 20 às 22 horas. Neste treino as checoslovacas exigiram a participação

Completados os corpos gerentes da F. P. Ginástica

Reuniu-se, ontem, o Congresso da Federação Portuguesa de Ginástica, em sessão extraordinária, para apreciação, discussão e votação de proposta da direcção, admitidas em congresso extraordinário de 1.º de Outubro de 1968 e de uma proposta do presidente do congresso, para a concessão de medalhas, além da eleição para preenchimento dos cargos vagos nos corpos gerentes.

Presidiu o sr. ten. cor. Lúcio Ribeiro, e durante a reunião foram apreciadas diversas propostas sobre as quais a eleição do major Garcia Alvarez para sócio de mérito da F. P. G. e a atribuição de medalhas ao dr. Manuel Fradinho e à secção de ginástica do Sporting. Ambas as propostas foram aprovadas por aclamação.

Por fim foram eleitos para os cargos vagos nos corpos gerentes os srs. Herlander Silva Fonseca, António Fernando Mota Guerra, Maria Margarida Sá e Campos e Nelson Seromenho respectivamente para os cargos de 2.º secretário do Congresso, secretário relator, 3.º vogal do Conselho Técnico e presidente do Conselho Fiscal.



CARTAZ DOS CINEMAS

OUTROS ESPECTÁCULOS

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50806

As 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite

FRANK SINATRA, RAQUEL WELCH e DAN BLOCHER (da «Bonanza») no filme policial

UMA MULHER NO CIMENTO

POLITEAMA

(M. 12 anos) Telef. 326385

As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

Permanente gargalhada com CAMILO DE OLIVEIRA

O LADRÃO DE QUEM SE FALA

A maior farsa do cinema nacional

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 536743

As 15.15 18.30 e 21.45

7. SEMANA

O discutido filme de Charlie Chaplin

A CONDESSA DE HONG-KONG

com Sophia Loren e Marlon Brando

TECHNICOLOR

Metro: Ptoas

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 529768

As 15.00, 18.30 e 21.45

2.ª SEMANA

OS CANHÕES DE NAVARONE

com Gregory Peck, Anthony Quinn e David Niven

Atenção: a primeira ematínica tem início às 15 h.

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel. 779897

As 15.30, 18.30 e 21.45

Um homem entra em casa de uma mulher só e fica...

LE VIOL — o desconhecido desejado

com Bibi Andersson e Bruno Cremer

EASTMANCOLOR

RESTELO

(M. 17 anos) Telef. 610375

As 21.30

O êxito de uma canção inspirou uma bela comédia

QUANDO DICO QUE TE AMO

Tommy Rennie, Lole Falana, Catarina Caselli

SÃO LUIZ

(M. 12 anos) Tel. 527172

As 15.15 — 18.15 e 21.30

2.ª SEMANA

NOITE DE VIOLENCIA

(Rough Night in Jericho) com Dean Martin — Jean Simmons — George Peppard

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 64153

As 15.15 18.15 e 21.30

3.ª SEMANA

Um filme fora de série

A BRIGADA DO DIABO

com William Holden, Cliff Robertson e Vane Edwards

ROMA

(Adultos) Tel. 757778

As 21.45

2.ª SEMANA

Um filme de humor e violência

FLOR AMARGA

com Mireille Darc

Eastmancolor — Francoscope

CARNAVAL — Bilhetes à venda — Programa em distribuição

LUMIAR

(M. 17 anos) Tel. 791574

As 21.30

ESPLendor NA RELVA

com Warren Beatty — Pat Hingley — AR CONDICIONADO — PARQUE PRIVATIVO

ALVALADE

(M. 12 anos) Tel. 763889

2.ª SEMANA

As 15.45 e 21.45

G. Peppard num filme invulgar

NOITE DE VIOLENCIA

(Rough Night in Jericho)

LIDO

Tel. 93 75 93

AMADORA

As 21.30 (M. 17 anos)

O PERFUME DO DINHEIRO

Uma comédia de alto nível com Rex Harrison

AVIS

(Adultos) Tel. 47163

As 21.45

Dois monstros do cinema frente a frente num filme fora de série

CHARLES BRONSON

ALAIN DELON

ADEUS AMIGO

COLORIDO

LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48566

As 21 horas

A MULHER DESCONHECIDA

FANTASMAS EM FÉRIAS

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 656121

As 15.00 e 21.30

8.ª SEMANA

20 mm — os «seras» gigante

AS SANDALIAS DO PESCADOR

com Anthony Quinn, Oscar Werner e Sir Laurence Olivier

QUINZENA DO BURLESCO

Amanhã — Adultos — As 18.30 h.

BOMA EBA ASSEM, de Richard Lester, com Zero Mostel, Phil Silver, Buster Keaton, etc.

Dia 14: Há Festa na Aldeia (M. 12 anos)

IMPERIO

(Adultos) Tel. 555134

As 15.15 e 21.30

Não foi uma vulgar história de amor...

TECHNICOLOR

ROMÉU E JULIETA

Um filme de Franco Zeffirelli com Olivia Hussey e Leonard Whiting

ESTÚDIO

As 15.30 18.30 e 21.45

(M. 12 anos)

2.ª SEMANA

Um filme sobre os ídolos do nosso tempo com Bob Dylan, Joan Baez e Donovan

EU SOU BOB DYLAN

CONDES

Telef. 52 36 23 23 67 10

As 15.15, 18.15 e 21.30 (Ad.)

3.ª SEMANA

ADEUS AMIGO

(Adieu L'am) COLORIDO

e/ Charles Bronson e Alain Delon num filme fora de série

EUROPA

(Adultos) Tel. 661016

As 15.15 e 21.30

3.ª SEMANA

O filme de Claude Chabrol

CHAMPANHE ESCANDALOSO

com Anthony Perkins, Maurice Ronet, Yvonne Furneaux

Technicolor — Techniscope

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933

As 21 horas

PARIS-ISTAMBUL SEM REGRESSO

FANTOMAS PASSA AO ATAQUE

ODEON

(M. 17 anos) Tel. 536383

As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

ULTIMAS EXIBIÇÕES

A CAÇADA DO MALHADEIRO

com Fernando Gasmão e Carmen Mendes

EASTMANCOLOR

Em complemento

MOÇAMBIQUE — MISSAO DE COMBATE

Documentário colorido

CASINO ESTORIL

(M. 12 anos) Telef. 260729

As 17 e 21.30

O ELOGIO DA PREGUIÇA

com Philippe Noiret — Françoise Brion — Martine Jobert

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Telef. 326917

As 21 horas

A NOITE E PERVERSA

A COLINA DA SAUDADE

XANGAI

Av. Duque de Laxá, 20-B

Telef. 573 78

(frente à Embaixada Americana)

ESPECIALIDADE DIÁRIA

GALINHA YO LYN

e o clássico arroz Chao Chao

MINABELA

Restaurante Churrasqueiro Pastelaria

Diferenciação várias especialidades

AMADORA — Tel. 939191/2

QUELUZ — Tel. 951611

MONTE ALTO

Rua Filipe Folque, 10-B-C-D

Telef. 51905

TODOS OS DIAS PRATOS VARIADOS

PREÇOS DE CASAMENTO

Música, muita música,

UM CARNAVAL ALEGRE!

Um CARNAVAL completo num ambiente DIAS DISTINTAMENTE FAMILIAR

VARIADA NOS DIAS 15 E 17

INFORMAÇÕES PELO TELEF. 790211

RESTAURANTE

QUINTA DE S. VICENTE

TELHEIRAS DE CIMA, 144

(2.ª CIRCULAR AO CAMPO GRANDE)

Parque privativo para automóveis

Fevebreiro

AR CONDICIONADO (Maiores de 15 anos)

TARANTELA

RESTAURANTE-SNACK-BAR

L. B. Estefânia, 23 e 27

Telef. 52388

SPECIALIDADES DIÁRIAS

Fevebreiro

VIRIATO

RESTAURANTE CERVEJARIA SNACK-BAR COZINHA PORTUGUESA

Rua Tomás Ribeiro, 55-57

(Aberto até 4.26)

Telefones: 58-67 58

CONCURSO «MAJA DE PORTUGAL»

com o patrocínio da IBERIA (Lineas Aereas de España)

Nome

Morada

Idade

Profissão

Juntar duas fotos (uma de rosto e outra de corpo inteiro) e remeter para o «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 44-48, Lisboa

FARMACIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno J

AJUDA — Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 22 (638256) * Tapada, Lda., Calç. da Tapada, 83-A (63472)

ALCANTARA — Ester Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (637563)

ALMIRANTE REIS — Antellin, Lda., Av. Almirante Reis, 88-B-C (44173) * Megalhães, Av. Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479)

ALVALADE — Libia, Av. da Igreja, 4-B-C (7168) * Maribel, Av. de Roma, 131-A (776235)

AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (68515)

AREIRO — Lusitana, Av. de Roma, 8-A (725443) * Chinda, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (710331)

ARROIOS — Fonseca — R. Carvalho Araújo, 46-B-C (84108)

AVENIDAS NOVAS — Providência, R. D.ª Filipa de Viçena, 9-C (770324) * Sá da Bandeira, R. Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (4196-5467) * Oliveira Viçosa, R. Viriato, 29-A (48966-55360)

BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zira, Pr. das Casas Novas, Lote 66 (310172)

BAIXA — Famosinha, P. dos Restauradores, 8 (30927) * Marmel, R. da Prata, 220 (32342-32553)

BENFICA — Benfitez, Est. de Benfica, 44-A (782606) * Alegria, Est. de Benfica, 80-A-B (78050) * Progresso, Est. A-da-Moza, 64-C (702226) * Macedo, Est. do Povo do Chão, 69-C (703697)

CAMPO DE OURIQUE — Lindele, Rua Ferreira Borges, 30 (660955) * Fimdes — Rua D. Maria Pia, 514 (687949)

CAMPOLIDE — Romão, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) * Zengi, R. A, 82, Bairro da Liberdade (65840) * Nova, R. de Campolide, 297-C (687475)

CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires do Pátio, 117-118 (553308)

ESTEFANIA — Dêlle, Rua Açores, 32 (52388)

ESTRELA E LAPA — Neves, Sec. R. do Boia Vista, 6 Lapa, 37 (661251)

GRACA — Higienica, R. Helderio Salgado, 20-A (84436)

LUMIAR — Petroleo, Helderios, R. do Lumiar, 22-24 (790332) * Beira, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (791131)

OLIVAS — Simão — Av. de Berkim, R. D., 16-A (30581)

PALHAVA — Camê, Est. das Laranjeiras, 202-B (780841)

PEDROUCOS — Higienica, R. de Pedrouços, 50-52 (610280)

PENHA DE FRANÇA — Batten, Av. Maurício de Albuquerque, 1

J-A (84357) * Europa, Av. General Rôças, 27-A B (Tel. 843880)

PICHELEIRA — Mariz, Calç. do Picheleira, 40-B-C (120703) * 783951

PRINCEPE REAL — Gonçalves L., R. da Rosa, 176-78 (367687)

REGO — Berne, Av. de Berna, 44-A (773568)

SANTO AMARO — Botânica, R. da Junqueira, 38-40 (63832)

S. BENTO — Micael, R. de S. Bento, 380-382 (662167) * Acares, Largo do Conde Barão, 2 (661330)

ST. MARTA — Morais Sarmiento, R. Santa Marta, 5-A-B (Tel. 46490)

DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. da Margem, 5-B (382470) * Cruz de Malta, L. do Chafam de Dentro, 36 (866126) * Zema Rua General Justiniano Padral (6 Calçada dos Barbadinhos, 21 (832580)

S. Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (86983)

MOSCAVIDE — Santa Bárbara, Rua Francisco Marques, Brato, 75-A (Tel. 2511234)

● Linha de Cascais

ALGES — Combatentes, Av. Comb. e Guerra, 66 (Tel. 213953)

CAXIAS — Nova, Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (242839)

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 86 (243204)

OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)

PAREDE — Grelha, Av. da República, 87-A (247204)

ESTORIL — Marques dos Santos, R. Ferreira, 1-A, 5 (260116)

CASCAIS — Cordeiro, Av. Comb. e Guerra, 40 (28070 e 2849)

* Nova, Est. de Ajuda — Fontainhas (28044)

● Linha de Sintra

AMADORA — Melo, P. D. João I, lote 46 — Ba. rio Janeiro (932756) * Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (932210) * Igreja, P. da Igreja, 22-A (937740) * Jardim, Av. Conde de Oeiras, lote X-1 — Reboreira (938429)

DAMAIA — Damais, P. Alexandre Gasmão, 9-A (Tel. 970523)

QUELUZ — André, Av. Elia Garcia 5 (950043) * Quelus, Av. Miguel Bombarda, 28-A 95 841

CACÉM — Central, R. Silva Garcia 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS — Quelma, Est. Mem Martins 285 (Tel. 290021)

PEDRO DE SINTRA — Valentin, Tel. 980456)

SINTRA — Marreiros, (Estoril) L. Alonso Albuquerque (980058)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861358

* Companhia Reunidas, 537011

* Gaselec, 538821

* Gaselec (dom. e feriados), 882069

BOMBEIROS — Sapeadores 12222

* Voluntários, 538524

POLICIA e G. M. R. — serviço de emergência, 115

* Segurança Pública, 366141

* Judiciária, 535380

* Marítima, 326456

* Internacional, 862721

* Viagem e Trânsito, 42205

* G. M. R. (área rural), 36865

SALDA — Cruz Vermelha, 665342

* Enfermagem permanente, 766161

* Enfermagem de urgência, 43738

* Hospital de Santa Maria, 775171

* Hospital de S. José, 860131

* Sangue, oxigênio e soros, 771168

* e 771169

* Transfusões soros e oxigênio, 538524

* Centro de Intoxicações (informações), 767777

* 761176 e 763456

TRANSPORTES — Aeroport, 720111

* Caminhos de ferro (C. P.), 869029

* Caminhos de ferro (Estoril), 361121

* Estação fluvial (T. Paço), 325345

* Estação Marítima de Alcântara, 663195

* Estação Marítima de Rocha, 672445

* Estação fluvial (Belém), 638531

Diário de Lisboa



Propriedade da
Ressurreição Gráfica, S. A. R. L.
Editor João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Tel: 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA: Telex 1363
Lisboa 2 - Portugal

Com 5 por cento da população vacinada iniciou-se a semana mais crítica da expansão do vírus «A2 Hong-Kong-68»

No meio de um fervilhar de boatos sem base, que evitaram que muitos se vacinassem ou fizessem vacinar os seus filhos, os 8,3 milhões de habitantes de Portugal metropolitano iniciaram a semana mais crítica da epidemia de gripe provocada pelo vírus «A2 Hong-Kong-68».

O número de casos de doença tem aumentado, e, segundo foi informado, no Centro Nacional de Gripe foram já isoladas 29 estirpes daquele vírus. No entanto, todas as autoridades médicas na matéria põem em relevo a relativa benignidade dessa gripe e o facto de ela não ter atingido entre nós a amplitude que se chegou a alcançar, quando, em fins de Novembro último, se fizeram previsões quanto ao facto de Portugal vir a ser atingido pela disseminação do vírus.

Segundo informações prestadas pelo sr. dr. Arnaldo Sampaio, director do Centro Nacional de Gripe, foram já vacinadas em todo o território metropolitano 500 000 pessoas, a maioria das quais gratuitamente.

O número poderá parecer elevado, à primeira vista. No entanto, uma simples conta levar-nos-á a concluir que se trata apenas de 5,1 por cento da população. Quer isto dizer que a maioria das pessoas atravessará deficiente e pouco preparada a semana crítica da gripe de Hong-Kong.

Os especialistas na matéria prevêem que, a não se alterarem as condições actuais (quer para melhor, quer para pior), o perigo da epidemia subsistirá até ao fim do próximo mês.

Entretanto, essas mesmas autoridades recomendam a vacina, que continua a fazer-se em numerosas empresas, em postos da Delegação de Saúde de Lisboa e das Juntas de Freguesia.

A vacina terá sempre inconvenientes bem menores do que a doença

Enquanto não nos foi possível arranjar, no mercado internacional, o número de vacinas necessário para evitar a disseminação da epidemia desta gripe entre nós, diversas vozes se ergueram a chamar contra o lamentável, mas inevitável, facto.

Uma vez surgida quantidade apreciável de vacinas, lo-

go outras vozes se ergueram a chamar desconfiadamente quanto aos respectivos efeitos. Não se apoiaram inúmeras pessoas (cedendo ao medo ancestral que as vacinas quase sempre provocam) para não tomar as precauções necessárias (o que pa-

Outras pessoas teriam tido reacções maiores pelo facto de estarem contaminadas por qualquer outra infecção e não terem informado disso os vacinadores. Ora, se a vacina procura provocar uma infecção controlada, para desenvolver uma imunidade

NÃO HÁ CASOS DE ENCEFALITE

rece pior) evitar que seus filhos as tomassem.

Foram postos a correr diversos boatos. Segundo uns, a vacina teria efeitos secundários muito desagradáveis e até perigosos. Segundo outros, quanto às crianças, ter-se-iam registado casos de encefalite. Ainda a segundo uns terceiros, a vacina teria feito eclodir a doença.

recorramos esclarecer-nos a este respeito, a fim de esclarecermos os leitores.

Segundo informações que já tornou públicas, o sr. dr. Arnaldo Sampaio, a mais bem informada e uma das mais abalizadas autoridades na matéria, em Portugal, esclareceu parte daqueles boatos. As reacções até hoje registadas tinham sido mínimas e absolutamente normais, em qualquer caso de vacinação. As pessoas que receberam a vacina e adoeeceram com a gripe de Hong-Kong um ou dois dias depois não tinham recolhido a cama em consequência de reacções à vacinação, mas muito simplesmente porque já tinham sido contaminados pelo vírus anteriormente.

E acrescentou: — É claro que qualquer vacinação envolve sempre certos riscos, mas sempre bem menores do que a doença. O que posso porém assegurar é que já vacinei dezenas de crianças e em nenhuma delas notámos qualquer reacção anómala.

A concluir, sublinhou: — E quanto aos pretensos casos de encefalite posso afirmar que não se registou até agora nenhum provocado quer pela doença quer pela vacina.

Afirmou ainda que, até agora, entre as crianças, não se registaram nenhum caso grave de gripe de Hong-Kong. Todos os já detectados eram benignos.

específica, não deve ser recebida por quem esteja a braços com qualquer outra infecção, pois têm as resistências diminuídas e o piora do mal que já tinha ou sofre uma reacção maior.

De qualquer modo, porém, sejam quais forem os inconvenientes (aliás mínimos) da vacina, sempre serão infinitos, comparativamente aos estragos da doença. Isto no campo individual, pois não há comparação possível se se tiver em conta o que representaria a propagação da epidemia.

Quanto ao boato (que foi muito espalhado) de haver crianças com encefalite, ouvimos hoje o sr. prof. dr. Mário Cordeiro, do Serviço de Pediatria do Hospital Escolar, que nos disse:

— Não efectuámos ainda número suficiente de vacinas, nem temos ainda tempo suficiente para saber, com uma certeza científica, quais os resultados da vacinação.

— E é claro que qualquer vacinação envolve sempre certos riscos, mas sempre bem menores do que a doença. O que posso porém assegurar é que já vacinei dezenas de crianças e em nenhuma delas notámos qualquer reacção anómala.

A concluir, sublinhou: — E quanto aos pretensos casos de encefalite posso afirmar que não se registou até agora nenhum provocado quer pela doença quer pela vacina.

Afirmou ainda que, até agora, entre as crianças, não se registaram nenhum caso grave de gripe de Hong-Kong. Todos os já detectados eram benignos.

A Cruz Vermelha vai colaborar

Na previsão de que surjam diversos focos de gripe de Hong-Kong e que a epidemia possa propagar-se a Direcção-Geral de Saúde procurou obter a colaboração da Cruz Vermelha Portuguesa, a semelhança do que se registou em 1958, a quando da epidemia da «asiática».

Houve ontem uma reunião das Formações Sanitárias da C. V. P., sob a direcção dos srs. drs. Fernando Caldeira, director e Costa Belo, inspector. Como essas Formações Sanitárias trabalham em regime de voluntariado, auscultou-se a opinião da maioria dos seus componentes. O oferecimento foi geral e a C. V. P., em caso de necessidade, poderá enviar para os bairros pobres as suas ambulâncias com material e enfermeiras, para ocorrer aos casos necessários. Essas enfermeiras, se o julgarem preciso, poderão mandar chamar os médicos.

Encara-se, ainda, a possibilidade de encerrar a Escola de Enfermagem da C. V. P., colocando as professoras e alunas bem como as alunas do curso de auxiliares de enfermagem, ao serviço da população.

Observe-se, porém, que isto são apenas medidas tomadas na hipótese de a situação piorar, imprevisivelmente.

FOI EXTINTO O INCÊNDIO PERTO DE CAMINHA

CAMINHA, 11 — Foi extinto cerca da meia-noite o incêndio que lavrou durante quatro horas em matagal das freguesias de Venada e Azevedo, neste concelho. Desconhecem-se as causas do sinistro.

Centenas de populares, enquadrados pelos Voluntários de Caminha e por brigadas dos Serviços Florestais, abreviaram o combate às chamas tornado difícil em virtude de os caminhanos não darem passagem a viaturas pesadas.

Na área sinistrada, felizmente longe de quaisquer povoações, esteve o comandante dos bombeiros locais sr. Luís Costa num «capp» da corporação.

Vão ser publicadas as «Obras Completas» de António Sérgio

A obra de António Sérgio constitui um dos monumentos portugueses do nosso tempo. Ele influenciou as gerações que se lhe seguiram de ma-

neira bem acentuada e funda. Os seus livros, desde os oito volumes de «Ensaio» até os artigos, os opúsculos, os textos literários, são uma fonte intelectual das mais fecundas do século XX, em Portugal. Daí a necessidade de reunir essa obra dispersa em livros e folhetos esgotados, alguns bem raros, em artigos de revistas e jornais.

A notícia que damos hoje aos nossos leitores é exactamente essa de que as «Obras Completas» de António Sérgio vão ser publicadas dentro em breve. Vai editá-las a Livraria Sá da Costa que já foi editora de António Sérgio em período grande da sua vida.

Está a ser elaborado o plano dessa edição que constituirá de facto, o maior monumento que se pode erguer à memória de António Sérgio que há dias fechou para sempre os olhos; mas nem por isso a sua obra deixará de influenciar as gerações que se seguem, como influenciaram as gentes do seu tempo.

CONSELHO DE MINISTROS PARA OS ASSUNTOS ECONÓMICOS

Sob a presidência do sr. prof. Marcello Caetano, reuniu-se esta tarde, no Palácio de S. Bento, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos.

Comunicado do S.I.P.

O Serviço de Informações Públicas das Forças Armadas comunica que morreram em combate, na província da Guiné, o soldado pára-quedista n.º 120/67, Raul Mendes da Costa, natural do concelho de Lamego e filho do sr. José da Costa e da sr.ª D. Maria Miquelina Mendes da Costa, e o soldado n.º 01467967, Paulo Teixeira da Costa, natural do concelho de Valpaços e filho do sr. João José da Costa e da sr.ª D. Albertina Jesus Teixeira da Costa.

Grande Prémio-TV da Canção Portuguesa QUINTA-FEIRA, ÀS 10 HORAS: O PRIMEIRO ENSAIO

Na próxima quinta-feira, pelas 10 horas, iniciam-se (na R.T.P.) os ensaios da orquestra que, sob a batuta do maestro Ferrer Trindade, vai acompanhar os intérpretes do «Grande Prémio-TV da Canção Portuguesa».

A orquestra já está constituída: terá cinquenta e quatro elementos, cada um dos quais cobrará (de cachet) cerca de três mil escudos.

As orquestrações estão praticamente completas; a última que falta, pertence à melodia de António Andrade, que Artur Garcia vai «defender».

Estes ensaios (que se prolongam até ao fim da tarde de sexta-feira) vão culminar com a gravação (em fita magnética) das dez composições: gravação que, oportunamente, será remetida aos dezoito juristas regionais.

No palco do São Luiz, acrescenta-se, a orquestra formará em semi-círculo: sob a direcção do maestro Ferrer Trindade, ou de outros regentes escolhidos pelos compositores, como é (por exemplo) o caso de Jorge Machado.

Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO

FÉRIAS DE CARNAVAL

Com conforto, tranquilidade e belas paisagens
BUÇACO — PALACE HOTEL
CARCAVELOS — HOTEL PRAIA-MAR
COIMBRA — HOTEL ASTORIA
LISBOA — HOTEL METRÓPOLE

Serviços especiais
Informações e reservas:
nos Hotéis e nas Agências de Viagens

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o tempo era fresco ou moderado de Leste o céu estava muito nublado ou encoberto e chovia nas regiões do Sul, por influência de uma depressão centrada a oeste do cabo de S. Vicente.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ÀS 9 HORAS DE HOJE

9 HORAS — Coimbra, 4º; Faro, 12º; Funchal, 3º; Lisboa, 9º; Penhas Douradas, —3º; Portalegre, 6º; Porto, 6º.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 10,5º; na água do mar: 13,2º.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu muito nublado, por vezes com boas aberturas nas regiões do norte, e encoberto nas regiões do Sul. Vento fresco ou moderado, por vezes fresco, de Leste. Chuva nas regiões do Sul, podendo, por vezes, atingir a região do centro.

Amanhã
Nascer do Sol às 8 e 32
Opor do Sol às 19 e 11

Dia 16 Dia 24 Dia 4 Dia 11

MARES:

PREIA-MAR: Dia 11 — 10 e 05 (3,2 m); 23 e 46 (3,3 m); Dia 12 — 12 e 43 (3,3 m); Dia 13 — 1 e 15 (3,5 m); Dia 14 (3,5 m) BAIXA-MAR: Dia 11 — 4 e 33 (1,6 m); Dia 12 — 15 (1,6 m); Dia 13 — 6 e 06 (1,5 m); 18 e 40 (1,5 m); Dia 14 — 7 e 18 (1,3 m); 19 e 46 (1,4 m).

RESTAURANTE MÓNACO

CAXIAS — TELEFONE 243339

A Gerência comunica aos seus estimados clientes que hoje se encontram reservadas todas as suas salas aos jantares e durante a noite.

ATENÇÃO AO CARNAVAL

DIA 14—FESTA DE ANIMADÍSSIMA INAUGURAÇÃO DESTA QUADRA COM LOTAÇÕES QUASE ESGOTADAS
BAILES — COM MÚSICA CONTINUA DE SHEGUNDO GALARZA E O SEU CONJUNTO E O JÁ TÃO FAMOSO QUARTETO 48

RESERVAM-SE SALAS PARA BANQUETES E CASAMENTOS

DIREC. DE OUTEIRO COSTA Maiores de 15 anos

SAPATARIA PARIS

268 — RUA DO OURO — 270

Aproveitem só até dia 15 os fins de colecções do nosso, afamado calçado, por preços abaixo do custo.

Exposição no interior do estabelecimento.

TEREZA:

um nome

por Augusto Frade

Diário de Lisboa

Juven

N.º 610 DOS JOVENS PARA TODOS

Fazia parte de um encontro pensado com vagar, enquanto caminhava cheguei a casa dela e no entanto a casa dela ficava ainda a uns 500 passos até me parece que a casa não é dela, é de uma amiga ou de um homem-de-fora mas logo que comeci a andar tive a sensação nítida dos seus gestos — gestos de mulher — e comeci a pensar o que havia de lhe dizer. Então pensei as palavras. Havia de lhe repetir depois como sempre e elas tomavam dimensão na medida em que eram sinceras ou não fossem carícias dos meus lábios esquecidos de murmurar orações. Portas sucediam-se de ambos os lados não admito a ninguém que se ria de mim quando sou sincero. Lembrem-me os bêbedos da outra noite a «berrar» o fado apeteceu-me berrar também mas tinham ficado para trás e esta porta — conheço-a bem — não conhece o fado ou talvez conheça mas a Teresa limita-se a repetir as boas noites de quem passa até as minhas a amiga dela faz parte das cortinas e passa a noite a escutar o que dizemos porque ainda não tem idade para namorar só o fez uma vez quando era mais pequena e quando o segredou a Teresa ela pôs-se a rir e depois jurou que havia de aprender e aprender para ela é fazer parte das cortinas.

Hoje fui visitar a Ana Maria.

A Teresa conhecia muito bem a Ana Maria e até sorria quando eu falava nela porque se convenciu que o segredo dela era nosso mas enquanto ria eu pensava

coisas feias dela e chamava-lhe atrasada. Foi um desejo brusco. Que eu e a Ana Maria nos conhecíamos há muito tempo é verdade porque nem os cães ladravam ao portão quando entrei como faziam aos outros mas preferia que o tivessem feito porque não sabia exactamente o que ia fazer — subi as escadas porque depois de almoço resolvera lá ir — aquela casa sempre me pareceu triste talvez porque estava sempre fechada e o jardim só tinha roseiras. Havia duas pessoas na cozinha quis que fosse ela e a mãe não me perguntou porque era necessário que fosse assim e o pai estivesse na sala de mau humor como também era necessário que eu entrasse sem cumprimentos e em seguida porque era a primeira vez não recusaria pedi-lhe para falar a sós com a Ana Maria acedeu porque o teria feito se o meu desejo era precisamente o contrário que ela se encolerizasse mas continuou a deltar açúcar no bolo ela era mais gulosa que os convidados para a festa que ia dar e eu devia ser um deles porque a filha não deixou de sorrir um sorriso viciado o pai excedeu tudo quanto podia esperar pôs-me o braço no ombro ultimamente há muito sobre a juventude enumerou-me pormenores que eu desconhecia obrigou-me a ter problemas e a admitir que os compreendia no tempo dele já era assim e por fim era a véspera da festa perguntou-me delicadamente o que «desejava» estive prestes a ir-me embora porque a visita não era aquela que

eu queria e as minhas palavras despertavam sempre sorrisos a parte final da visita era passear no quarto em que estávamos sós o tempo necessário para que ela se aborrecesse começava a compreender que isso era impossível e por fim quando ela abrisse a porta para se afastar dizer-lhe «sem papas» que não podia com ela repeti-lo e gritar até que ela se convencesse mas não se convenceu. A Teresa olhava para mim sem compreender... não era costume falar assim às noites.

OUTRO NOME

A ideia não era má imaginar para os dois um mundo com o auxílio dela.

Primeiro era necessário esquecer o hábito os caminhos estavam gastos as horas o tempo apodreceu o café porque os olhos dos outros caminhavam entre nós um mundo conhecido com leis e com remorsos conhecer a planície com os pés nus como fazíamos na praia e esquecer a praia também — já deu bastante aos pobres pode morrer descansada com a certeza que as esmolas ganham o céu — sentir apenas a luz até que a terra se canse ouvir o vento aspirar o perfume dos corpos tactear as pétalas saborear o tempo o tempo podre e por isso mesmo diferente-nosso. Fariamos o que ocorresse ao pensamento com a certeza que o pensamento destrói como ouvi ao hortelão — brincar com as tuas mãos para continuar o movimento e com as mãos mudar as montanhas ao longe em gestos delicados na

terra que sinto com os pés nus estender os braços a cada instante ondular o tronco havia de despertar o desejo das pernas e a evolução continua fugir do hortelão que repete palavras do avô — deixaria de ser uma preocupação viver e viver era sentir a canção que me aconselhava a imaginar um mundo para os dois hei-de dizer-lhe um dia que a canção que ela escolheu para me oferecer me aconselhou a imaginar um mundo para os dois e eu obedeci porque era a única forma de lhe pagar o favor ou a oferta esse dia não está longe sinto-o entre os dedos dela na minha mão mas não ousei amá-lo para poder dizer-lhe verdades abrir a janela às 5 da manhã para expulsar um sonho de verdade dos cabelos dela em desalinho — são antigos os cabelos em desalinho e segredar às paredes ou aos lençóis que é preciso arranjar uns temas para o chá quando era pequeno não era preciso arranjar temas para o chá mas agora não consigo suportar o silêncio ela diz que às vezes é necessário mas a verdade é que não consigo e por isso esta noite há-de lembrar-me amanhã por uma questão de nervos quando guardo na mão o mundo nos dedos dela calado o mundo é o nosso sem hábitos sem café sem horas e por isso não preciso pedir-lhe para sentir os dedos dela ela deixa com um sorriso porque não há gente nos passeios nem passarinhos nas árvores para ser igual nem música lenta como na sala para embalar o desejo.

TRISTE HISTÓRIA DE GURIK

por Paulo Ferreira

Gurik vive ali

Gurik tem principalmente grandes árvores ali

Gurik gosta tanto de imitar uma escolta que protege a sagração dos campos de cobalto contra a tempestade.

as noites de Gurik são saliva das vinhas porque Gurik pensa assim a união livre é água numa taça

Gurik vive ali

Gurik tem principalmente grandes árvores com seiva de caulimo ali

Gurik ama mais que tudo o tronco do pinheiro porque Gurik pensa assim

um pinheiro conta a história dos escravos que se evadiram numa jangada de filhos que dormiam no ruído da lareira

Gurik vive ali

bem dentro da pequena paz no estanho da mão pré-nupcial que semeia os campos de centeio dentro dos cestos de limos

Gurik vê ao longe e pensa ah a cidade infantil Gurik não Gurik

tu não abrirás as pálpebras para deixares os campos de goma

tu não pararás as mãos para perdeses a saúde nesse amargo de perseguição que é correr atrás de um horário sem fusos

porque os teus dedos Gurik são raízes e não dedos não Gurik

tu não vais ingressar na cidade infantil ah a cidade infantil Gurik

como é incompleta nas janelas sem o cobalto sem as vinhas sem o tronco do pinheiro sem os cestos de limos

não Gurik

não queiras a ponte pensil com as suas nuvens de aço

nem os guindastes de império nem a reparação dos asfaltos ou dos esgotos de nata

nem o cais tordamente escondido pela imobilidade dos navios barrocos

nem o cubículo perpétuamente escondido no estuque do sono incapaz

nem o copo de suco de melancia nos salmos do trânsito

nem a laranja seca nos beijos de bronze dos amantes nos bacos lunares

ah a cidade infantil Gurik Gurik vê ao longe

Gurik vive ali

bem dentro da pequena paz

Gurik tem principalmente as suas grandes árvores de balsa

Gurik tem principalmente o calendário de saibro com os sorrisos riscados

Gurik tem principalmente a voz das salinas de cobalto

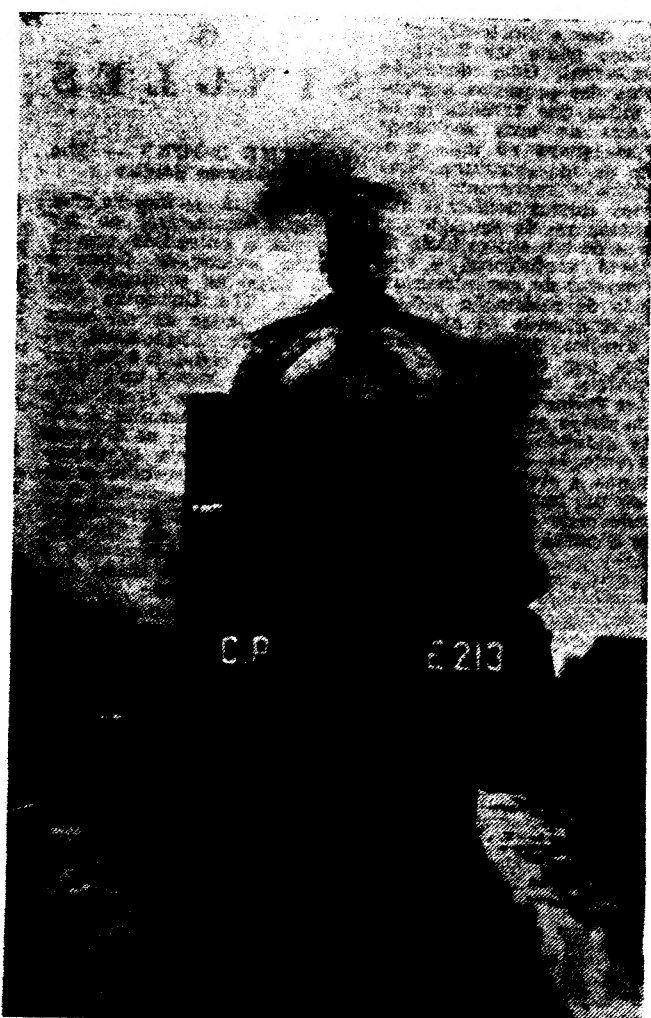
Gurik tem principalmente a velha mosca que há dois dias que não dá leite de coco dá leite de cobra

ANTIGAMENTE

por

Mário Contumélias

Vinham erianças vivas das escolas com poetas nos dentes nos olhos rosas. Crianças vinham (entre outras gentes que então havia) de trazer lua nos artelhos e transportar joelhos nos joelhos. E vinha eu então sem idade definida — os olhos deixados por aí — as mãos esquecidas nalgum corpo — o corpo que trazia o cheiro das poeiras das pedras das estradas — das pontes das ruas vivas. Tão vivas como eu dantes.



«FRENTE A FRENTE»
Por PEDRO RIBEIRO SIMÕES

Andam para aí uns sonhadores das arábias a lamentarem-se que as estações de rádio não transmitem música portuguesa, e se dedicam cada vez mais ao lançamento da música de além-fronteiras.

Cabe perguntar que música portuguesa querem esses senhores: as pastiches sentimentais de Tony? Os grilhões sensaborões da Madalena? Ou o folclore pra inglês ver, à Pedro Homem de Melo, folclore sofisticado sem raízes nem Amor?

Por favor!... a tudo isso claro que se prefere — e constantemente — os Simon and Garfunkel, o Dylan, Beatles ou se quiserem os inconsequentes Aznavours e Sandie Shaws, tal como essa gama de cançonetistas e conjuntos de 2.ª ou 3.ª ordem do mercado internacional. Sempre cantam qualquer coisa parecida com música e que fica no ouvido. Agora o que para aí corre como música portuguesa é que nunca!

DESTAQUE AS RAIZES
FOLCLÓRICAS COMO ÚNICA
FORMA DE FAZER MÚSICA
GENUINAMENTE POPULAR

Por que há boa e bonita música portuguesa. Temos uma riquíssima tradição folclórica. Experimentem dar uma volta por Trás-os-Montes ou pelo Alentejo. Por toda a parte o povo não se cansa de oferecer motivos. Crescem por mesmo sem obrigação fornecer matéria-prima para todas as sensibilidades, quer sejam pintores, músicos, poetas ou romancistas. Claro que o povo não tem culpa de que certos compositores, certos cantores da nossa época sejam cegos e surdos não lhe prestando atenção. A Música que é nossa, de raiz, composta de acordo com a tradição folclórica, prefere na musical-

nas, recheadas de lugares comuns arrastadas no gabinete.

As raras excepções servem apenas para lamentarmos mais a Música que poderia mostrar e que tememos em não possuir.

Que nos resta? Quem estamos dispostos a ouvir? Peter Paul and Mary ou Rancho de Santa Maria de Portugal? Dylan ou Calvário? Beatles ou Os 3 de Portugal? Joan Baez ou Cidália Moraes?

E depois vêm uns sonhadores das arábias lamentarem-se da falta de música portuguesa nas estações de rádio. É vontade de brincar!

TRABALHADORES RURAIS: SALÁRIOS

Salários médios dos trabalhadores rurais em Agosto de 1968 (valores em escudos)

Distribuição	11	11
Aveiro	59,2	36,5
Beja	50,6	26,7
Braga	46,5	30,0
Bragança	49,0	26,5
Castelo Branco	54,9	27,5
Coimbra	59,4	38,8
Évora	43,8	22,5
Faro	57,0	37,5
Guarda	52,8	32,3
Lisboa	71,0	35,8
Lisboa	64,0	38,0
Portalegre	41,6	22,0
Porto	50,0	37,5
Santarém	53,8	33,3
Setúbal	53,8	31,0
Viana do Castelo	61,3	40,0
Vila Real	45,3	29,3
Viseu	51,0	31,0
Médias	53,60	32,00

PAZ E JUSTIÇA, CAMINHO DE TODOS OS HOMENS

Um telegrama proveniente de Copenhaga e publicado nos jornais noticiava

que os pequenos dinamiteiros vão passar a interessar-se pela actualidade internacional. É o caso que a televisão uma vez por semana passará a incluir uma espécie de telejornal em que se lhes contará o que vai pelo mundo. Garante o telegrama que esse noticiário será redigido em termos inteligíveis para as crianças.

Cabe perguntar o que se considerará termos inteligíveis. Subentende-se que a linguagem será clara. Contudo esperamos que a par desse esforço venha uma sã pedagogia interessando vivamente as crianças para o verdadeiro caminho de todos os homens — a Paz e a Justiça. Não interessará apenas narrar os acontecimentos mundiais. É mister tentar dizer às crianças por que se dão os maus acontecimentos e o que em contrário devia acontecer neste nosso mundo que amanhã lhes pertencerá. Assim sucedendo pensamos que o exemplo dinamiteiros — segundo se julga o primeiro país a tentar semelhante experiência — venha a ser seguido por outros países.

O NOVO NOME DE PAZ

Paulo VI na homília por ocasião do Dia Mundial da Paz:

«A Paz não é uma flor que brote espontaneamente da nossa terra estéril, sem amor e regada pelo sangue. O desenvolvimento dos povos é hoje o nome novo da Paz.

Salientou ainda que as raízes da Paz mergulham no reconhecimento dos direitos do homem, tais como a liberdade religiosa, o direito ao trabalho, igualdade entre os cidadãos, as possibilidades de vida e defesa dos fracos e a educação. E acabou por afirmar que no Mundo continuam a existir exemplos de homens que estão privados desses direitos ou de uma grande parte deles.

«Posso eu impor a um jovem esta sabedoria que só a vida ensina: recusar-lhe as suas cóleras e as suas injustiças que são o único meio de ele forçar o caminho da verdade? — Emmanuel Mourier.

ASSIM VÃO NASCENDO AS GRANDES ALEGRIAS PARA CONTRABALANÇAREM COM AS MUITAS TRISTEZAS QUE NOS INVADEM

A grande e maravilhosa aventura do Homem e a sua luta no dia a dia do Mundo. E este a girar em redor do eixo presenciando a guerra, as tentativas (frustradas) para o estabelecimento da Paz, as constantes injustiças e atropelos às liberdades individuais, as crianças que morrem de fome, que não recebem educação, a maravilhosa realização deste século — todos esses foguetões e naves vagueando pelo espaço e em que não sabemos mais que admirar mais se o apuro de uma técnica, se a coragem dos homens que se lançam à conquista do espaço. Em todos os dias uma gama enorme de factos que procuramos sempre lembrar e amar e aqueles que conhecemos mas preferimos ignorar para não nos darem cabo do sono e da digestão.

E assim os jornais dizem-nos que 2500 costureiros e desenhadores da moda de todo o mundo escolheram as mais bem vestidas do ano. E para orgulho nosso na lista das «dozes» mais bem vestidas figura uma portuguesa.

E esquece-se tudo para só lermos a notícia no jornal desfolhado numa manhã de mais um dia do nosso quotidiano.

QUE MELHOR DESTINO PODE TER UM BOM POEMA DO QUE SER CANTADO?

LUIS CORANDELL

PANORAMA

ÁLBUNS • ÁLBUNS • ÁLBUNS

- 1.º — THE MOODY BLUES — In Search of the lost Chord
- 2.º — THE BEATLES — The Beatles
- 3.º — DONOVAN — In Search of the lost Chord
- 4.º — SIMON & GARFUNKEL — Bookends
- 5.º — DOORS — Waiting for the Sun
- 6.º — THE MOODY BLUES — Days of Future Passed
- 7.º — JEFFERSON AIRPLANE — Crown of Creation
- 8.º — BUFFALO SPRINGFIELD — Again
- 9.º — CREAM — Wheels of Fire
- 10.º — OTIS REDDING — The Immortal Otis Redding

Aqui reza-se a colaboração PANORAMA-EM ORBITA. Como no ano passado apresentamos o que «Em Orbita» seleccionou para os seus ouvintes como os melhores da música anglo-americana em 1968.

Voltou-se a utilizar o processo de se estabelecerem duas classificações distintas: uma para «singles» e outra para «long-plays».

1.º — SIMON & GARFUNKEL — Mrs. Robinson

Mais, muito mais do que um tema agradável, musical ou líricamente, Mrs. Robinson é o mais acabado retrato de uma pequena e média burguesia que é Norte-Americana como podia ser Europeia e Universal. Uma descrição satírica dos pequenos e grandes mitos que constituem os alicerces de uma sociedade que se ignora no mais profundo da sua estrutura. Uma gargalhada irreverente lançada aos dignos senhores que se alimentam da saudade dos tempos de um antigo ídolo do desporto profissional e que são capazes de assumir um sentido de realização pessoal e social através do exercício de direitos políticos desvirtuados por um esquema bipartidário mistificador nas opções falsas que propõe. Onde se despo publicamente um viver definido pela tibieza na confrontação das realidades terrenas, a pretexto da garantia de um lugar reservado no mundo onde se galardeiam as boas e puras intenções.

- 1.º — THE MOODY BLUES — Tuesday Afternoon
- 2.º — THE DOORS — The Unknown Soldier
- 3.º — MANFRED MANN — Mighty Quinn
- 4.º — THE MOODY BLUES — Tuesday Afternoon
- 5.º — NINA SIMONE — Ain't got no-I got life
- 6.º — DONOVAN — The Hurdy Gurdy Man
- 7.º — BYRDS — Lady Friend
- 8.º — CREAM — Sunshine of your love
- 9.º — CANNED HEAT — On the Road Again
- 10.º — BUFFALO SPRINGFIELD — Mr. Soul
- 11.º — CREAM — White Room

A MÚSICA

ANGLO-AMERICANA 68
— SEGUNDO O «EM ÓRBITA»

O grupo que é hoje talvez o mais brilhante exemplo dos temas de Dylan. Mais uma exploração clara e justa, mais uma prova incontestada de uma plenitude musical. Uma gravação extremamente dinâmica, com uma intensidade inventiva.

(CONTINUA)

RECEPÇÃO

por Alice Vassalo Pereira

CRÍTICA AOS TRABALHOS RECEBIDOS

E. BRANCO (Santo Amaro de Oeiras) — Esta tua última remessa de trabalhos prova que estás a evoluir consideravelmente. Mais atento à realidade, mais comedido nas expressões. É que sabes, tu às vezes... (desculpa!)... «choras» demais, e as lágrimas aqui não servem para nada. Os teus «instantâneos de uma festa» pareceu-me o melhor, embora pudesses ter explorado um bocadinho mais o assunto. O resto é ainda um pouco vago. Quanto ao ensaio sobre a juventude, fazes muitas citações, deves ter lido um monte enorme de livros e revistas, mas não passas das transcrições, e opiniões pessoais, originais (o que, neste assunto, já vai sendo difícil de arranjar no mercado...) pouco ou nada nos dás. Vamos publicar os «instantâneos» e cá vou esperando que continues a melhorar.

H. CORREIA (Lisboa) — Estes teus últimos poemas são muito semelhantes aos anteriores. Talvez até sejam um pouco mais fracos. Nota que isto não é para te desanimar (até porque tenho a certeza de que não ias desanimar por tão pouco) mas apenas para te pôr de sobreaviso e para te fazer notar o que talvez até não tenhas notado.

CLAUDIA ZINN (Lisboa) — Os três trabalhos que mandaste agora parecem-me muito ainda na linha dos anteriores, o que não admira muito porque uma pessoa não pode mudar de um dia para o outro... No entanto é bom que continues a escrever, que continues a exercitar-te. Mas não abuses muito daquelas exclamações lírico-saudosistas no estilo de «lembras-te?...», «como éramos felizes!...», etc. E também não abuses das reticências e dos pontos de exclamação. Verás que não são necessários. O potencial emotivo não é nelas que está. Podes ter a certeza. (Um pedido: escreve só num dos lados da folha do papel, está bem?)

M. MARCELO (Lisboa) — Espero mais trabalhos teus. Este não me deixou uma ideia muito exacta a teu respeito. De resto pareceu-me um pouco a «armar» ao intelectual, o que me irrita sempre muito. Mas até posso estar enganada. Só com meia dúzia de linhas à minha frente, como queres que eu te dê uma opinião? Ah, se eu tivesse uma bola de cristal! Ainda por cima agora, que parece que as bruxas estão na moda.

AR. MOUTA (Covilhã) — Por esta primeira remessa de trabalhos fiquei com uma impressão bastante boa a teu respeito. Parece-me, no entanto, que ainda há muito «palavreado» pelo meio, muitas expressões-trovoes-ribombantes.

«A vida é hoje
Lixi eternamente comprado
calmamente ausente ao som
[do diapasão]

Isto (apenas um exemplo) é demasiado rebuscado, ar-

tificial, não te parece? Mas, de qualquer modo, confio na colaboração seguinte.

ALFREDO (Montijo) — O teu conto é fraco mas podia não ser (até pareço o Senhor de La Palisse...) Porque não exploraste devidamente o assunto, limitaste-te a mostrar o teu personagem «por fora», muito pela rama e teria interesse em ser desenvolvido um pouco mais. Vamos tentar novamente?

JOAO F. MATEUS (Lisboa) — Pois é. Fazes poesia «para te distraíres» e o resultado só pode ser este...

«Vou pelas ruas sem luz
Na treva da solidão
Que a lugar nenhum conduz
E nos mata o coração».

(Não mata, podes estar descansado...) Quanto ao ensaio... Sabes, para se poder hoje escrever um ensaio sobre a juventude é preciso ter muita garra, ter lido muito, ter visto muito, para não se cair nas banalidades do costume.

M.ª ELVIRA S. F. (Barreiro) — Tu dizes que és uma pessoa felicíssima (ainda bem!), que jamais sofreste uma desilusão (idem). E os teus poemas só falam das tuas «mãos pardacentas / de cavarem a lama», das tuas «cunhas sangrentas / de arranharem a vida», etc. Isto é, falas de coisas que não conheces, que não podes entender em toda a sua extensão. É claro que não pretendo, com isto, que tu faças poemas às estrelas e aos lírios do campo. Mas deves procurar escrever de acordo com a tua vida, com a tua realidade. Senão os poemas resultam, fatalmente, falsos.

S. CARVALHO (Leiria) — Desculpa, mas nós não aceitamos fotonovelas de chorinho fácil mesmo sob a capa de brutalidade, de verdade-nua-e-crua como estes teus dois contos.

C. GUEVELA PINTO (Lisboa) — Como tu próprio reparas, nos teus poemas há ainda uma mistura de coisas boas e coisas más. No entanto, com tudo o que de menos bom (prefiro assim) por lá encontrei, eles agradaram-me. Creio que temos mais um poeta entre nós! Espero mais trabalhos.

E. H. VASCONCELOS (Almada) — Lê o que acima digo ao J. Rosa. Sofrem ambos do mesmo mal...

J. RAFAEL (Porto) — Li tudo o que mandaste e começo a verificar que «isso» por aí anda muito melhor... O teu «Apontamento sem título» já é muito diferente das coisas que costumavas escrever. Parece-me, pois, que estás em plena evolução e que deves continuar a trabalhar. Quanto mais não seja para não quebrar o ritmo.

J. DAVID ROSA (Remscheid, Alemanha) — Mas quem foi que te disse que os poetas são tristes? De

que lhes serviria a tristeza? Lembro-me agora de dois versos de um poema de Vinícius de Moraes:

«Não fiques triste, pescador,
que mágoa não pega peixe».

Medita bem nisto, não te deixes levar pela imagem romântica do poeta físico, de olheiras, cabeça apoiada à mão (esquerda ou direita? Não me consigo lembrar) e olhos atirados para bem longe; põe de lado palavras que já ninguém diz («solidade», por exemplo) e então, se precisares, dá notícias.

ELISABETE F. (Alverca) — Realmente há muito tempo que não falamos. Mas falar para te dizer o quê? Que está um tempo muito bonito e que Fevereiro tem 28 dias porque este ano não é bissexto? É que, minha amiga, com respeito aos teus poemas continua tudo como dantes... No entanto vou tentar publicar «Um grande vômito ao serão». Há muita gente que, com um trabalho publicado, cria novas energias e começa a escrever coisas realmente boas. Vamos a ver...

CARMEN (Lisboa) — Depois de várias horas a tentar decifrar os teus arabescos, conclui que o teu conto faz-me antever contos melhores, talvez mais uma possível colaboradora nossa. Este ainda tem uns pontos mais fracos, além de que poderias ter desenvolvido mais o tema — que se prestava bem para isso. Vamos tentar novamente?

A. J. ESCADA (Lisboa) —
«Se um poeta verdadeiro
[lesse meus versos
seria o primeiro a conde-
[nar-me.]

Também acho que sim. Completamente de acordo contigo.

JESUS FERREIRA (Lisboa); **MANUEL A. B.** (Lavrado); **F. A. RIJO** (Lisboa); **ALFREDO F. FERREIRA** (Lisboa); **MAPAREBO** (Lisboa); **E. MONTE-NEGRO** (Lisboa); **M.ª ISABEL G. M.** (Alcobaca); **JOSE B. M. FONSECA** (Cascais); **SEBASTIAO J. B.** (Coimbra); **M.ª JOÃO L. G.** (Loures); **RAINHA** (Açores); **CARLOS JOSÉ M. DE O.** (Lisboa); **JOSE M. N. L.** (Mem Martins); **A. C. MATIAS** (Lisboa); **JOSÉ CARLOS M. L.** (Coimbra); **A. VILARINHO** (Porto); **MANUEL E. CABRAL** (Lisboa); **SOUSA FERNANDO** (Lisboa); **JORGE L. C.** (Abrantes); **FARIA LINHARES** (Almada); **M. P.** (Matosinhos); **HELDER B. R.** (Lisboa); **J. MONTEIRO** (Lisboa); **ANTÓNIMO ANÓNIMO** (Lisboa); **M.ª FERNANDA S. V.** (Gaia); **R. M. ANDRADE** (Lisboa); **V. SERRA** (Setúbal); **JOAO A. GOMES** (Lisboa); **M. G. C.** (Amadora); **IVO A. F.** (Lisboa); **URI CETALAS** (Lisboa); **AMAN GONPHIL** (Algueirão); **ANDRÉ GAMBOA** (Lisboa) — Os vossos trabalhos não têm, por enquanto, qualidades que justifiquem a sua publicação no «Juvenil».

SOBRE UMA IMAGEM CONHECIDA DE WANDEWAALTS (PARA A LEONOR)

por Vítor Oliveira Jorge

ele como num único retrato ou a sua trajectória na cidade difícil, um nervo, figura febril de criar, das mãos aos dias, uma rua a janela, a penumbra: o seu gabinete, os ins-

trumentos e a demorada face, confronto de silêncios, de nós à imagem, desta aos seus olhos e ainda o tempo, sobre a cabeça, a toda a parede, [tu: o oceano necessário, doce anémoma em torno da inquietante [transparência que só tu conheceste, única presença humana na difícil cidade onde procurou uma vida que fosse também uma [razão.

ANTROPOLOGIA DOS CIGANOS

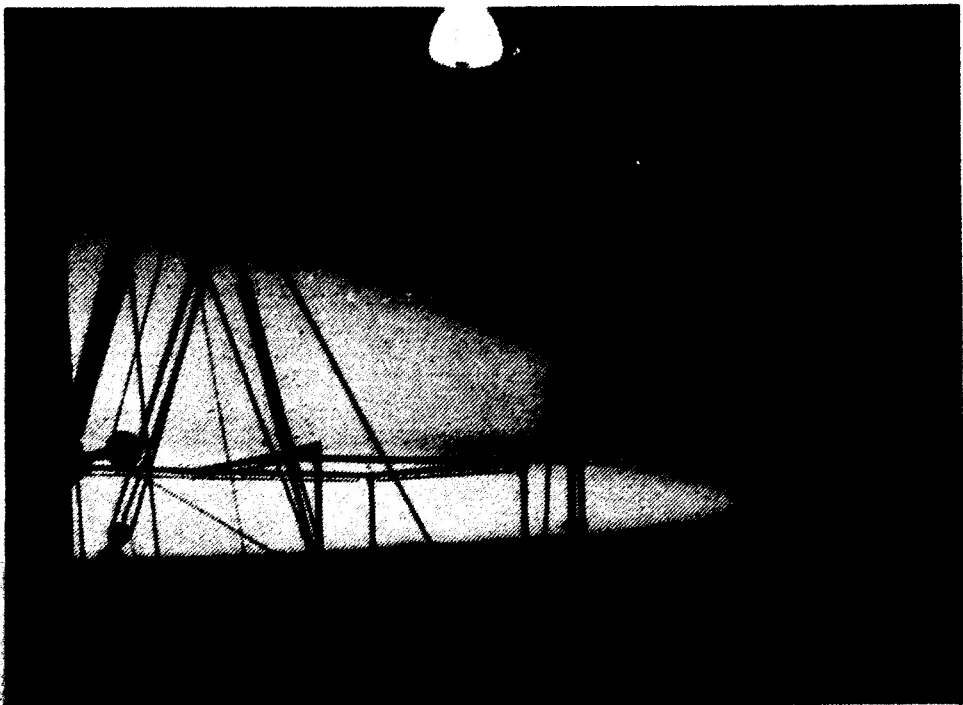
por Sérgio Figueira

Os ciganos ao entrarem na cidade faziam-no pelo lado norte donde sopra o vento e vinham aos cachões como se o contacto dos corpos os tornassem mais seguros na subida da colina para aí estacarem em roda esperando a chegada da Estrela-Vénus que era hábito adorarem ao primeiro sábado do [mês

os ciganos acendiam fogueiras e na noite de Maio subia ao céu em desespero morno a necessidade de saber o fim e onde os punhais tinham efeito de gritos esventravam os ratos alguns com fetos para os lançarem à consumação do lume com as unhas e o resto de vida oferecida a chiar levando à boca um líquido verde espriavam-se deitados em cruz e só acordavam quando a chuva os confundia aos torrões de terra

«CAIS»

ERNANY BRANCO



A AJUDA DO AVÔ

Por Aníssima

Uma tarde, o meu avô, que é velho e feio, contou-me uma história de borboletas. Eu ouvi com atenção, porque o senhor professor pedia uma redacção sobre as borboletas.

Eu tinha já visto borboletas nas montanhas de Outono dos grandes armazéns e nas folhas coloridas dos meus livros de fadas e anões, mas não sabia sonhar com elas. E isso entristecia-me muito.

Afinal, as borboletas são as borboletas... azuis, amarelas, pretas... são também de outras cores, que povoam outros planetas, pois eu sei que há outros planetas e outras cores de borboletas, diferentes das que o Avô conhece.

São como as flores, as borboletas do Avô — voam se lhes dá o vento e brilham se sol amarelo e grande. São tão livres como o ar e o pensamento de, sábios, disse o meu

Avô, e como os perfumes breves que há nas rosas e nos lírios brancos.

Se eu fosse rica, comprava algumas borboletas para dar ao João, porque ele também não sabe como fazer a redacção de hoje.

Eu disse-lhe que as borboletas não mordem, nem sonham, mas sabem como há-de ficar mais bonitas, quando chega o domingo de folga e descanso. Pentelam-se com pétalas leves e caídas e vestem-se com fios de seda que as aranhas feias vendem — isto não disse o Avô, mas eu sei que é assim.

Além, não há borboletas, disse-me ele, um dia, num outro fim de tarde, levantando o dedo e o olhar — e apontava a lua branca.

— Só as borboletas do senhor professor são feias e chamam-se lepidópteros.

INSTANTÂNEOS DE UMA FESTA LÁ LONGE E NO MEIO DA SERRA

Por Ernany Branco

Fungalvaz, cento e tal quilómetros na direcção de Tomar e quinze dias no mês de Setembro. Uma aldeia de casas brancas caídas.

Mas hoje há festa. Logo às 7 horas da manhã, foguetes no ar e o grupo filarmónico da vila perto a passar toda a gente de pé hoje há festa em Fungalvaz, festa para o povo bravo que fácil nos adopta para o seu selo e nos prende em simpatia e interesse. Hoje toda a aquela gente ri e salta lá em baixo, no largo perto do Santareno onde está o arraial e a música sempre a tocar, a tocar... já ninguém repara em mim e o barbas que estava ao pé do cruzeiro a tirar fotografias quando passava a procissão. O barbas já não monopoliza os olhares de curiosidade, já foi acerte até pela Luísa, a pequena da barraca das rifas cada duas \$50, o barbas passou no teste — alguns copos de tinto na taberna e agora já todos sabem que é amigo do filho

do Jacinto e que está em Lisboa a estudar, os meus filhos também estão em Lisboa mas hoje vieram à terra, hoje é um dia de festa rija como não se via há anos.

Escureceu, mas nem o lento chuveirar tem alguma importância. Amanhã ninguém trabalha festa só uma vez por ano e as cachopas precisam de alegria. Ninguém sai do seu lugar e no largo sem espaço depois da corrida de sacos apenas alguém cambaleia, não repare no meu homem. E depois o baile. Um vez a banda, outra o acordeão e as cachopas dançam em cima do estrado ao ar livre. Depois do baile, lá para as 5 horas da manhã, vão todos às uvas para os lados do cemitério. Amanhã toda esta gente vai para fora e depois temos o trabalho, porque quem não trabalha não merece comer e o pão é tão preciso como o meu homem, que Deus lhe dê muita saúde.

EVOLUÇÃO II

(PARA A ISABEL)

Por João Cotrim

os passos cansados na mesma areia os deixámos no mesmo hálito moldámos as palavras onde catorze vezes me acreditaste e quando dos gestos aconteceram os poemas li-os na serra que criaste para sempre ficarem além da memória depois descobriste um sorriso suspenso no teu corpo e espaçaste o silêncio nos meses

só pela morte a flor pertence à terra mas é para fazer qualquer coisa que hoje habito o bafio das mesmas tardes.

POEMA DEDICADO

Por Maria Tereza de A. Dias

Deixem de gastar na boca nosso tempo que as palavras já não cabem de corpo inteiro Deixem de julgar pelo exterior que isso é maneira de evasão Deixem que nossos mãos construam ilusões nas paredes Sintam nossos passos absorvidos pela cidade.

«OS INÚTEIS»

Por José Pinho da Fonseca

Quando cheguei já não havia cartões.

A cada número cantado ocorria um fluxo sanguíneo às faces, os olhos brilhavam mais intensamente e, ávidos, percorriam os cartões ao que se seguiu imprecisões: o milho que servia para marcar era roído, os chapéus eram ora puxados atrás ora à posição convencional, uns dedos arranhavam grotescamente uma cabeça, cigarros, muitos cigarros eram acesos, ajudando a manter o fogo que por dentro nos devora e que tem que se continuamente alimentado: se se apaga é a molesta, o cansado, o tédio.

— Paulo, arranja-me aí 1 ou 2 cartões.

— Não pá, daqui só saio tesol

Estava a jogar lá já algum tempo com uma colecção completa não tendo quinquado nenhuma vez. Mas forçava, forçava sempre a sorte tal como outros fazem à vida. Forçavam, forçavam, esperanças, uma mudança até a um limite inexorável. Calmo e espiro tuoso normalmente, Paulo estava um pouco agressivo.

Filho de pequenos comerciantes estudara em tempos tendo, após 4 anos, feito o 5.º ano. Está à espera de ser chamado para a tropa. Enquanto isso alimenta o seu fogo com o jogo, o vinho, as paródias burlescas.

Levanta-se à hora do almoço; depois vai até ao

café e por lá fica pela tarde adiante com os companheiros habituais, mais ou menos nas suas condições. Dols deles são «franceses» que subiram na hierarquia social e que pagam uns copos em troca de os deixarem andar com eles, jogar com eles, contar as histórias das francesas, poderem dizer — e julgarem-se admirados por — os merdes e s'lis vous plats. Quando não há parceiros em n.º suficiente ou o dinheiro não abunda, por lá ficam a falar daquela vez «em casa do Patolino... ah ah ah... o Rui ficou na valeda debaixo duma carvalha mesmo ao pé de casa ou daquelouta em que «o Faísca que está agora na França... ou cortam na casaca da sociedade estebelecida que os margina como vagabundotes «Fulano tem um carro novo. Só queria saber quem ficou sem ele...» «isto agora basta-lhe assinar mais umas letras...». Pelo meio da tarde vão beber um copo. A noite, se há cinema, vão ao cinema, por vezes a S. João. Se não há vão jogar ou ver jogar. A noite há sempre parceiros: aqueles que trabalham e que, diz o Paulo, «é bom que o lá vão deixar abaixo».

De há uns tempos a esta parte namora. Sim, porque sabe muito bem que assim não é vida. Além de que o pai não dura sempre e o que ele lhe deixar também não. Portanto, seja do trabalho alienado, seja dos rendimentos, isto é, da remuneração do capital, ele

terá que viver. O pai deixa-lhe a loja e um pézito-de-meia que a 8%... Quando vier da tropa, casa-se. Se a mulher tiver «queda» para o negócio e atendendo a que a loja está num bom sítio...

A moça que o Paulo namora foi subindo na hierarquia social sendo hoje empregada nas malhas. A seguir vêm as empregadas de cabeleireiro, de consultório... e por aí fora na hierarquia em que os vestidos, as jóias, a marca do carro, o laser são o símbolo de estabilidade e respectabilidade servindo ao mesmo tempo para disfarçar o medo — traduzido numa necessidade imperiosa da opinião, isto é, dependem da opinião — de descer na citada hierarquia.

«Winchester»
«Que é isso?»
«73»

«Cante-me isso em condições!»

O afluxo sanguíneo; o grotesco das bocas babosas e obeias de milho; o fumo insuportável; o fogo que tem que ser continuamente alimentado; a sorte madrastra; o limite. A magia que emana da sala.

«73»
«Chega!»

DEPOIS QUE O JOÃO MORREU

Por M. Ilda Costa Figueiredo

Os dias são amassados com mesas partidas e talhas furadas por falta de azeite (é por isso que não há luz desde que o João morreu) ou porque se acabou no canto da arca a caixa dos segredos.

os meus segredos são palavras amassadas letras cuspidas do cimo da ponte para o lado do rio.

e a casa não tem luz desde que o João morreu

ferve-se na lareira e naco de confiança que ontem nasceu

as crianças estão longe na infância sem piões nem bonecos como os velhos a cair de velhos no asilo de doentes por serem velhos com especialidade.

O DIA NOVO

Por Filipe Guerra

Nítido, diferente e nosso. Interessa o dia mesmo com as sombras. Convém respirá-lo com força, mordê-lo com força até deitar sumo, ferrar-lhe os dentes.

Nada de histórias, histórias são do passado e o dia é inventado em cada segundo.

Este dia é uma certeza flagrante e irreversível, é preciso tirar-lhe a máscara e ferrar-lhe os dentes e deitá-lo fora se já estiver seco. Escolher. Hesitar é sonhar.

Já se vêem ribeiros, folhagens e coelhos bravos em plena zona industrial. Convém mordê-lo.

A proposta da flor cheirar-lhe as raízes e seguir. As sombras do dia:

Cada carro eléctrico é lento e antigo e tem uma placa onde se lê o número

e o destino e onde bate de chapa a escuridão. No interior infiltrou-se um silêncio forte. Além disso está cientificamente provado que o eléctrico além de velho e velhaco também provoca a voz. Há muitas coisas que você não sabe se não as inventar.

Porque se deixa levar ao seu destino dentro de coisas tão velhas? E por que razão mostra no focinho esse ar de repouso e segurança quando vai no eléctrico? Tenham calma e gloriem-se culpados, vá lá, Tenham calma, TENHAM CALMA não me façam gritar.

Nada de histórias. — Porque não falas tu?

— Tenho azia. Nem feliz nem infelizmente, nada de histórias, é o dia novo.

POEMA

Por Joaquim Pessoa

Era abril talvez abril ou maio e tempo em que sabíamos claramente o cor dos nossos olhos e dor dos nossos membros silenciosos e verdadeiros em cada fruto

e cada um de nós era um sol enforcado no ramo mais alto de cada árvore pedindo e sodo de uma nuvem cheia de chuva e fumaça de todos os frutos silvestres e meduros